

JACIANE LOBO BAMBIRRA

**CONHECIMENTO E APLICAÇÃO DE DIFERENTES ESTRATÉGIAS DE ENSINO
DE PARTICIPANTES DO PIBID DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA DE UMA
UNIVERSIDADE FEDERAL MINEIRA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências do Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Rafael Gustavo Rigolon

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2022**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa

T

B199c
2022 Bambirra, Jaciane Lobo, 1995-
Conhecimento e aplicação de diferentes estratégias de ensino de
participantes do Pibid de Ciências e Biologia de uma universidade
federal mineira durante a pandemia de covid-19 / Jaciane Lobo
Bambirra. - Viçosa, MG, 2022.
1 dissertação eletrônica (127 f.)

Inclui apêndices.

Orientador: Rafael Gustavo Rigolon da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Biologia Geral, 2022.

Referências bibliográficas: f. 103-116.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2022.447>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Ensino auxiliado por computador. 2. Ensino - Metodologia. 3.
Ciências (Elementar) - Estudo e ensino. 4. Biologia - Estudo e ensino.
5. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Brasil). I.
Silva, Rafael Gustavo Rigolon da, 1983-. II. Universidade Federal de
Viçosa. Departamento de Biologia Geral. Programa de Pós-Graduação
em Educação em Ciências e Matemática. III. Título.

CDD 22. ed. 371.334

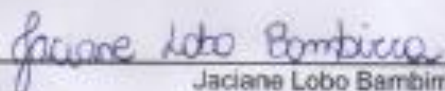
JACIANE LOBO BAMBIRRA

**CONHECIMENTO E APLICAÇÃO DE DIFERENTES ESTRATÉGIAS DE ENSINO
DE PARTICIPANTES DO PIBID DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA DE UMA
UNIVERSIDADE FEDERAL MINEIRA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

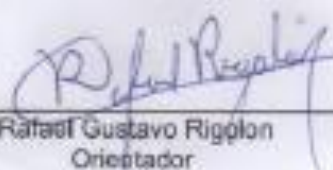
Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências do Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 23 de maio de 2022.

Assentimento:



Jaciane Lobo Bambirra
Autora



Rafael Gustavo Rigolon
Orientador

Dedico este trabalho aos amores da minha vida: minha mãe, meu pai (sempre presente), minhas irmãs, minha sobrinha, meu noivo e meus afilhados. Também dedico a todos que estiveram presentes na minha vida nessa longa jornada que me trouxe até aqui. Gratidão aos amigos, a família e ao meu orientador.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui é uma grande vitória pela qual eu passei muitos anos da minha vida apenas sonhando. Ver aquela menininha que eu era, que tinha grandes sonhos para a vida adulta, conquistando coisas que eu nem imaginava conquistar um dia, é mais do que a realização de um sonho, é a certeza de que a Jaciane de 15 anos se orgulharia muito da mulher que eu me tornei, mesmo sendo completamente diferente do que eu imaginava. Por isso agradeço, primeiramente, a mim. Por me perdoar nos meus erros e conseguir recomeçar todas as vezes em que eu quase desisti, superando meus próprios obstáculos internos e somando força o suficiente para chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais, Eraldo, a maior saudade da minha vida, e Roseli, o maior amor da minha vida. Sem vocês, eu nada seria (literalmente). Gratidão não só por terem me dado a vida, mas também por me ensinarem tudo que eu sei. Muito obrigada pelas boas características que herdei de vocês como empatia, solidariedade, carinho e amor ao próximo, além do bom coraçãozinho que vocês quem fizeram.

Agradeço às minhas irmãs, Jeneine e Jordana, pelo apoio incondicional. Sei que não digo isso tanto, mas tudo de bom que eu faço na minha vida eu me inspiro em vocês. Desde pequenininha que eu sigo o exemplo de cada uma para determinadas coisas que eu faço e eu espero (muito) que vocês tenham orgulho de mim assim como tenho de dizer para o mundo que sou irmã de vocês. Obrigada. Por tudo!

Agradeço à minha sobrinha, Júlia, que desde que nasceu trouxe cor e felicidade para a minha vida e de toda a nossa família. A titia te ama infinito e promete continuar amando para todo o sempre como se você tivesse saído de dentro de mim. Isso aqui também é por você e para você, amor da titia.

Gratidão ao meu noivo Gabriel, por me incentivar em todos os momentos da minha vida. Por ser a minha companhia nos dias bons e o meu suporte e ombro amigo nos dias ruins. Sou muito grata ao universo por ter você do meu lado.

Agradeço aos meus afilhados, Gabriel e Manuela, por todo o carinho e afeto. Obrigada aos meus avós, pelo exemplo de fé, de força e de luta. Gratidão aos meus tios, tias e madrinha, por vibrarem as minhas vitórias junto a mim.

Agradeço aos amigos que fiz na UFV que nunca deixaram de torcer por mim. Em especial: Júlia, Sobral, Patrícia, Amanda, Micaele, Laura, Thaís, Carla, Geniana e Scarlett. Sem o apoio e suporte de vocês, eu não teria chegado até aqui, e, por isso, deixo aqui o meu muito obrigada.

Agradeço aos amigos que mesmo de longe sempre se fizeram presentes, emanando boas energias e vibrações em minha torcida. E muita gratidão a todos os outros amigos que eu fiz nessa vida por aí!

Gratidão ao meu orientador, Rafael Rigolon, pela paciência, ajuda e compreensão em todos os momentos durante os últimos 4 anos de orientação no TCC e no Mestrado. Seu apoio e compreensão em todas as minhas fases, fizeram toda a diferença nessa caminhada!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), deixo a minha gratidão!

Por fim, muito obrigada a Viçosa e a Universidade Federal de Viçosa, que me acolheram e me fizeram me sentir em casa durante os últimos 9 anos. Com certeza deixar essa cidade e essa universidade pública, gratuita, de qualidade e maravilhosa, será a coisa mais difícil que eu já tive que fazer na minha vida.

Mas agora é hora de comemorar. A Jaci é Mestra!!!!

RESUMO

BAMBIRRA, Jaciane Lobo, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, maio de 2022. **Conhecimento e aplicação de diferentes estratégias de ensino de participantes do Pibid de Ciências e Biologia de uma universidade federal mineira durante a pandemia de covid-19.** Orientador: Rafael Gustavo Rigolon.

As estratégias de ensino podem ser entendidas como o estudo dos caminhos pelos quais os educadores devem seguir para orientar os processos de ensino e aprendizagem. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) é um programa do Ministério da Educação que tem como principal objetivo promover a inserção dos estudantes dos cursos das licenciaturas em escolas de Educação Básica da rede pública de ensino. Diante do cenário de pandemia causado pelo coronavírus desde novembro de 2019, surgiu a necessidade de migrar o ensino convencionalmente presencial para o ambiente virtual, sendo necessário reinventar formas de prover o ensino sem afetar em sua qualidade. No presente trabalho buscou-se analisar como a participação no Pibid de Ciências e Biologia de uma universidade federal mineira contribui para a aprendizagem de métodos e estratégias didáticas de seus participantes durante a pandemia de covid. Foram realizadas duas rodadas de entrevistas, com intervalo de doze meses entre elas, contando com a participação de 22 pibidianos do curso de Ciências Biológicas na primeira rodada e 16 na segunda rodada. Após a etapa das entrevistas houve a transcrição fiel dos áudios para a posterior análise de dados. Para a compilação e análise dos dados foi utilizada a técnica da Análise de Conteúdo. Dentro da multiplicidade dos resultados obtidos percebeu-se a necessidade de se promover uma formação continuada em estratégias de ensino e recursos didáticos para os pibidianos a fim de amenizar as diferenças de seus conhecimentos sobre os assuntos. A partir disso, surge o Produto Educacional oriundo do presente trabalho que propõe uma formação continuada para o aprendiz no que tange as estratégias de ensino e os recursos didáticos durante os dezoito meses de cada ciclo de duração do Programa. Em suma, pôde-se concluir que, com o Pibid, foi possível aprender novos meios de dar aulas online, porém há a grande preocupação quanto a aplicação de tudo que foi aprendido para quando o ensino se tornar presencial novamente. Além disso, principalmente durante o ensino remoto, o programa foi um momento de aprendizado sobre a não romantização da

profissão, e o espaço para compreender melhor as desigualdades, a falta de acesso e a falta de interesse dos alunos em aprender. Esses fatores afetaram diretamente na saúde mental dos pibidianos e, conseqüentemente, na aprendizagem e disposição de propor estratégias e recursos diferenciados em suas aulas. Assim, espera-se que a partir deste trabalho se possa reconhecer a necessidade de uma formação continuada com momentos formativos oferecidos aos participantes do Pibid, além de reconhecer os desafios e o cenário de lutas constantes pela melhoria das condições e investimentos destinados à Educação.

Palavras-chave: Estratégias de Ensino. Pibid. Coronavírus. Pandemia. Ensino e aprendizagem. Ensino remoto.

ABSTRACT

BAMBIRRA, Jaciane Lobo, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, May, 2022. **Knowledge and application of different teaching strategies by Pibid Science and Biology participants at a federal university in Minas Gerais during the covid-19 pandemic.** Adviser: Rafael Gustavo Rigolon.

Teaching strategies can be understood as the study of the paths that educators should follow to guide the teaching and learning processes. The Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation (Pibid) is a program of the Ministry of Education whose main objective is to promote the insertion of students in undergraduate courses in Basic Education schools in the public education network. Faced with the pandemic scenario caused by the coronavirus since November 2019, there has been a migration from face-to-face teaching to the virtual environment, and it is necessary to reinvent new ways of providing education with quality. In the present work, we sought to analyze how participation in the Science and Biology Pibid of a federal university in Minas Gerais contributes to the learning of teaching methods and strategies of its fellows during the covid pandemic. Two rounds of interviews were carried out, with an interval of twelve months between them, with the participation of 22 Pibidians from the Biological Sciences course in the first round and 16 in the second round. After the interviews, there was a faithful transcription of the audios for further data analysis. Within the multiplicity of the results obtained, it was noticed the need to promote a standardized formation in teaching methodologies and didactic resources for the Pibidians to alleviate the differences in their knowledge on the subjects. From this, emerges the Educational Product from the present work that proposes a standardization of learning regarding teaching methodologies and didactic resources during the eighteen months of each cycle of duration of the Program. It can be concluded that, with Pibid, it was possible to learn new ways of teaching online, but there is great concern about the application of everything that has been learned for when teaching becomes face-to-face again. In addition, especially during remote teaching, the program was a learning moment about not only romanticizing the profession, understanding about inequalities, lack of access and students' lack of interest in learning, which were factors that affected the mental health of Pibidians and, consequently, in learning and willingness to propose different methodologies and

resources in their classes. It is expected that from this work, the need to standardize the training moments offered to Pibid participants will be recognized, in addition to recognizing the challenges and the scenario of constant struggles for the improvement of conditions and investments destined for Education.

Keywords: Teaching Methodologies. Pibid. Coronavirus. Pandemic. Teaching and learning. Remote teaching.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Motivos para escolha de um curso de licenciatura	37
Quadro 2 – Se vê como professor sendo a profissão do seu futuro.....	41
Quadro 3 – Motivos para escolha da área de Ciências Biológicas.....	44
Quadro 4 – Motivos para participar do Pibid.	46
Quadro 5 – Pibid enquanto diferencial para formação docente.....	52
Quadro 6 – Estratégias de ensino conhecidas	57
Quadro 7 – Locais que proporcionam o contato com estratégias de ensino	63
Quadro 8 – Principais desafios do ensino remoto	66
Quadro 9 – Adaptação dos professores ao ensino remoto e estratégias e recursos utilizados para ministrar uma aula.....	70
Quadro 10 – Influências da pandemia na saúde mental	74
Quadro 11 – Experiências e bagagem de conhecimentos adquiridos durante a participação no Pibid.	78
Quadro 12 – Influências do professor supervisor na bagagem de conhecimentos sobre as estratégias de ensino	83
Quadro 13 – Influências da pandemia e do ensino remoto nos conhecimentos sobre estratégias de ensino	87
Quadro 14 – Influências da participação no Pibid na formação docente.....	91
Quadro 15 – Conhecimento sobre novas estratégias de ensino	93
Quadro 16 – Estratégias utilizadas para ministrar uma aula	95
Quadro 17 – Estratégias e recursos utilizados mediante oportunidade de lecionar uma aula	97

SUMÁRIO

TECITURAS INICIAIS	12
CAPÍTULO 1. ESTRATÉGIAS DE ENSINO NO CONTEXTO DO PIBID E DA PANDEMIA DE COVID-19: CONTRIBUIÇÕES DE OUTROS ESTUDOS	16
1.1 Formação de professores e o histórico de construção do Pibid	16
1.2 Estratégias de ensino e recursos didáticos em tempos de pandemia	9
1.3 Desafios enfrentados pelos pibidianos durante a pandemia de covid-19	25
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA DA PESQUISA	27
2.1 Objetivos	27
2.2 Delineamento metodológico da pesquisa	27
2.3 Sujeitos participantes da pesquisa e constituição de dados	39
2.4 Procedimentos para análise de dados	31
CAPÍTULO 3. RESULTADOS OBTIDOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS COM OS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA E DISCUSSÕES	35
3.1 Perfil dos entrevistados	35
3.2 Formação profissional	36
3.2.1 Parte 1 das entrevistas	36
3.2.2 Parte 2 das entrevistas	77
CAPÍTULO 4. PRODUTO EDUCACIONAL: PLANO DE ESTUDOS DE ESTRATÉGIAS DE ENSINO DURANTE O PIBID	99
5. CONCLUSÕES	101
6. REFERÊNCIAS.....	104
7. APÊNDICES.....	118

TECITURAS INICIAIS

A minha trajetória acadêmica se iniciou em 2013, no curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Ingressei na universidade na modalidade Bacharelado, mas já nos primeiros períodos da graduação descobri que, na verdade, a minha vontade mesmo era de ajudar a transformar o mundo pela Educação. Dessa forma, primeiramente concluí a graduação em licenciatura, que era a minha prioridade, e posteriormente também me tornei bacharela em Ciências Biológicas.

Foi na licenciatura que tive a oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no qual fui bolsista em 2017. Participar do Pibid não só me permitiu confirmar a minha vontade de ser professora, como também me proporcionou o primeiro contato com as salas de aulas, conhecendo as realidades das escolas e vivenciando muitos dos desafios dos professores dentro de uma sala de aula.

Durante minha participação no Pibid tive oportunidade de trabalhar com várias turmas, compostas por alunos que necessitavam de formas e recursos diferentes para aprender. Dessa forma, foi necessário adaptar as estratégias de ensino utilizadas em sala de aula de acordo com as necessidades e potencialidades de cada turma. Para cada uma delas que tive a oportunidade de ministrar alguma aula, eu pude observar qual estratégia era mais aceita ou mais rejeitada pelos alunos e a partir disso, comecei a desenvolver minhas aulas focando nas particularidades de cada uma. Destaco que a aprendizagem de estratégias de ensino foi primordial para a minha formação, mas a aplicação e o teste dessas estratégias, na prática, me permitiram perceber que em cada turma, elas funcionam de forma diferente.

É certo que, no Pibid, temos a oportunidade de aplicar e testar novas e diferentes estratégias de ensino em sala de aula, mas, uma das questões que surgiram ao longo da minha experiência no programa e que passei a refletir, anos depois da minha participação, foi sobre a aprendizagem dessas estratégias. Questionamentos como: “onde eu aprendi essas estratégias de ensino?” ou “será que o Pibid me auxiliou na busca de conhecimento sobre as diferentes estratégias de ensino?” começaram a ganhar voz na minha cabeça, e, a partir daí, surgiu a minha motivação de pesquisar mais a fundo para encontrar respostas para esses

questionamentos, não só para mim, mas também para garantir um fidejussório no que cerne esse ponto específico dentro do Programa.

O que não era esperado e que fugiu do controle de todos nós, foi que uma grande pandemia afetaria o Brasil e o mundo desde 2019. Pandemia essa que interferiu não só na saúde e na vida da população, mas também em todos os outros aspectos para manutenção de uma vida de qualidade, incluindo a Educação. A partir do surgimento do primeiro caso de covid no Brasil, a realidade escolar passou por diversas alterações devido à necessidade de retornar o ensino que passou a ser totalmente remoto. Professores, alunos, pais, diretores, e todos os envolvidos no processo educacional, precisaram se adaptar às diferentes ferramentas e formatos de aula para dar continuidade ao ensino. O novo contexto da Educação gerou consequências profundas no ensino e na aprendizagem. Questões delicadas como a desigualdade social e o déficit educacional ficaram ainda mais evidentes no cenário de pandemia, sendo a acessibilidade tecnológica, a meu ver, um dos maiores desafios à execução do ensino remoto.

Outro grande desafio foi a adequação das aulas, materiais e atividades, que antes eram pensados para o ensino presencial e que no período de pandemia precisaram, de alguma forma, passar por transformações para se adaptarem ao novo contexto do ensino remoto emergencial. Muitas tecnologias, programas, aplicativos e plataformas precisaram ser consideradas e aprendidas nesse momento de crise educacional.

A necessidade de utilização dessas tecnologias é um dos grandes desafios educacionais durante a pandemia. E, no que concerne ao Pibid, por diversas vezes, há uma falta de infraestrutura e planejamento adequados para se realizarem as aulas remotas. Muitos alunos não possuem um ambiente doméstico tranquilo e agraciado de tecnologias suficientes para que possam ter o acesso às aulas de forma igualitária e não excludente. Ainda no cenário do Pibid, também se pode citar outros desafios para promoção da Educação em tempos remotos. Primeiramente, pode-se citar que não é possível supor que todos os estudantes – aqueles das escolas da rede pública de ensino bem como os estudantes participantes do Pibid – têm acesso contínuo e ilimitado à internet. Além disso, possivelmente nem todos os professores supervisores e coordenadores de área vivenciaram experiências de contato com as tecnologias

educacionais durante a sua formação. No mais, em muitos casos, também é possível que além dos alunos das escolas da rede pública de ensino, os professores e pibidianos também não tenham os recursos necessários para a produção de estratégias diferenciadas para suas aulas.

Assim, considerando a minha trajetória como pibidiana durante a graduação, juntamente ao cenário educacional que o Brasil se encontrou durante a pandemia, surgiu a motivação para realizar a presente pesquisa que tem como objetivo analisar como a participação no Pibid de Ciências e Biologia de uma universidade federal mineira contribuiu para a aprendizagem de métodos e estratégias didáticas de seus participantes durante a pandemia covídica. Além disso, também buscou-se levantar quais são os métodos e as estratégias didáticas utilizadas pelos pibidianos durante as aulas remotas ministradas por eles para os alunos da rede estadual de ensino, constatar quais estratégias de ensino o Pibid de Ciências e Biologia dessa universidade ensinou aos seus participantes, identificar quais são os principais desafios e oportunidades vividas pelos pibidianos em se criar novas estratégias de ensino e/ou adaptar as já existentes para que sejam mais aplicáveis durante o momento de pandemia e, por fim, sugerir um planejamento de conteúdos para se abordar acerca das estratégias de ensino e recursos didáticos durante as reuniões formativas do Pibid.

Além da dissertação, realizou-se a confecção do produto educacional, pré-requisito para obtenção de título de Mestra em Educação em Ciências e Matemática. As informações referentes ao produto educacional serão disponibilizadas no último capítulo da presente dissertação.

Dessa forma, essa dissertação se organiza em quatro capítulos. No primeiro, apresenta-se a revisão de literatura que embasam os estudos referentes à da temática deste trabalho bem como a abordagem do contexto educacional brasileiro diante da pandemia de covid e dados sobre as questões como as desigualdades sociais e saúde mental de professores e pibidianos. As considerações metodológicas (objetivos da pesquisa, delineamento metodológico, sujeitos da pesquisa, constituição e análise de dados) são apresentadas no segundo capítulo da pesquisa. O terceiro capítulo se destina à apresentação dos resultados e das discussões que emergiram deles. O

quarto capítulo foi reservado ao detalhamento da produção do produto educacional, fruto desta pesquisa. Por último, as conclusões e referências do presente trabalho.

É esperado que os resultados da pesquisa possam contribuir para a valorização de programas de formação inicial de professores, locais tão importantes para o começo da identificação e formação docente dos licenciandos. Além disso, se espera que o Pibid seja um local não só para construção da identidade docente, mas também tenha um foco maior na promoção de momentos formativos sobre estratégias de ensino e recursos didáticos no qual os pibidianos possam adquirir um arcabouço de técnicas essenciais para lecionar aulas de qualidade aos seus futuros alunos.

CAPÍTULO 1. ESTRATÉGIAS DE ENSINO NO CONTEXTO DO PIBID E DA PANDEMIA DE COVID-19: CONTRIBUIÇÕES DE OUTROS ESTUDOS

Neste capítulo, serão apresentados os tópicos necessários para a compreensão das diferentes temáticas que norteiam o trabalho. Sendo assim, se segue a fundamentação teórica utilizada para basear e fundamentar a presente pesquisa.

1.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O HISTÓRICO DE CONSTRUÇÃO DO PIBID

A formação de professores é um processo árduo e longo devido à necessidade de se formar futuros docentes que se responsabilizarão pela formação de cidadãos críticos e reflexivos. Sendo assim, é indispensável considerar a importância do professor na sociedade brasileira, já que esses profissionais são grandes influentes no comportamento das pessoas.

Segundo Vogel, 2020, a desvalorização dos profissionais da Educação pelas indignas condições salariais e de trabalho de grande parte das escolas públicas e privadas, que acabaram sendo naturalizados pela sociedade brasileira, repeliram muitos indivíduos para essa área de atuação antes mesmo de cogitarem a licenciatura para sua formação. Dessa maneira, além da necessidade de se firmar uma política de Estado no Brasil que valorize de fato a Educação, também há a necessidade de melhorar a formação de professores.

As condições impostas ao trabalho dos professores na sociedade atual e o reconhecimento de que a formação em cursos superiores de licenciatura não é capaz de ofertar as habilidades necessárias para encarar os desafios da docência colocam em pauta a questão do papel das universidades na formação de licenciandos, futuros professores (GATTI, 2014).

Nos currículos das licenciaturas, a relação teoria-prática é escassa, assim como os estudos sobre a realidade da escola, o que mostra que a formação pode adquirir um caráter abstrato e desarticulado da realidade da atuação do professor (GATTI, 2014).

As práticas educativas dentro de uma sala de aula, com alunos presentes, são indispensáveis para a formação do futuro professor. A desconexão entre a formação nas licenciaturas e a parte prática da docência é salientada por Zeichner (2010) como o grande problema na formação do professor. Esse grande distanciamento entre a formação universitária e a prática docente deve ser uma preocupação constante para todos os responsáveis no processo de formação de professores, pois a prática docente é o local estruturante da atividade docente.

Nesse contexto, surgiu o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), em 2007, nas instituições de Ensino Superior. Em 2009, o programa foi adotado como política de Estado associado à formação de professores no Brasil, por meio do Decreto N.º 6.755 de 29 de janeiro de 2009 (BRASIL, 2009). Dessa forma,

o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência oferece bolsas de iniciação aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. (BRASIL, 2009).

O Pibid foi planejado a partir de uma ação coletiva do Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Superior (Sesu), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). A proposta inicial do projeto era de alavancar a formação docente nas instituições de Ensino Superior.

De acordo com Gatti (2014), o Pibid se expandiu rapidamente, englobando universidades públicas de âmbito estadual, municipal e comunitárias, abrangendo todas as licenciaturas. Em 2007, cerca de 3000 bolsistas das áreas de Física, Química, Biologia e Matemática para o Ensino Médio, eram englobados pelo programa. Em 2012, esse número subiu para cerca de 40 mil bolsistas licenciandos, 3 mil coordenadores de área e 6 mil professores supervisores, totalizando quase 50 mil bolsas. Em 2014, chegou-se em torno de 90 mil bolsistas, abrangendo aproximadamente 5 mil escolas de Educação Básica e 284 instituições de Ensino Superior (GATTI, 2014).

“O Pibid é parte de um movimento de políticas públicas que surgiu com o objetivo de suprir a defasagem de formação e a desvalorização do trabalho docente.” (SCHEIBE, 2010, p. 996). Isso se dá, principalmente, a partir da concessão de bolsas

para os pibidianos estudantes das diferentes licenciaturas englobadas pelo projeto. O objetivo é incentivar os estudantes a escolherem a carreira docente ao possibilitar a construção da identidade profissional desde começo do curso, superando todos os obstáculos que serão enfrentados futuramente em sua carreira de magistério.

Quanto à adesão ao programa, instituições federais e estaduais de Ensino Superior e institutos federais de Educação, Ciência e Tecnologia que possuam conceito satisfatório no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) têm potencial para apresentar propostas de projetos de iniciação à docência.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), o Pibid oferta bolsas de iniciação à docência para estudantes de graduação em cursos presenciais que se comprometam a realizar o estágio nas escolas públicas e, quando graduados, deem continuidade ao ensino e exercício do magistério na rede pública. Com isso, o Programa tem como objetivo aproximar os futuros professores e as salas de aula da rede pública. Essa iniciativa promove a aproximação entre os alunos das licenciaturas de cursos superiores e as escolas públicas estaduais e municipais

O Pibid se apresenta como uma forma de grande incentivo à carreira docente para os estudantes das licenciaturas em institutos de Ensino Superior por ser uma forma de estágio remunerado ainda durante o período de graduação. De acordo com o MEC, nos primeiros editais do Pibid, todos os sujeitos envolvidos no programa recebiam bolsas mensais que variavam entre R\$1.200,00 para os coordenadores de áreas do conhecimento, R\$600,00 para os professores que ministravam as disciplinas nas escolas onde os bolsistas estagiaram e R\$350,00 para os alunos dos cursos de licenciatura englobados pelo programa.

Para Tardif (2002, p. 82), o começo do profissional na carreira docente “representa uma fase crítica em relação às experiências anteriores e o confronto inicial com a dura e complexa realidade do exercício da profissão, à desilusão e ao desencanto dos primeiros tempos de profissão”. De acordo com o autor, essa fase é reconhecida como o “choque de realidade”.

Assim, para Vogel, 2020, programas de iniciação à docência, são necessários para aproximar a realidade da escola com os alunos das licenciaturas ainda durante a sua formação, reduzindo o abismo entre a formação teórica nos cursos de

graduação e a realidade nua e crua enfrentada pelos professores em exercício, realidade a qual esses futuros docentes enfrentarão ao saírem da universidade e se tornarem, de fato, professores.

Apesar disso, o Pibid, desde 2016, passa por inúmeros ataques e, atualmente, sofre com a perda e o atraso no pagamento de bolsas, a desvalorização e o desrespeito a esta política de formação de docentes, que é tão valiosa para os seus egressos. Lutar para que este programa seja respeitado e amplificado traz a certeza de que os futuros licenciandos se formarão em um ambiente propício a discussão e se tornarão capazes de garantir a qualidade da Educação Pública. Assim, é necessário estar sempre atento e ativo na defesa desse Programa, pioneiro na formação de futuros professores (VOGEL, 2020).

1.2 ESTRATÉGIAS DE ENSINO E RECURSOS DIDÁTICOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Na presente pesquisa, entende-se como sinônimos os termos estratégias de ensino, estratégias didáticas e metodologias de ensino. Esses termos se referem à utilização de aulas com metodologias diferenciadas das tradicionais aulas expositivas. Sendo assim, para a pesquisa, todas as modalidades de aulas se caracterizam como estratégias e/ou metodologias de ensino.

Além disso, entende-se como recursos didáticos, todos os materiais necessários para lecionar uma aula. Assim sendo, os recursos são ferramentas que auxiliam o processo de ensino e aprendizagem, facilitando a compreensão dos mais variados assuntos que devem ser abordados pelos professores.

As descobertas da Ciência e o grande avanço tecnológico das últimas décadas, não foram capazes de evitar o aparecimento da pandemia de covid, instaurada em todo o mundo desde o fim do ano de 2019. O coronavírus gerou impactos globais em todos os setores: sociais, culturais, econômicos, culturais, saúde e tecnológicos (RODRIGUES *et al.*, 2021).

Para a Educação, os efeitos da pandemia foram evidentes, afetando todo o processo de escolarização. A Organização Mundial da Saúde (OMS), decretou

emergência causada pela pandemia e estabeleceu algumas recomendações como forma de evitar a disseminação do vírus. Assim, além das diversas orientações direcionadas para a população de higiene pessoal como a correta higienização de mãos e objetos, também foram recomendadas estratégias de distanciamento social (DOSEA *et al.* 2020).

Tais recomendações de distanciamento, entretanto, afetaram diretamente o âmbito educacional, suspendendo as aulas e as atividades presenciais. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), confirmou no dia 18 de março de 2020 o fechamento de todas as atividades presenciais em 85 países como forma de evitar a disseminação do coronavírus, o que atingiu 776,7 milhões de estudantes (UNESCO, 2020).

Dessa forma, diante do cenário de pandemia causado pelo coronavírus, surgiu a necessidade de migrar o ensino convencionalmente presencial para o ambiente virtual, sendo necessário reinventar novas formas de prover o ensino sem afetar em sua qualidade. Com esse intuito de suprir as necessidades em relação ao ensino remoto emergencial, os professores e estagiários se encontram em um cenário onde é necessário utilizar as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) além de ser primordial refletir sobre a utilização de novas estratégias de ensino (SANTOS, 2020).

Nas Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+) do Ensino Médio, já constava a necessidade de diversificar materiais e recursos didáticos para o ensino, como: utilização de vídeos, filmes, músicas, entre outros, para o ensino das Ciências da Natureza. (RODRIGUES *et al.*, 2021).

Com as transformações na sociedade devido às mudanças educacionais causadas pelo uso das tecnologias, surgiu a necessidade de adaptar as formas tradicionais de ensinar, inserindo novas formas de ensino e demandando dos docentes novas estratégias para ensinar com o objetivo de aprimorar as práticas e os saberes docentes (VAILLANT; MARCELO, 2012).

Com isso, a Educação tem continuamente se transformado visando acompanhar a evolução tecnológica e assegurar os interesses do público que não

mais se satisfaz com a educação bancária, focada no ensino tradicional (FREIRE, 2014), tornando-se necessário refletir sobre a utilização de estratégias de ensino diferentes, bem como as tecnologias necessárias que as sustentam (SCHENEIDERS, 2018).

A possibilidade de uso de diversas estratégias e recursos são capazes de abranger melhor os estudantes na sua aprendizagem, possibilitando a integração entre diferentes saberes e motivando, instigando e favorecendo o debate sobre as atualidades. (BRASIL, 2002). A utilização de variadas estratégias de ensino possibilita a ampliação das possibilidades de aprendizagem para os alunos, organizando o pensamento crítico e desenvolvendo as competências de resolução de problemas (BERBEL, 2011).

Oliveira, Figueiredo e Félix (2020) salientam que, o professor que resiste às novas tecnologias, indispensáveis no cenário atual, necessitam aprimorar sua prática docente e assumir uma nova postura no ato de ensinar. Porém, segundo Santos (2020), alguns professores resistem às necessidades de mudança diante ao cenário educacional atual quanto às novas estratégias de ensino que sejam mais adequadas para o momento de ensino emergencial remoto. Por vezes, esse fato pode ocorrer devido aos professores já possuírem uma bagagem de conhecimentos e de estratégias consolidadas para lecionar, que desenvolveram ao longo de toda a sua carreira profissional, o que faz com que esses docentes acreditem que não é necessário mudar e aperfeiçoar as estratégias utilizadas. Além disso, boa parte dos professores podem resistir as mudanças devido a falta de formação profissional para alcançar as mudanças almejadas pela Educação atual.

Com isso, a formação de professores vem sendo bastante discutida durante as últimas décadas. De acordo com Novoa (2009) é preciso conhecer o professor, qual é a sua formação e como ele se construiu no decorrer de sua carreira para poder entender as práticas pedagógicas utilizadas nas salas de aula, já que ser professor é um processo árduo e demorado onde sempre é necessário aprimorar o aprendizado.

Na prática educativa, é essencial que se respeite as diferenças de aprendizagem de cada aluno, sempre levando em consideração as limitações e potencialidades, pois a educação conscientizadora é aquela que problematiza, critica

e prioriza o diálogo, o amor, o respeito, partindo de situações vividas na realidade dos alunos (FREIRE, 1987).

Uma escola que ensina e avalia todos os seus estudantes de forma padrão e sempre igual, ignora que o conhecimento é baseado em competências cognitivas, pessoais e sociais (MORAN, 2015). Por isso, é necessário buscar novas estratégias que garantam a qualidade do ensino e uma aprendizagem mais real, considerando as diferenças e aproximando-se da realidade dos alunos.

Considerando-se a necessidade de inovação nas práticas educativas e a busca por estratégias e recursos tecnológicos que respeitem as diferenças entre os alunos, Miranda *et al.* (2020) destacam algumas possibilidades como: o uso de vídeo conferências, a produção de vídeo aulas para disponibilizar no *YouTube* ou em grupos do *WhatsApp*, em que os principais recursos seriam o celular e o *notebook*, aulas expositivas por meio de plataformas *on-line*. Também se destaca as apostilas eletrônicas no *Google Classroom*, as atividades impressas para os estudantes que não possuem acesso aos recursos tecnológicos, mapas conceituais e indicação de filmes.

A criatividade dos professores brasileiros em se adaptar à nova realidade é indescritível no que se trata da criação de recursos midiáticos: criação de vídeo aulas para que os alunos possam acessar de forma assíncrona além das aulas através de videoconferência para a execução de atividades síncronas como em sala de aula. Uma revolução educacional sobre o quanto a tecnologia tem se mostrado eficiente e o quanto as pessoas precisam estar aptas a esse avanço tecnológico. (CORDEIRO; p.06, 2020).

Já em relação às ferramentas e plataformas digitais utilizadas para comunicação entre professores e alunos, Miranda *et al.* (2020) destacam o uso de redes sociais como *Facebook*, *Telegram*, *Instagram* e *WhatsApp* e plataformas como o *Google Classroom*, *Google Meets*, *Zoom* e *Microsoft Teams*.

O avanço das tecnologias digitais de informação possibilitou a criação de ferramentas que podem ser utilizadas pelos professores em sala de aula, o que permite maior disponibilidade de informação e recursos para o educando, tornando o processo educativo mais dinâmico, eficiente e inovador. O uso das ferramentas tecnológicas na educação deve ser visto sob a ótica de uma nova metodologia de ensino, possibilitando a interação digital dos educandos com os conteúdos, isto é, o aluno passa a interagir com diversas ferramentas que o possibilitam a utilizar os seus esquemas mentais a partir do uso racional e mediado da informação (CORDEIRO; 2020, p. 04).

O ensino a distância espera dos alunos a construção da autonomia na busca do seu conhecimento, assim como também espera que eles encontrem certa satisfação ao estudar assuntos pré-determinados por meio de plataformas digitais (ISHIDA; STEFANO; ANDRADE, 2013). Nesse contexto, ressurgem a discussão sobre as metodologias ativas. As metodologias ativas colocam o estudante em papel de protagonismo, onde ele resolve problemas, mobiliza o seu poder cognitivo ao enfrentar situações reais, e forma um pensamento crítico e reflexivo e, assim, se torna um cidadão capaz de posicionar-se eticamente na sociedade (FARIAS; MARTINS; CRISTO, 2016).

A aprendizagem ativa dialoga com os ideais de Paulo Freire (1981) que salientou a importância de o professor estimular a reflexão e o pensamento crítico em seus alunos, além de garantir maior autonomia ao estudante no seu próprio processo de ensino e aprendizagem, focando no seu desenvolvimento integral e suprimindo as novas necessidades surgidas neste século. Para Freire, 2011, ao buscar aguçar sua curiosidade, deixando-o chegar, de fato, a uma verdadeira autonomia, o estudante consegue alcançar o autêntico conhecimento.

Assim, Fonseca e Mattar (2017), salientaram a eficiência das metodologias ativas na educação a distância, desde que a metodologia aplicada seja de completa compreensão para todos os participantes. Rodrigues e Lemos (2019) ressaltam que os métodos ativos esperam uma maior autonomia e interação entre alunos e professores e funcionam quando o aluno é protagonista, ou seja, os estudantes precisam participar ativamente das discussões geradas, esclarecer as suas dúvidas, expor as suas opiniões, realizar pesquisas sobre os assuntos abordados, entre outros. De acordo com os autores, os métodos ativos desenvolvem nos alunos a reflexão, valores éticos, criticidade, trabalho em equipe, desenvolvimento de habilidades e a preparação para a atuação profissional.

A Base Curricular Nacional (BNCC) dispõe como uma de suas competências gerais da educação, o uso das tecnologias como instrumento capaz de promover uma aprendizagem crítica e significativa (BRASIL, 2018).

Com o crescimento das redes sociais e a facilidade com que os vídeos na *web* se tornam virais, para Moreira *et al.* (2020), na atualidade é muito acessível gravar, editar e compartilhar vídeos utilizando equipamentos simples e aplicativos gratuitos para

edição de vídeos. Assim, essa ferramenta pode ser considerada como uma opção válida de estratégias de ensino durante as aulas remotas.

As tecnologias digitais de comunicação e informação (TDICs) foram uma das soluções mais debatidas na busca de novas estratégias de ensino que garantam que as orientações da OMS para o isolamento social sejam mantidas. A utilização das TDIC possibilita a não interrupção dos estudos, tornando viável o ensino remoto emergencial (MÉDICI; TATTO; LEAO, 2020).

Historicamente, os celulares em sala de aula sempre foram considerados por muitos como grandes vilões do ensino, como ressalta Seabra (2013). Entretanto, esses dispositivos móveis, assim como *tablets* e *notebooks*, ganharam espaço em sala de aula por permitir o acesso a informações.

Apesar disso, existem obstáculos para a implantação de ferramentas tecnológicas na educação. O principal deles é a falta de capacitação de professores para manuseio dessas ferramentas (ROSA, 2020). Goldbach e Macedo (2007) reiteram a importância de os docentes investirem em cursos de atualização das estratégias de ensino para aperfeiçoar a sua prática.

A literatura, entretanto, aponta fragilidades no ensino remoto, assim como destacam Alonso e Silva (2018) ao relatarem os variados fatores limitantes e condicionantes para a aprendizagem como a falta de acesso à internet, a instabilidade do sinal de *Wi-Fi*, a falta de recursos tecnológicos (*notebook*, *tablet*, *smartphones*, entre outros), a qualidade da transmissão da aula, e a facilidade para distração dos alunos. Para esses autores, essas condições complicadoras afetam diretamente o processo de ensino e aprendizagem, de maneira que, quanto mais as situações complicadoras aumentam, menor é a satisfação e a participação dos alunos durante as atividades em aulas remotas.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentou que, em 2018, 1 a cada 4 brasileiros não tinha acesso à internet, o que corresponde a aproximadamente 46 milhões de pessoas. Assim, de acordo com Kenski (2015), é necessário considerar que muitos alunos não possuem condições para acesso às plataformas onde se encontram os materiais para estudo disponibilizadas pelas

instituições de ensino, principalmente por não terem acesso a redes de internet estável em casa.

O cenário evidenciado pela pandemia trouxe o agravamento de questões que já existiam no ensino presencial, mostrando a inevitabilidade da busca por mudanças no cenário educacional que demanda um grande investimento em estrutura física e pessoal, para garantir uma educação de qualidade para todos.

1.3 DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PIBIDIANOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Os problemas relacionados à Educação em tempos de pandemia afetaram diretamente a formação inicial de professores, fazendo-se necessário encontrar maneiras para amenizar os prejuízos. (NEVES *et al.*, 2021). No âmbito do Pibid, é preciso pensar no coletivo e trabalhar em conjunto para vencer as dificuldades impostas pelo sistema remoto.

As adversidades advindas da educação pandêmica causaram à Educação o redobramento de esforços para proporcionar uma aprendizagem do ser docente mais significativa, considerando as limitações impostas pelo cenário atual, mas também pensando em novas oportunidades, como o uso de recursos tecnológicos e estratégias diferenciadas por meio de plataformas digitais diversas (ALVES, 2021).

O cenário no qual os pibidianos iam para as escolas conhecer um pouco mais sobre o dia a dia no ambiente escolar e acompanhar as aulas, interagindo com alunos, professores e funcionários, se tornou extinto durante a pandemia de covid. Assim, os atuais pibidianos, bolsistas e voluntários do Pibid, estão passando por um processo de adaptação para participar das aulas de forma remota, por meio de plataformas *on-line* (OLIVEIRA, 2021).

Os participantes têm enfrentado um grande desafio em um cenário novo para todos os envolvidos. É certo que a Educação não será mais como antes, bem como o Programa e os seus estagiários que enfrentam uma mudança brusca no campo da Educação, onde é necessário que todos se adequem as novas realidades e busquem alternativas para as suas práticas docentes.

Nesse contexto, Bocacio (2021) defende que, nesse momento, se torna possível a construção de outros modos de docência. Assim, se busca responder se o momento atual de pandemia é propício para que os pibidianos e professores repensem as suas práticas pedagógicas, buscando adequar as estratégias de ensino já existentes para o ensino remoto ou criando estratégias novas mais adequadas para o momento atípico de ensino durante a pandemia.

A suspensão de aulas presenciais e os transtornos causados devido a tal suspensão foram motivadores para discussões e fundamentaram as ações para que os programas de formação de professores continuassem a funcionar mesmo frente as condições atípicas de pandemia. Mesmo porque, no momento em que o país se encontra, onde vários são os desafios enfrentados por todos, dia após dia, encontrar formas para manter a formação de professores com alta qualidade se tornou ainda mais importante (BOCACIO, 2021).

Sendo assim, na presente pesquisa, vários foram os relatos de pibidianos sobre as dificuldades enfrentadas nesse momento de pandemia, sejam elas por problemas psicológicos, pela falta de recursos tecnológicos ou até mesmo pelo medo paralisante em se viver em um contexto de pandemia convivendo com um vírus potencialmente fatal.

Outro ponto de grande destaque como desafios do ensino remoto para os pibidianos foi a falta de contato físico. O relacionamento entre professores e alunos envolve uma relação de afeto, confiança, carinho e acolhimento. Diante da situação de suspensão de aulas presenciais, talvez a maior perda para os alunos e professores seja justamente essa: a falta de tato, de afetividade e de formar laços de amizade entre os sujeitos participantes do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, o cansaço constante e a desmotivação causada por um cenário incerto, são fatores que geram discussões importantes no contexto do Pibid.

Por fim, diante do cenário de pandemia, o processo de ensino e aprendizagem se transformou de diversas formas. No contexto atual, foi preciso transformar o planejamento pedagógico e as práticas de ensino para encontrar saídas para motivar os estudantes, mesmo à distância.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA PESQUISA

2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

2.1 OBJETIVOS

a) Objetivo geral

- Analisar como a participação no Pibid de Ciências e Biologia de uma universidade federal mineira contribui para a aprendizagem de estratégias didáticas de seus participantes durante a pandemia de covid.

b) Objetivos específicos

- Levantar quais são as estratégias didáticas utilizadas pelos pibidianos durante as aulas remotas ministradas por eles para os alunos da rede estadual de ensino
- Constatar quais estratégias de ensino o Pibid de Ciências e Biologia dessa universidade ensinou aos seus participantes
- Identificar quais são os principais desafios e oportunidades vividas pelos pibidianos em se criar novas estratégias de ensino e/ou adaptar as já existentes para que sejam mais aplicáveis durante o momento de pandemia.
- Sugerir um planejamento de temáticas para serem abordadas acerca das estratégias de ensino e dos recursos didáticos nos momentos de reuniões formativas do Pibid.

2.2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Com a finalidade de atingir os objetivos propostos pela pesquisa, se utilizou como caminho metodológico a realização de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa com utilização de entrevistas semiestruturadas como método para constituição de dados.

De acordo com Aragão e Neta (2017), para se entender a importância das estratégias didáticas diferenciadas, se deve considerar que existem uma

multiplicidade de maneiras de suprir as necessidades da pesquisa, devendo ser considerado o assunto e a finalidade dela para identificar o melhor método a ser percorrido.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), a metodologia da pesquisa pode ser compreendida como a disciplina que estuda, compreende e avalia os diversos métodos para a realização de uma pesquisa acadêmica. Além disso, os mesmos autores ressaltam que a metodologia, em um nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que irão possibilitar a coleta e processamento de informações, a fim de encaminhar e resolver as questões investigadas.

A presente pesquisa se enquadra como descritiva com a abordagem qualitativa, buscando descrever e analisar as informações fornecidas pelos instrumentos da pesquisa e analisar a relação entre elas.

Para Michel (2009), a pesquisa qualitativa:

Na pesquisa qualitativa, a verdade não se comprova numérica ou estatisticamente, mas convence na forma da experimentação empírica, a partir da análise feita de forma detalhada, abrangente, consistente e coerente [...] (MICHEL, 2009, p. 37).

Aqui se utilizou o tipo de entrevista semiestruturada. De acordo com Souza (2020), as entrevistas semiestruturadas têm como objetivo garantir a obtenção de informações sobre o tema desejado por meio de uma conversa desenvolvida de forma mais espontânea e planejada por um roteiro, onde os entrevistados podem responder as questões em uma conversa, formal ou informalmente. Dessa forma, o entrevistador tem o papel de realizar perguntas diretas e deixa a cargo do entrevistado falar livremente, à medida que as pautas de interesse são mencionadas.

Assim, a escolha desse tipo de entrevistas se deu pela possibilidade de dialogar com os pibidianos a fim de deixar aberto o espaço para que eles possam retratar as experiências vividas de forma livre, sem deixar de apontar os pontos mais pertinentes para obtenção de resultados para a pesquisa.

2.3 SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA E CONSTITUIÇÃO DE DADOS

A produção de dados para a presente pesquisa se deu por entrevistas semiestruturadas. Os sujeitos da pesquisa foram os licenciandos selecionados para participar do Pibid no período de outubro de 2020 a janeiro de 2022. A seleção dos participantes ocorreu com o auxílio da professora coordenadora do Pibid, que forneceu uma lista com os nomes e e-mails de todos os pibidianos selecionados para tal edição do programa. A partir disso, foi enviado uma mesma mensagem para todos os licenciandos da lista e, aqueles que retornaram positivamente sobre a disponibilidade de participação, foram os escolhidos.

Por se tratar de uma pesquisa social, de caráter qualitativo, a metodologia escolhida para a constituição de dados foi uma entrevista semiestruturada, aplicada aos sujeitos participantes da pesquisa. Segundo Batista *et al.*, (2017), a entrevista é comumente utilizada nas pesquisas qualitativas por ser uma técnica de qualidade para a constituição de dados.

A realização das entrevistas se deu em dois momentos distintos, se realizando em duas etapas. A primeira rodada de entrevistas com os pibidianos foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2020. Já a segunda rodada de entrevistas foi realizada 12 meses após, em outubro e novembro de 2021. Esse espaço de tempo foi estabelecido de maneira a ser efetuada em tempo viável para uma pesquisa de mestrado e, ao mesmo tempo, ter uma distância considerável para que os pibidianos se estabelecessem no Programa e tivessem adquirido uma bagagem de conhecimentos durante o ano de participação no Programa. Para a primeira rodada de entrevistas, se obteve respostas de 22 pibidianos e, para a segunda rodada de entrevistas, 16 deles se disponibilizaram a participar novamente da entrevista.

As entrevistas realizadas foram individuais, realizadas via *Google Meet* devido as restrições de contato pessoal durante a pandemia de covid. Todos os entrevistados receberam e concordaram com o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”. Os roteiros das duas partes das entrevistas se encontram ao final da presente pesquisa. Além disso, a presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) onde consta o seu registro CAAE: 40329120.8.0000.5153.

Durante a realização de todas as entrevistas, em ambas as etapas, houve a gravação de áudio e a utilização de um roteiro com questões relacionadas ao perfil dos entrevistados e a sua formação profissional, focando nas estratégias de ensino aprendidas bem como a importância do Pibid em sua formação e as influências da pandemia de covid em sua participação e aprendizado com o Programa. As entrevistas foram conduzidas pela própria pesquisadora e, posteriormente, houve a transcrição dos áudios gravados nas entrevistas para a posterior análise de dados. A transcrição de áudios foi feita de forma completa, como previsto por Merriam (1998), que propõe a transcrição fiel de todas as palavras, frases, e preposições ditas pelo entrevistado que apresentem conteúdo importante para a pesquisa.

Durante o intervalo temporal de realização da pesquisa, o Pibid de Ciências contava com uma professora coordenadora e três professores supervisores que estavam atuando efetivamente nas escolas da rede pública de ensino.

Todos os entrevistados receberam códigos escolhidos aleatoriamente por questões éticas da pesquisa, assim como a professora coordenadora do Pibid e os professores supervisores, que também receberam seus códigos. As três escolas participantes do programa também receberam códigos aleatórios, onde não há qualquer relação entre eles e os nomes verdadeiros das escolas. A tabela a seguir traz o nome fictício dado as escolas e os códigos dados aos pibidianos, professora coordenadora e professores supervisores das escolas.

Tabela 1 - Nome das escolas, professores supervisores e pibidianos

Nome da escola	Professor supervisor	Pibidianos
Escola E1	S1	P1; P2; P3; P4; P5; P6; P7; P8.
Escola E2	S2	P9; P10; P11; P12; P13; P14; P15; P16.
Escola E3	S3	P17; P18; P19; P20; P21; P22.
Professora coordenadora	C1	

Fonte – a autora

Sendo assim, na presente pesquisa se utilizará os códigos dados a todos os pibidianos para se referir aos depoimentos dados por eles durante as etapas das

entrevistas, bem como os nomes fictícios dados as escolas e aos professores supervisores e coordenadora do Programa.

2.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos a partir das entrevistas realizadas foram tabelados a fim de identificar as características pessoais e formativas dos participantes. Para analisar e compreender melhor os dados obtidos, a presente pesquisa utilizou a análise de conteúdo proposta por Bardin.

De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo pode ser considerada,

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Para Souza e Santos (2020), a análise de conteúdo pode ser entendida como o conjunto de instrumentos metodológicos que tem como finalidade descrever as contribuições verbais ou não verbais mediante a sistematização dos métodos para a análise de dados.

De acordo com Flick (2009, p.291), a análise de conteúdo é importante não só por interpretar os dados obtidos após a sua coleta, mas também por se realizar por meio de técnicas mais refinadas. De acordo com o autor, a análise de conteúdo “é um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando qual a origem desse material”. Dellagnelo e Silva (2005), afirmam que a análise de conteúdo vem crescendo ao longo dos anos e se mostrando como uma das técnicas de análise de dados mais utilizadas em diversas áreas do conhecimento no Brasil, principalmente nas pesquisas qualitativas.

Para a fundamentação da análise de conteúdo, foi utilizado o proposto por Moraes (1999), que salientou que existem cinco etapas que constituem este método de análise de dados, sendo eles: a preparação das informações, a unitarização ou transformação do conteúdo em unidades, a categorização ou classificação das

unidades em categorias, e, a descrição e interpretação. Nessa pesquisa, todas as cinco etapas foram realizadas para a conclusão da análise.

A primeira etapa consiste na *preparação das informações* que serão analisadas. O processo de preparação dessas informações, de acordo com o autor, consiste em identificar as amostras de informações a serem analisadas e decidir sobre quais delas efetivamente estão de acordo com os objetivos da pesquisa. Nessa fase, todas as respostas obtidas nas entrevistas foram tabeladas em um único arquivo do *Microsoft Word*. Ainda na primeira etapa, foi feita a codificação dos materiais, estabelecendo códigos que sejam capazes de identificar cada elemento da amostra de dados a serem analisados. Essa codificação auxilia o pesquisador a retomar rapidamente a alguma resposta específica quando for necessário. Para codificação, cada escola e participantes da pesquisa receberam um código aleatório.

Na segunda etapa da análise de conteúdo, definida por Moraes (1999), como *a unitarização ou transformação do conteúdo em unidades*, definiram-se as unidades de análise, também chamadas de “unidades de registro” ou “unidades de significado”. De acordo com Campos (2004), as unidades de análise podem incluir palavras, sentenças, frases ou até mesmo um texto em sua forma integral. Segundo Bardin (2011), os temas que se repetem diversas vezes são “recortados do texto em unidades de categorização para a análise temática”. Além das unidades de registro, Moraes (1999) também discorre sobre as unidades de contexto que é, de modo geral, uma unidade mais ampla do que as unidades de análise, servindo de referência para estas.

A terceira etapa da análise de conteúdo é definida por Moraes (1999) como *categorização ou classificação das unidades em categorias*, que consiste em agrupar dados semelhantes considerando o que há de comum entre eles. Segundo Bardin (2011), as categorias devem obedecer a alguns critérios de constituição, como: exclusão mútua, em que cada elemento só poderá pertencer a uma determinada categoria; pertinência, (as categorias devem ser válidas e ir de acordo com as intenções do investigador e aos objetivos da pesquisa); objetividade e fidedignidade que, se as categorias estiverem definidas e os temas que possibilitam que cada elemento esteja em determinada categoria forem claros, não há distorções na pesquisa segundo a subjetividade dos analistas; e a produtividade, em que as categorias devem ser produtivas se os resultados forem baseados em dados exatos.

Na presente pesquisa, as unidades de análise foram agrupadas considerando aquilo que possuíam em comum e apresentadas em mesmas categorias e subcategorias.

Na quarta etapa da análise de conteúdo, realizou-se a *descrição*, na qual ocorreu a comunicação do resultado com o trabalho. Nessa etapa, Moraes (1999) destaca que quando o trabalho se tratar de uma abordagem qualitativa, para cada uma das categorias apresentadas, será realizado um texto-síntese que seja capaz de expressar o conjunto de significados presentes nas variadas unidades de análise incluídas em cada uma das categorias. Para esta pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa.

A quinta e última etapa do processo de análise de conteúdo é o processo de *interpretação*. Moraes (1999) ressalta que para haver uma compreensão mais a fundo do conteúdo das mensagens, é necessário realizar o processo de interpretação do conteúdo. De acordo com este autor, duas vertentes podem ser salientadas no movimento interpretativo: a primeira relaciona-se aos estudos com uma fundamentação teórica claramente pré-definida; na segunda vertente, utilizada no presente trabalho, a teoria é construída a partir dos dados e dos materiais da análise.

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS OBTIDOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS COM OS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA E DISCUSSÕES

3.1 Perfil dos entrevistados

Durante a primeira rodada de entrevistas, a fim de se conhecer sobre a história de vida pessoal de cada participante, foram realizadas oito perguntas para traçar o perfil social dos sujeitos da pesquisa, sendo elas: idade; ano de conclusão do Ensino Médio; tipo de escola (pública ou privada); se realizou algum cursinho preparatório para o Enem; ano de ingresso no curso de Ciências Biológicas; em qual período está atualmente; se já participou de algum outro curso de graduação antes das Ciências Biológicas; e, por fim, se já cursou alguma disciplina da área da Educação. Para essas perguntas foram obtidos os resultados analisados e descritos abaixo, onde os maiores indicadores estão marcados em negrito:

1. Considerando-se a idade dos participantes, 3 pibidianos (13,6%) têm 18 anos; 5 (22,7%) têm 19 anos; **7 (31,8%) têm 20 anos**; 3 (13,6%) têm 21 anos; 2 (9,1%) têm 22 anos; e 2 (9,1%) têm 27 anos.
2. Para o ano de conclusão do Ensino Médio, 2 pessoas (9,1%) se formaram em 2010; 4 pessoas (18,2%) em 2016; 5 pessoas (22,7%) em 2017; **6 pessoas (27,3%) em 2018**; e 5 pessoas (22,7%) em 2019.
3. Quando questionados sobre o tipo de formação no Ensino Médio (escolas públicas ou privadas), constatou-se que: **14 pessoas (63,7%) estudaram em escola pública**; 1 pessoa (4,5%) estudou parte em escola pública e parte em escola privada; 7 pessoas (31,8%) estudaram em escola privada.
4. Sobre frequência em cursos preparatórios pré-Enem: **15 pessoas (68,2%) fizeram cursinho**; e 7 pessoas (31,8%) não fizeram nenhum tipo de cursinho.
5. Ano de ingresso: **9 pessoas (40,9%) ingressaram no curso de Ciências Biológicas em 2020**; 7 pessoas (31,8%) entraram em 2019; 4 pessoas (18,2%) em 2018; 1 pessoa (4,5%) em 2017; e 1 pessoa (4,5%) em 2016.
6. Ao serem questionados sobre qual período estão cursando atualmente, nenhum dos entrevistados soube a resposta com exata precisão visto que o período de ensino remoto fez uma certa confusão nesse aspecto. Ainda assim: **9 pessoas (40,9%) afirmaram estar no primeiro período da graduação**; 7

pessoas (31,8%) no terceiro período; 4 pessoas (18,2%) no quinto período; 1 pessoa (4,5%) no sétimo período; e 1 pessoa (4,5%) no quinto período.

7. Sobre a reincidência em curso de graduação: **16 pessoas (72,7%) optaram pelo curso de Ciências Biológicas como primeiro curso de graduação**; 6 pessoas (27,3%) já participaram de algum outro curso de graduação antes de ingressar na Biologia.
8. Sobre ter cursado disciplinas pedagógicas: **8 pessoas (36,4%) ainda não cursaram nenhuma disciplina da educação**; 7 pessoas (31,8%) já fizeram 1 disciplina da área da Educação; e 7 pessoas (31,8%) já cursaram 2 ou mais disciplinas da área.

Dessa forma, é possível concluir que a maioria dos sujeitos da pesquisa são pessoas jovens, vindas da rede pública de Educação Básica, recém ingressados no curso de Ciências Biológicas, primeira opção de curso para a maioria, e com a maioria ainda no primeiro período da graduação no primeiro momento da pesquisa, ainda não tendo cursado nenhuma disciplina pedagógica da licenciatura do seu curso.

3.2 Formação profissional

Parte 1 – Entrevistas realizadas em outubro e novembro de 2020

Para constituição de dados da presente pesquisa, se realizaram entrevistas sobre a formação profissional dos pibidianos em duas etapas distintas. A primeira etapa das entrevistas foi realizada em outubro e novembro de 2020, contando com dez perguntas sobre como anda a formação profissional dos entrevistados ainda no começo de sua participação no Programa. Já a segunda etapa das entrevistas, se realizou entre outubro e novembro de 2021, quando os pibidianos estariam completando doze meses de participação no Pibid. Para essa última, foram realizadas mais sete perguntas a fim de analisar como o Programa influencia os seus estagiários no aprendizado e aplicação de estratégias de ensino diferenciadas durante a pandemia de covid-19.

Sendo assim, os dados discutidos abaixo representam os resultados da primeira e segunda parte da pesquisa bem como as considerações e comentários pertinentes para o presente trabalho.

Dessa forma, para cada pergunta relacionada a formação dos pibidianos entrevistados, realizou-se um quadro com o objetivo de categorizar e relacionar as respostas obtidas. O primeiro quadro de respostas diz respeito à primeira pergunta realizada durante as entrevistas, sendo ela: “*Por quais motivos você escolheu um curso de licenciatura?*”

Quadro 1 – Motivos para escolha de um curso de licenciatura

Categorias	Subcategorias (nº de ocorrências)
Admiração aos professores (14)	Prazer em ir para a escola (1) Incentivo dos professores (3) Professores marcantes de Biologia (5) Vivências com estágios, monitorias e aulas particulares no Ensino Médio (4)
Desejo de criança (7)	Brincadeira de “escolinha” (1) Desde criança era o foco (1)
Sensação de ter nascido para ser professor (5)	Sensação de estar no lugar certo (1) Pertencimento (1) Sempre foi a única opção (1)
Desejo de fazer diferente (1)	Cenário atual da educação no Brasil (1) Professores deixam de cobrar coisas dos alunos (1) Professores não exploram a capacidade dos alunos (1) Baixa autoestima intelectual dos alunos (1) Educação básica sucateada (1) Alunos sem perspectivas de entrar na universidade (1) Fazer diferença na vida de alguém (1)
Dentro da graduação (2)	Confirmação de que é realmente o que deseja seguir como profissão (1) Professores da graduação incentivaram a fazer Licenciatura (1)
Amor por ensinar (8)	Amor as “causas perdidas” (1) Participar da vida dos alunos (1) Transmitir conhecimento (2)
Influência familiar (3)	Família com muitos professores (3) Reconhecer de perto a relação de carinho entre professores e alunos (1)
Não era opção (2)	Não sabia que o curso noturno era na modalidade de Licenciatura (1) Incerteza sobre a profissão (1) Salário muito baixo (4) Desvalorização da profissão docente (4)
Aumentar o conhecimento pessoal e profissional (2)	Poder oferecer o privilégio da educação para pessoas não tão privilegiadas (1) Aprender técnicas de como ensinar (1) Satisfação profissional e pessoal (1)
Gostar de falar em público (2)	Gosto por dialogar e estar com pessoas (2)

Fonte – a autora.

A admiração por professores ao longo da vida escolar dos entrevistados foi a motivação mais inspiradora para que muitos deles escolhessem cursar uma licenciatura. Freire (1996) afirma que:

o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p. 96).

Assim, para esses pibidianos, a inspiração em professores marcantes e o incentivo dado por eles para que seguissem na carreira docente, foram muito relevantes ao longo da sua trajetória escolar, o que ressalta P5:

“Eu acho que os que mais me influenciaram nessa questão de querer ser professora foram os professores que eu tive que a maioria me incentivaram muito, eu gostava muito da didática deles, e eu ficava me imaginando no lugar deles, me imaginando dando aulas pras pessoas.”

Além disso, a vivência com estágios, monitorias e aulas particulares no Ensino Médio também influenciaram positivamente na escolha pela profissão, isso porque a experiência prática aproxima os pibidianos da realidade da área de formação, ajudando na compreensão do seu papel no exercício de sua profissão no futuro. Da mesma maneira, Kutzmy *et. al.* (2015) afirmam que a prática é o que permite que os estudantes das licenciaturas entrem em contato com a realidade das escolas, praticando a interposição dos seus conhecimentos teóricos e transformando o ambiente escolar de acordo com a sua realidade.

Para alguns pibidianos, o desejo de seguir em um curso de licenciatura vem desde a infância, muitas vezes se manifestando com as brincadeiras de “escolinha”, se tornando o foco desde criança, assim como comenta P11:

“Eu escolhi porque tipo assim, desde criança eu sempre gostei de ensinar, minha mãe conta que quando eu era pequenininha, eu tinha uns 3 anos, e aí tinha uma cachorra e eu queria ensinar a cachorra a ler de qualquer jeito, e a cachorra não queria aprender a ler e eu nem sabia ler, e eu queria ensinar a cachorra, e aí eu batia na cachorra porque eu ficava brava porque ela não tava lendo...”

Ademais, alguns pibidianos alegam que sentem já terem nascido para serem professores. Assim, essa sempre foi a única opção a ser escolhida, e a que sempre gerou uma sensação de pertencimento e de estar no lugar certo. De acordo com Freire (2011), “educar é um ato de amor”, o que não remete ao fato de que “para ensinar é preciso apenas amar as crianças”, mas sim, amar o que se faz e estar dentro do

contexto das lutas importantes da profissão em busca de melhorias sociais para que o ensino se torne efetivo. Assim, para P20:

“Bom eu escolhi licenciatura porque eu não sinto que faz sentido fazer outra coisa. Eu desde sempre gostei muito de ensinar, em todos os âmbitos da minha vida eu bancava a professorinha e eu gosto muito de ensinar.”

O desejo de fazer diferente frente ao cenário atual da educação no Brasil, com a educação básica sucateada também foi o que motivou um dos entrevistados a querer cursar a licenciatura. Para ele, os professores não exploram a capacidade e potencialidade dos alunos, sempre deixando de cobrar alguns conteúdos, o que acaba gerando uma baixa autoestima nos estudantes que internalizam não serem capazes de entrar em uma universidade. Assim, a maior motivação seria a de fazer a diferença na vida de alguém. Segundo López (2002, p. 91):

Para trabalhar um mesmo conteúdo, tendo presente as capacidades dos alunos, podemos diversificar as atividades, variar seu grau de complexidade decompô-las em partes mais simples e pensar em atividades que favorecem seu autoconceito, que os alunos sintam-se capazes de realizá-las, de tal maneira que compensem uma possível autoimagem negativa.

Da mesma maneira, para P6:

“Eu conheci muita gente inteligente com capacidade enorme só que os professores não exploravam, por exemplo dentro da sala muita gente ia bem em biologia, na sala em que eu estudava e um dia eu cheguei pra professora, porque ela fez um comentário que queria cobrar mais da gente e aí eu virei pra ela, fui pra ela no final da aula e perguntei pra ela: olha porque você não cobra mais da gente se todo mundo aqui tem capacidade e tudo, sabe? por que não cobrar mais? E ela virou pra mim e falou ah porque o estado não deixa e porque a escola me aconselhou assim.”

Dois entrevistados encontraram dentro da graduação, os incentivos para seguirem na licenciatura. Isso porque já dentro da graduação, foram incentivados por professores a cursar a modalidade e acabaram se encontrando e confirmando o desejo de seguir na profissão de professor, assim como comenta P18:

“Naquele ano também os professores incentivaram muito quem entrou na licenciatura a continuar porque caso mudasse de ideia e tivesse a intenção de fazer a licenciatura depois era mais fácil fazer a licenciatura antes do que começar com o bacharel. E aí eu embarquei nessa ideia, resolvi experimentar né, conhecer mais, e eu gosto muito de estudar, gosto muito de aprender e o que eu gosto também é de falar em público então assim eu pensei, bom trabalhando com isso ou não eu vou tá aprendendo técnicas de como ensinar, então vai ser positivo de alguma forma.”

O amor por ensinar também motivou alguns entrevistados a optarem pela licenciatura. A vontade de transmitir o conhecimento de uma forma acessível para

todos e de participar ativamente da vida dos alunos, não desistindo das “causas perdidas”, é o que eles almejam alcançar em sua profissão. Freire (1996) afirma que o educador deve estar sempre aberto para novas experiências a fim de entender a realidade na qual vivem os seus alunos, instaurando um relacionamento baseado na valorização do que tais alunos sentem, nas suas necessidades, potencialidades e dificuldades, para que, assim, no fim do processo educativo, todos se sintam realizados. Dessa forma, P17 comenta que em sua experiência:

“Sempre foi o que eu gostei, sempre gostei da ideia de ajudar a aprender um determinado assunto, sempre gostei de explicar, de ensinar e aí eu sempre fui apaixonado, pra mim nem teve muito isso de ter pensado em sair disso, sempre foi o meu foco.”

A influência de familiares em uma família com muitos professores também foi um incentivo para alguns pibidianos, que sempre acompanharam de perto a relação de carinho que os professores de sua família tinham com os seus alunos. Assim, de acordo com Tardif (2002, p.73):

a vida familiar e as pessoas significativas na família aparecem como uma fonte de influência muito importante que modela a postura da pessoa toda em relação ao ensino. As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e seus conhecimentos práticos.

Dessa forma, a escolha pela profissão também pode ser influenciada por familiares, assim como comenta P19:

“Na verdade, a licenciatura ela foi pra mim um pouco digamos intuitiva sabe. A minha família por parte de pai todo mundo é professor, de todas as áreas, história, teve diretora de escola, a minha madrinha é tesoureira de escola, então eu sempre vivi dentro desse meio.”

Ademais, dois pibidianos salientaram que escolheram um curso de licenciatura para aumentarem os seus conhecimentos pessoais e profissionais. Para eles, poder oferecer o privilégio de levar a educação para pessoas não tão privilegiadas, causa uma sensação enorme de satisfação pessoal e profissional, além de estarem sempre em constante aprendizado sobre as técnicas de como ensinar. Para P10:

“Eu tive muito a vontade de fazer licenciatura, tanto pra aumentar meu conhecimento pessoal e profissional e eu sempre fui muito privilegiada e eu quis entrar na licenciatura pra poder oferecer um pouco pra pessoas que não são tão privilegiadas.”

Além disso, gostar de falar em público, de dialogar e estar com pessoas ao redor também foi uma das grandes motivações para entrevistados na escolha pelo curso, assim como ressalta P1 em seu depoimento:

“Eu gosto de falar muito, gosto de conversar, gosto de dialogar, gosto de estar com pessoas e etc, e também a licenciatura me proporciona isso, de estar com o aluno, de conversar, de passar aquilo que eu sei.”

Entretanto, para alguns, a licenciatura não era uma opção. Um entrevistado alegou não ter ciência de que o curso de biologia noturno oferecido pela universidade era na modalidade de licenciatura, e se sente ainda incerto pela escolha da profissão, como conta P18:

“Olha pra ser bem sincera, voltando em 2017, foi sem querer. Porque no ano que eu entrei teve uma certa confusão com o SISU que não informava pra gente que era licenciatura e muita gente que é de viçosa, que conhece a UFV sabia já que o curso noturno era de licenciatura, mas eu não tinha a menor ideia, eu não era daqui e não conhecia nada daqui.”

Além disso, a grande desvalorização da profissão com salários baixos também não apresenta um grande incentivo para a docência. Nesse sentido, Sampaio et. al (2002) afirmam que é necessário melhorar os salários dos professores para tornar a profissão mais atrativa, já que, melhores salários são capazes de atrair os bons profissionais, e mais preparados, para a carreira docente na Educação Básica. (SAMPAIO et. al. 2002)

As respostas obtidas para a segunda pergunta presente nas entrevistas foram categorizadas no quadro 2. A pergunta realizada foi a seguinte: *Você se vê sendo um(a) professor(a) como a profissão que exercerá depois de formado(a)? Por quê?*

Quadro 2 – Se vê como professor sendo a profissão do seu futuro

Categorias	Subcategorias (nº de ocorrência)
Sonho (5)	Formar e dar aulas (1) Atuar diretamente na docência (1) Ensino básico ou cursinho (1) Não se vê fazendo outra coisa (4) Concurso público para área docente (1) Sonho desde criança (1) Realização de um sonho (1)
Formação continuada (5)	Mestrado e doutorado (2) Professor e pesquisador (2) Interessem em dar aulas no Ensino Superior (1)
Amor pela profissão (5)	Segurança de que é isso que quer para a carreira profissional (1) Sensação de realização pessoal (1) Desejo de compartilhar o conhecimento (3)
Dúvidas (5)	Bacharelado x Licenciatura (1) Não é a primeira opção (1) Interesse pela área da pesquisa (1)

	Ainda não descobriu (2)
Importância do papel do professor (8)	Conscientização sobre a realidade do país (1) Precariedade da educação (1) Transformar a realidade de alunos sem muitas oportunidades (1) Participar da vida dos alunos (1) Popularizar o conhecimento (1) Conseguir mudar a vida dos alunos (1) Transformar a realidade de alunos de escolas públicas (1) Mostrar como a educação é importante (1)
Influência familiar (1)	Exemplos de professores na família (1)

Fonte – a autora.

O sonho em ser professor, para alguns dos entrevistados, vem desde cedo. É algo que eles sempre desejaram e não se vêm fazendo outra coisa senão atuar com a docência. Nesse sentido, se encontra a importância de o professor amar o que faz para alcançar a sua realização profissional e pessoal, corroborando com Freire (2011), quando diz que “educar é um ato de amor”. Pibidianos relatam que formar e dar aulas em ensino básico e cursinho ou prestarem concurso público para professor é o que sempre desejaram fazer e que isso é a realização de um sonho, que, para alguns, vem desde a infância. Assim, para P22:

“O meu objetivo depois de formar é conseguir um concurso público pra área docente mesmo. No futuro pra uma faculdade, mas agora no início pro ensino fundamental e médio mesmo. Eu gostaria de trabalhar com isso porque, sei lá, eu acho que é onde eu me sinto mais realizada, é a parte profissional onde eu me sinto melhor, é trabalhar ensinando alguma coisa.”

Depois de formados na graduação, alguns pibidianos também desejam apostar em uma formação continuada. Isso porque a realização de um mestrado e doutorado pode levá-los até à docência para o Ensino Superior, realizando o sonho não só de se tornarem professores, mas também de poderem atuar como pesquisadores, assim como ressalta P14:

“A longo prazo assim meu maior sonho é dar aula em ensino superior, porque eu gostaria de ser uma professora e pesquisadora e eu acho que, enfim, é o meu sonho, então eu tenho planos de fazer mestrado e doutorado.”

O amor pela profissão e a segurança de que fez a escolha certa para a carreira profissional, que traz a grande sensação de realização pessoal e profissional, levou alguns dos entrevistados a responderem que não se vêm em outra profissão depois de formados. De acordo com Piaget (1992), o afeto é uma ferramenta importante para o desenvolvimento cognitivo, e a afetividade é um fator que influencia no

conhecimento construído de forma essencial através da pulsão de vida e da busca pela excelência. Sendo assim, o amor pela profissão é um dos principais fatores que levam os docentes à excelência. Além disso, o grande desejo desses pibidianos é o de compartilhar o conhecimento de forma acessível e de qualidade para todos os alunos, independente das diferenças entre eles, assim como comenta P4:

“Assim, me vejo... porque eu acho que vai naquela coisa de querer compartilhar conhecimento de um jeito mais democrático assim, porque eu acho que o conhecimento acadêmico é muito elitizado, a gente não passa pra frente de um jeito que pessoas que não estão na faculdade consigam aprender também. A minha maior vontade é conseguir explicar pra minha mãe como é que funciona a respiração celular sabe, de um jeito que ela vai entender muito bem e vai ter noção de como as coisas acontecem. Essa coisa de tirar o conhecimento da academia e trazer pro público.”

Para alguns entrevistados, o futuro como professor ainda é incerto e causa dúvidas. Isso porque alguns ainda não se descobriram na profissão da docência e estão na dúvida entre bacharelado ou licenciatura, e, por também terem interesse na área da pesquisa, por vezes a licenciatura acaba não sendo a primeira opção. Para P3:

“Eu ainda tenho muitas dúvidas em relação a seguir a profissão de licenciatura ou pesquisa, penso até em mesclar os dois, talvez na área acadêmica, em pesquisa e tentar ser professora acadêmica mesmo, então eu ainda quero descobrir ainda.”

O papel importante do professor na sociedade como agente conscientizador sobre a realidade no país também é um incentivo para o exercício da profissão docente para alguns dos pibidianos. Para eles, a educação no país é precária e privilegia poucos, o que faz com que surja o desejo de transformar a realidade dos alunos das escolas públicas que não possuem tantas oportunidades, participando da vida deles e popularizando o conhecimento, mostrando aos estudantes como a educação é importante para alcançar seus objetivos na vida. Da mesma forma que Barbosa (2004) defende que a educação de qualidade é privilégio para poucos, e, mesmo estando previsto na Constituição Federal que é um direito de todos, a classe pobre não possui os mesmos recursos e a mesma qualidade de acesso ao sistema de ensino. Assim, P16 conta que:

“Das experiências que eu tive até agora eu achei muito importante o papel do professor, tanto na questão da aprendizagem no contexto do nosso país em que a educação tá tão precária com tanta dificuldade, eu achei o papel do professor algo muito importante na vida de alunos, principalmente os que não tem muita oportunidade e pela participação do aluno na vida mesmo, eu tive professores que marcaram muito a minha vida e eu tenho essa sensação assim de que eu queria retribuir isso pra outros alunos.”

Ademais, a influência familiar, os incentivos dentro de casa para seguir na profissão docente e os exemplos de bons professores na família também estimulou um dos entrevistados a continuar se vendo como professor futuramente, assim como conta P19:

“Eu acompanhei meu pai, ele é professor, então eu gostei bastante, vi como que funciona né, a dedicação dele, achei bem interessante, e eu penso sim em seguir nessa área.”

Apesar de ser perceptível o afeto que os entrevistados demonstram ao falar sobre o amor pela docência, foi possível inferir durante as respostas dos pibidianos para a presente pergunta, que muitos deles ainda apresentam algumas dúvidas sobre seguir a carreira docente como profissão no futuro. Isso devido, principalmente, a desvalorização da carreira do professor, o que causa dúvidas para alguns entrevistados, mesmo para aqueles que gostam muito da ideia da carreira docente e, das dúvidas ainda resistentes entre as modalidades de bacharelado e licenciatura.

A respeito das respostas obtidas a partir da terceira pergunta da entrevista, intitulada *“Por quais motivos você escolheu a área das Ciências Biológicas?”* obteve-se as respostas observadas no quadro 3.

Quadro 3 – Motivos para escolha da área de Ciências Biológicas

Categorias	Subcategorias (nº de ocorrência)
Amor e identificação com as disciplinas de Ciências e Biologia (18)	Amor pela vida (2) Conhecer mais sobre o corpo humano, as plantas, a saúde, educação ambiental e os animais (8) Paixão por educação ambiental e natureza (3) Amor pelos animais (10) Matéria favorita na escola (6) Identificação com a disciplina durante toda a trajetória escolar (1) Disciplina que tinha gosto em estudar (1) Admiração pelos professores de Ciências e Biologia na escola (1)
Falta de opção (2)	Única coisa que tinha mais afinidade (1)
Possibilidades para o futuro (2)	Área ampla com diversas possibilidades quanto à área para seguir (2)
Amor pela ciência/pesquisa (4)	Oportunidade de sempre adquirir conhecimento com algo novo (1) Desejo de continuar pesquisando (1) Curiosidade sobre a vida e a origem das coisas (1) Entender de onde a gente veio (1) Compreender o porquê das coisas (1)

	Saber como as coisas são feitas (1)
Amor desde criança (8)	Curiosidade sobre o mundo (1) Vontade de entender os ciclos da vida (1)
Apoio e incentivo da família (2)	Familiares biólogos e professores (2)
Identificação com as várias áreas do curso (3)	Amor por peixes e ictiologia (1) Amor pela área de herpetologia (1) Área extensa que engloba outras áreas do conhecimento (1)

Fonte – a autora.

A partir da análise do quadro se pode perceber que para muitos pibidianos, a escolha pela área da biologia se deu pelo amor e identificação com as disciplinas de ciências e biologia durante a sua vida escolar. Para eles, o amor pela vida e pelos animais veio desde cedo, se manifestando com o interesse em conhecer mais sobre o corpo humano, as plantas, os animais, a saúde e a natureza. A biologia, para alguns, era a matéria favorita na escola, a qual se identificavam em todos os momentos da sua trajetória escolar, além da admiração pelos professores de ciências e biologia que tiveram durante sua vida escolar, o que facilitou a escolha pelo curso de graduação e pela carreira que desejavam seguir. Nesse sentido, Duré et. al., (2019) afirmam que, os professores que despertam o interesse dos alunos com a disciplina ao ensinar de uma forma afetuosa e atraente, auxiliam no processo de identificação e construção de significado na área do conhecimento, e, assim, os alunos passam a se identificar com o trabalho do professor e se interessar em seguir a mesma carreira.

Além disso, para dois entrevistados, a escolha pelo curso veio devido a falta de opção. A biologia era o único curso pelo qual se tinha mais afinidade, se tornando a única opção para um curso de graduação. Assim, para P16:

“Então, de todas as licenciaturas que tinha, ciências biológicas foi a que eu mais me identifiquei, era a que eu mais gostava e a que eu acredito que eu tenha a maior facilidade de entender e de explicar.”

O amor pela ciência e pela pesquisa, aliada com a curiosidade sobre a vida e a origem das coisas também motivou alguns dos entrevistados na escolha do curso. Entender de onde nós viemos, compreender o porquê das coisas e saber como as coisas são feitas, despertam a curiosidade dos entrevistados que desejam continuar pesquisando e adquirindo conhecimentos sobre coisas novas. Assim, para P18:

“Isso tinha muito mais a ver com a minha curiosidade sobre a vida em si, a origem das coisas né, muito uma questão de entender de onde a gente veio e uma questão existencial mesmo porque quando eu fazia administração eu sentia que era tudo muito artificial, tudo muito construído pelo homem, pelo ser humano, então eram empresas, lidar com pessoas o tempo

todo, sempre aquele ambiente que eu vejo como muito estéril assim, sem vida, então eu ficava me questionando muito sobre isso e queria entender mais sobre a vida.”

O amor pela biologia também veio desde criança para alguns pibidianos. A curiosidade de criança sobre todas as coisas do mundo e a vontade de entender os ciclos da vida foram grandes motivadores na escolha da área. P17 comenta que:

“Desde criança eu sempre gostei muito principalmente da área da natureza, e de animais, eu sempre gostei muito de entender os ciclos da vida.”

Além disso, alguns pibidianos também tiveram o apoio da família para escolha da profissão. O incentivo de familiares biólogos e professores despertou o interesse dos entrevistados pela biologia, como conta P1:

“Na minha família tem professores, tem biólogos, etc., então isso aí foi um incentivo a mais.”

Da mesma forma, o amor e identificação com as variadas áreas do curso como ictiologia, herpetologia genética e outros, aliados a multiplicidade de possibilidades para se seguir já que a biologia é uma área extensa que engloba outras áreas do conhecimento, também foram fatores decisivos para escolha do curso de graduação. P10 comenta:

“Eu sempre gostei muito de ciências biológicas, eu sempre fui apaixonada com bicho, com planta, e eu gosto muito das ciências biológicas por causa que é um campo muito amplo ainda, eu não sei tipo o que eu quero seguir certinho, mas me dá muitas possibilidades.”

A respeito das respostas obtidas a partir da quarta pergunta da entrevista, intitulada *“Quais motivos o(a) levou a querer participar do Pibid?”* obteve-se as respostas observadas no quadro 4.

Quadro 4 – Motivos para participar do Pibid

Categories	Subcategorias (nº de ocorrência)
Realizar um sonho (7)	Oportunidade de iniciar a docência no começo da graduação (7) Criar experiência (2) Atingir o objetivo de ser o melhor professor possível (1) Oportunidade para marcar a vida de alguém (1) Realização pessoal e profissional (1) Grande experiência para a vida ainda dentro da graduação (1)
Auxiliar na decisão entre Licenciatura ou Bacharelado (4)	Obter experiência na licenciatura e decidir do que gosta mais (1) Oportunidade na carreira de quem quer seguir com a licenciatura (1)

	Busca para se encontrar dentro do mundo da licenciatura (1)
Preparação para o exercício de ser professor (9)	Contato com a profissão (3) Entender e aprender com a prática o que é ser professor (3) Vivenciar o que será a realidade depois de formado (3) Experiência em sala de aula antes de se tornar professor de fato (1) Perder a vergonha de falar em público (1) Aprimorar os conhecimentos e a didática (6) Superar as dificuldades sobre como dar uma boa aula (1) Superar o medo de ser um professor ruim (1) Superar o medo de não se sentir realizado na profissão (1)
Melhorar o currículo (3)	Oportunidade de se desenvolver na vida e acrescentar na profissão (1)
Conhecer a realidade dos professores nas escolas públicas (5)	Conhecer realidades diversas (1) Sentir na pele o que é ser professor (2) Reconhecer que o professor é essencial na sociedade, mas não é valorizado (1) Porta de entrada para conhecer o mundo docente (1) Embasamento de como vai ser a vida profissional no futuro para não se decepcionar (3) Vivência em sala de aula acompanhado de um professor que já tem essa vivência (1) Ter noção de como funciona o ensino público (1) Não só idealizar e romantizar a profissão (1)
Criar projetos para tentar melhorar a educação pública no país (1)	Educação precária e defasada (1)
Não era algo planejado (1)	
Já participou do Pibid em outra universidade/curso (2)	Continuar a experiência gratificante (1)
Oportunidade para calouros (4)	Busca por projetos de iniciação à docência desde o começo da graduação (4) Único projeto que aceita calouros (1)
Contato com os alunos (2)	Aprender a lidar com os alunos (1) Saber como os alunos são e o que eles precisam dos professores (1) Aprender a reconhecer e valorizar as necessidades específicas e as diferenças entre os alunos (2) Aprender a enxergar o outro e reconhecer desigualdades e privilégios (1) Contato com realidades diferentes (1)

Influência de disciplinas realizadas durante a graduação (5)	Encantamento pelo projeto (4) Vontade de participar do programa (4)
Bolsa oferecida pelo programa (1)	
Aprender sobre as estratégias de ensino (1)	Oportunidade de ensinar biologia (1) Aprender as melhores formas de transmitir o conhecimento (1)

Fonte – a autora.

De acordo com a análise do quadro, se pode perceber que para muitos entrevistados, participar do Pibid faz parte da realização de um sonho. Para esses graduandos, a oportunidade de ganhar experiência iniciando na docência logo no começo da graduação é uma grande realização pessoal e profissional, além de ser uma grande experiência para a futura carreira docente ainda dentro da graduação. Nesse sentido, Nóvoa (2012) reitera que esse é justamente o principal objetivo do Pibid, Programa voltado para o fortalecimento da formação docente inicial por meio da inserção dos pibidianos no ambiente escolar, confiando no potencial dos professores em exercício para atuar na formação docente inicial. Além disso, esses pibidianos desejam buscar constantemente a melhoria da sua didática para ministrar aulas para que, futuramente, consigam atingir o objetivo de ser o melhor professor possível. Assim P16 conta que:

“E como eu escolhi biologia, o Pibid é uma oportunidade perfeita pra eu ter essa oportunidade de ensinar a biologia propriamente dita e já começar a desenvolver uma habilidade de como fazer isso de uma forma boa, que os alunos entendam melhor, essas coisas.”

Ademais, alguns dos entrevistados acreditam que participar do Pibid possa ajudar na escolha entre o bacharelado e a licenciatura. Para eles, o Pibid é uma oportunidade única para se encontrar, daqueles que realmente querem seguir na licenciatura, além de garantir que os pibidianos tenham experiência com a licenciatura, para decidirem do que gostam mais. Geralmente, o Pibid é uma experiência acadêmica proporcionada antes das principais disciplinas pedagógicas da licenciatura. Assim, Stanzani (2012) ressalta que os participantes de iniciação à docência têm a oportunidade de vivenciar as experiências dentro da escola de forma antecipada, desde os primeiros períodos de seu curso, oferecendo a oportunidade de teste para optar ou não pela futura carreira docente. P19 conta que:

“Antes de tentar o Pibid eu fazia, eu tinha uma iniciação científica em laboratório. Porque eu pensei, ah vou, vamos ver qual que eu vou gostar mais ne, se seria ficar em laboratório. Mas aí não foi uma experiencia muito legal sabe, aí eu percebi, ah acho que não é isso o que eu quero. Aí eu vi no Pibid uma forma de experiência, que, pra me encontrar, pra ver se era uma área que eu ia gostar.”

A carreira docente requer prática e experiência. Assim, a oportunidade de preparação para serem futuros professores também foi o motivo de alguns dos graduandos escolherem participar do Programa. Isso porque no Pibid, os entrevistados têm a oportunidade de entrar em contato com a profissão e entender na prática o que é e quais são os desafios da carreira docente. Nesse sentido, Altet (2001, p. 31), a respeito da importância da prática na carreira do professor, afirma que:

o saber da prática é construído na ação, com finalidade de ser eficaz; ele é contextualizado, encarnado e finalizado, transformando-se em um saber adaptado à situação. Essa adaptação do saber é construída a partir da experiência vivida com a ajuda de percepções e interpretações dadas as situações anteriormente vividas. (ALTET, 2001, p. 31).

Assim, P11 comenta:

“Eu acho muito importante que a formação docente tenha muita prática, porque as vezes a gente idealiza demais uma coisa e quando vai chegar na prática é aquela coisa totalmente diferente, e eu tenho que gostar da minha profissão mesmo quando eu tiver na prática então eu tenho que aprender a prática desde cedo pra não me decepcionar talvez.”

Além disso, ainda terão a oportunidade de superar os seus medos e dificuldades, aprimorar os seus conhecimentos e didática e perder a vergonha de falar em público.

O currículo dos licenciandos é importante para o seu futuro na profissão docente. Assim, com vista a melhorar o seu currículo, alguns pibidianos optaram pelo programa pela oportunidade de se desenvolver na vida e acrescentar em sua profissão. Dessa forma, P9 comenta que:

“Vai melhorar muito o meu currículo né, ter feito parte desse projeto, mas eu acho que além disso acaba nos ensinando muitas coisas.”

Além disso, alguns entrevistados também desejam conhecer a realidade dos professores das escolas públicas enquanto ainda estão na graduação, com vistas a conhecer as diversas realidades e sentir na pele o que é ser professor, oportunidades que o Pibid oferece para os seus participantes, se fazendo porta de entrada para conhecer o mundo docente e entender os motivos da desvalorização da profissão, mesmo sendo de essencial importância na sociedade. Assim, segundo Tardif (2002, p. 82), o começo do profissional na carreira docente “representa uma fase crítica em relação às experiências anteriores e o confronto inicial com a dura e complexa

realidade do exercício da profissão, à desilusão e ao desencanto dos primeiros tempos de profissão” de acordo com este autor, essa fase é reconhecida como o “choque de realidade”. Logo, é importante para os futuros professores que a profissão seja entendida como realmente é, tendo noção dos desafios do ensino público a fim de não só idealizar e romantizar a carreira docente.

O desejo de criar projetos para tentar melhorar a educação pública no país que atualmente se encontra precária e defasada, também foi fator motivador para um dos entrevistados escolher participar do programa. Para P10:

“Vai me ajudar muito eu acho que na minha vida pessoal, a enxergar o outro, a ver o outro que tem menos oportunidade, a tentar ajudar, tentar criar projetos pra instigar e melhorar a educação pública que é tão defasada no Brasil e tanto na minha vida profissional, que vai me iniciar nesse contato com a docência e ajudar a criar um embasamento assim pra ver como eu posso prosseguir assim na minha vida profissional.”

Entretanto, participar do Pibid não era algo planejado para um dos pibidianos. Isso devido, entre outros fatores, as dúvidas sobre seguir a carreira de bacharelado ou licenciatura, como conta P8:

“Embora eu seja da licenciatura, a minha primeira opção é o bacharel na verdade, mas a licenciatura acaba tendo mais opção, e eu faço estágio do bacharel né mesmo estando na licenciatura, no laboratório de microbiologia e eu resolvi entrar no Pibid pra também ter experiência na parte da licenciatura e ver o que eu realmente gosto mais.”

O fato de já terem participado do Pibid em outra universidade ou curso também motivou alguns entrevistados a continuar vivendo essa experiência, que, segundo eles foi e continua sendo muito gratificante. Para P14:

“Quando eu fiz o ENEM de novo, eu fiquei 5 meses fazendo esse Pibid aí eu fiz o ENEM de novo e passei na UFV e aí quando eu entrei na UFV o Pibid não era oferecido pra calouro né até então, e aí eu não consegui e nem tinha como entrar e aí no meu terceiro período que eu vi que tinha aberto a bolsa eu tentei de novo porque eu acho que é um projeto muito valioso pra nossa formação.”

O Pibid seleciona alunos de graduação das licenciaturas que estão no começo de seu curso, sendo assim, uma oportunidade para calouros recém-chegados a universidade. Sendo assim, o Programa é considerado uma oportunidade única por ser um projeto que aceita calouros que buscam por projetos de iniciação à docência desde o começo da sua graduação. Nesse sentido, P17 conta que:

“Eu gostei muito da ideia do Pibid porque era praticamente a única coisa que eu podia fazer no início da graduação, e eu queria o mais cedo possível entrar num estágio, seja remunerado ou não, pra começar a dar aula e começar a entender mais sobre as estratégias de ensino.”

No mais, o Programa também oferta aos seus participantes o contato mais próximo com os alunos, o que também motivou os entrevistados na escolha pelo projeto. Para eles, aprender a lidar com os alunos, saber o que eles precisam dos professores e reconhecer e valorizar as necessidades específicas de aprendizagem de cada um, bem como reconhecer as desigualdades e privilégios tendo contato com diferentes realidades, é o diferencial que podem torná-los professores melhores no futuro. Para P14:

“O contato com os alunos, o contato com realidade diferente da minha porque eu estudei querendo ou não sempre em escola particular e eu não sabia como que era uma escola, a realidade de uma escola pública, então abriu minha visão de mundo e minha visão de professora também, e aí eu pude ver como que eu tenho que agir, com pouquíssimo tempo assim eu já aprendi muita coisa, a lidar com os alunos e a ver como que aquilo ia me agregar pra minha formação assim, pra eu ter uma visão de fato porque só o que eu tenho comigo não é suficiente e só o que eu vou ler também não vai ser o suficiente, eu preciso ver e sentir na pele mesmo assim, como que funciona, como que os alunos são, o que os alunos precisam da gente.”

Os professores das disciplinas realizadas dentro da graduação também motivaram alguns dos entrevistados a participarem do programa. Segundo eles, o encantamento pela proposta do Pibid foi instantâneo, despertando logo no começo de sua graduação a vontade de participar do programa. Para P3:

“Acho que o que mais me levou a me inscrever assim foi exatamente a aula que a gente teve que o Rigolon ele levou né alguns alunos do pibid lá pra falar e eu cheguei a me emocionar na verdade com uma das meninas falando sobre a vivência dela, que me fez muito querer fazer sabe, pela experiencia mesmo que ela teve, como que eu fiquei: nossa, eu preciso viver isso.”

Lacerda (2017) afirma que o Pibid é um estímulo para a evolução e o reconhecimento da formação docente direcionado para a Educação Básica no Brasil. Ele ressalta que este é um dos únicos programas orientados para os cursos das licenciaturas que disponibiliza bolsas para os alunos das licenciaturas das instituições de Educação Superior que irão atuar em parceria com as escolas de Educação Básica da rede pública de ensino. Nesse sentido, a bolsa de remuneração oferecida pelo Programa, também é um grande fator a ser considerado durante a escolha pelo projeto.

Para Freire (1996), para se formar integralmente os estudantes, é indispensável a conscientização dos professores para utilização de diferentes estratégias de ensino com o objetivo de facilitar a aprendizagem dos alunos. Dessa forma, aprender sobre as estratégias de ensino com professores já em exercício, tendo a oportunidade de

conhecer as melhores formas para ensinar a biologia, também foi um fator de incentivo para participação dos entrevistados no Programa.

A respeito das respostas obtidas a partir da quinta pergunta da entrevista, intitulada “*Em quais sentidos você acredita que o Pibid possa ser um diferencial na sua formação como professor(a)?*” obteve-se as respostas observadas no quadro 5.

Quadro 5 – Pibid enquanto diferencial para formação docente

Categories	Subcategorias (nº de ocorrências)
Experiência como professor (22)	Oportunidade que ainda não teve de viver o lado do professor (3) Aprimorar suas habilidades enquanto professor (2) Vivenciar o futuro como professor (4) Preparar para o ofício (3) Viver a realidade do professor desde o começo do curso (4) Primeiro contato com o ambiente escolar (5) Experiência que irá moldar o futuro professor que deseja ser (1) Contato antes dos estágios da licenciatura (3) Oportunidade de ministrar uma aula (1) Vivência com os alunos (2) Experiência com o ambiente escolar (4) Aprender a lidar com a profissão (1)
Aprender observando um professor em prática (6)	Observar as metodologias que os professores em exercício utilizam para motivar os alunos (1) Se colocar no lugar do professor (2) Contato com um profissional da área para auxiliar (1) Ter alguém para seguir como exemplo (1) Receber orientações, conselhos, dicas (1)
Entender o contexto e a realidade da escola e do professor (7)	Saber o contexto em que o professor está inserido (2) Entender a realidade das escolas públicas (2) Sobrecarga profissional (1)
Reforçar o desejo de ser professor (3)	Afirmação da escolha da profissão (2) Transformar o mundo por meio da educação (1)
Entender as diferenças entre os alunos (2)	Perceber que algumas metodologias funcionam para uns e não para outros (1) Se preparar para ser o melhor que puder de acordo com as necessidades dos alunos (1)
Entender a realidade de vida dos alunos fora da escola (5)	Compreender de onde eles veem e quais são suas condições de vida que irão

	influenciar o seu processo educacional (1) Entender o que os alunos precisam (2) Acolher os alunos (1) Olhar para os alunos com mais calma e afeto (2) Relação mais estreita dos alunos das escolas com os pibidianos (1) Confiança que os alunos das escolas depositam nos pibidianos (1)
Experiência de lidar com a educação pública durante o ensino remoto (1)	Oportunidade que não teria durante a graduação (1)
Aplicar de forma prática o que aprendeu na teoria (3)	Falta a parte prática em outros momentos da graduação (1) Ser um discente atuando de forma prática (1) Só se aprende de forma prática (1) A prática leva a perfeição (1)
Mudar a visão da educação de aluno para a de professor (1)	Entender como os alunos veem os professores e os professores veem os alunos (1)

Fonte – a autora.

De acordo com a análise do quadro, se pode observar que todos os pibidianos acreditam que obter experiência como professor é o principal sentido em que eles acreditam que o Pibid seja um diferencial na formação enquanto futuros professores. Castrogiovanni (2011, p. 65) coloca que:

o contato com a complexidade da cultura escolar transforma a vida de qualquer sujeito e tem contribuições importantes enquanto experiência do sujeito comprometido com a busca do conhecimento. (...) acreditamos que somente o cotidiano escolar, entendido como espaço social, histórico, antropológico e pensado como local de trabalho coletivo e criativo, com experiências qualificadas e significativas, pode animar e reforçar a opção pela profissão (...) (CASTROGIOVANNI, 2011, p. 65).

Assim, os pibidianos tem a oportunidade de entrar em contato e aprimorar as suas habilidades docentes desde cedo. Para muitos, o Pibid é o local de primeiro contato com o ambiente escolar, antes mesmo dos estágios da graduação em licenciatura. Assim, os pibidianos têm a oportunidade de viver o lado do professor, ministrando aulas, conhecendo a realidade dos seus alunos e vivenciando todos os desafios do ambiente escolar, aprendendo, então, a lidar com a profissão e se moldar como o professor que deseja ser. Nesse sentido, P14 comenta:

“Você buscar esse tipo de experiencia é muito valioso pra formação porque é isso que vai te dar uma carga de fato assim que vai te moldar como professora porque você vai entrar em contato com os alunos, você vai ver a realidade deles, você vai ver como que você vai agir

com cada aluno, a mesma dinâmica não funciona pra outro, você vai aprender em salas diferentes, como que muda o comportamento deles com a idade, então eu acho que é sobre o primeiro contato mesmo, de você ver como eles são, como cada um são, e como que você vai agir pra ser o melhor possível pra eles, e é só vivenciando então a importância do Pibid pra a carreira é justamente essa de dar um pontapé inicial pra gente se tornar um bom professor, um bom profissional, porque vai te oferecer esse primeiro contato mesmo.”

Ademais, os entrevistados acreditam que o Pibid também é um diferencial por proporcionar o acompanhamento de professores em prática, observando as metodologias que os professores em exercício usam para motivar os seus alunos, e recebendo orientações, conselhos e dicas de um profissional da área que está ali para auxiliá-los. Para eles, ter alguém para seguir como exemplo e poder se colocar no lugar de professor diante das situações diversas que acontecem em sala de aula, são oportunidades únicas vivenciadas no Programa. Assim, P16 comenta:

“A gente vai ter esse contato, tanto com outras pessoas que estão na mesma situação que eu, outros alunos, outros IDs, e os professores também que já passaram de certa forma pelo que a gente tá passando agora e vão tá ali pra orientar, pra dar conselhos, pra conduzir melhor a situação, eu acredito que essa experiência de forma geral pode enriquecer muito esse meu desejo em seguir a licenciatura.”

Além disso, o Pibid auxilia aos seus participantes a entender o contexto e a realidade da escola e do professor, entendendo a realidade das escolas públicas e quais as dificuldades enfrentadas pelos professores, principalmente no que diz respeito a sobrecarga profissional e a desvalorização da profissão como evidenciado por Kuenzer e Caldas (2009), que destacam como principais desafios do professor em sala de aula a desvalorização social e salarial, as condições precárias de trabalho, os danos psicológicos causados pelo envolvimento pessoal e pela carga horária excessiva e a violência de vários tipos. Assim, para P2:

“Eu acho que é justamente nessa linha aí, porque a gente já meio que a gente já vai conhecendo a realidade né, porque as vezes muita gente que não tem essa oportunidade depois de formado ganha, vamos se dizer né, fica meio ou frustrado, ou alguma coisa, ou assusta né, e a gente já vai tendo esse conhecimento de como que as coisas tão funcionando, como que é a realidade dos alunos e eu acho que isso já vai contribuindo pra gente ir moldando o que a gente vai fazer.”

Para muitos, o Pibid reforçou o desejo de ser professor, sendo uma boa oportunidade para afirmar a escolha da profissão de quem deseja transformar o mundo através da educação, corroborando com os ideais de Paulo Freire quando diz: “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas mudam o mundo.” Nesse sentido, P10 conta:

“Acho que educação é sobre isso, é a pessoa tanto aprender com o aluno e o aluno aprender com a professora, com o professor, e tanto criar projetos pra ajudar, pra tá transformando o mundo por meio da educação, acho que o Pibid é um pouco disso.”

Entender as diferenças de aprendizagem entre os alunos também é um ponto forte do Pibid. Isso porque, participar do programa, garante aos estagiários perceberem que determinadas estratégias de ensino funcionam muito para uns e não dão certo para outros, valorizando a multiplicidade de aprendizagem no contexto escolar e se preparando para serem os melhores que puderem ser, de acordo com as necessidades dos alunos. Dessa forma, Freire (1996) ressalta que *“a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança.”* Assim sendo, um bom educador, que está comprometido com o processo de ensino-aprendizagem, deve buscar novas estratégias de ensino que valorizem a multiplicidade de conhecimentos pré-existentes dos alunos, sem deixar de se embasar em um conhecimento teórico. Para P14:

“Você vai ver como que você vai agir com cada aluno, a mesma dinâmica não funciona pra outro, você vai aprender em salas diferentes, como que muda o comportamento deles com a idade, com as salas assim, 6º ano você lida de um jeito, o 7º ano já é completamente diferente, então eu acho que é sobre o primeiro contato mesmo, de você ver como eles são, como cada um são, e como que você vai agir pra ser o melhor possível pra eles.”

Além disso, o Pibid também proporciona aos seus estagiários a oportunidade de entender a realidade de vida dos alunos fora do ambiente escolar, compreendendo de onde eles vêm e quais são as suas condições de vida que irão influenciar em seu processo de aprendizagem, afinal, entender e acolher a necessidade dos alunos é um grande diferencial de um bom professor. Guidetti e Martinelli (2009) ressaltam que, para as crianças e adolescentes, a família e o contexto social o qual estão inseridos é determinante para o seu desenvolvimento social, emocional e para sua aprendizagem, sendo importante entender quais são as influências do contexto social em sua aprendizagem. Por isso, é necessário ter um olhar para os alunos com mais calma e afeto estreitando a relação entre os estagiários e os alunos das escolas. Para P7:

“Então você via o aluno chegando com sono porque ele trabalhou de manhã, o aluno chegando com fome porque ele ainda não tinha almoçado e aí o rendimento dele era baixo antes do almoço na escola, você vê diferentes coisas e aí você aprende a não julgar aquele aluno como preguiçoso, como qualquer coisa, você tenta estimular ele a estar lá apesar das adversidades, claro com consciência da classe, de onde ele vem, de como é a família, tentando integrar ele o máximo possível pra ele acompanhar a turma e a ementa no geral. Acho que esse é um diferencial muito grande no Pibid que a gente pode olhar com mais calma do que o estágio que a gente tá lá sendo avaliado e tudo mais, e é uma correria enorme do período, então eu acho isso muito importante.”

O Pibid em tempos de pandemia proporcionou uma experiência única para os seus estagiários de vivenciar o contexto da educação pública durante o ensino remoto. Isso também foi um grande diferencial do Programa visto que, para muitos, não seria possível ter essa oportunidade fora do programa já que ainda estão no começo de sua graduação. Oliveira e Barbosa (2021) salientam que anteriormente e durante a pandemia, as experiências dos pibidianos podem ser consideradas diferentes, o que não necessariamente condiz com um arcabouço maior ou menor de conhecimentos, mas sim, de experiências diferentes que irão ser importantes para a vida desses estudantes. Desse modo, para P13:

“Nessa edição do Pibid 2020, 2021 ainda mais, é um diferencial que eu acredito que no futuro eu vou ver como uma experiência que eu acho que muitos poucos alunos de graduação que participam do Pibid vão ter essa experiência que é lidar com a educação pública no Brasil em algumas escolas que a gente sabe que é bem complicado até presencialmente, mas lidar com isso de maneira remota. Então eu acho que é uma experiência que vai me render muita coisa pra contar no futuro e muito aprendizado realmente.”

Pimenta (1999) salienta que para conhecer a realidade da profissão do professor, é preciso vivenciar na prática. Nesse sentido, o Programa também é considerado um diferencial por permitir aos pibidianos a chance de aplicarem, de forma prática, aquilo que aprenderam na teoria. Para alguns entrevistados, a graduação em licenciatura não fornece tanto a parte prática para os seus estudantes, oportunidade essa que os pibidianos encontram durante o Programa. Para eles, a prática leva a perfeição, e, por isso, acreditam que o Pibid será um grande diferencial para a sua formação como futuros professores. Assim, P11 comenta:

“Você tem que praticar muito pra você ficar boa naquilo, e eu acho que ser professora é a mesma coisa, a gente tem que começar a prática desde que a gente entra no curso, por isso que eu acho que o Pibid é um programa assim essencial, porque você vai treinando desde, igual eu sou caloura, e eu já tô começando desde agora, entrar, pra ver como é que é a vivência de ser professor, porque as vezes, porque se eu não gostar eu vou ser uma professora ruim, então eu tenho que ter a prática, então eu acho que o Pibid ajuda demais nesse sentido.”

Ademais, os pibidianos acreditam que o Pibid é a oportunidade de mudar a visão da educação de aluno para a visão de professor, assim, tendo a chance de entender não só como os alunos vêem os professores, mas também como os professores enxergam os seus alunos. Dessa forma, para P4:

“Eu enquanto aluna eu tenho uma visão diferente de como funciona a sala de aula. E aí eu atuando como professora, eu tenho a noção de como os alunos eles vão começar e me ver e eu poder, como eu posso dizer isso, eu poder usar as informações que eu conseguir de como os alunos veem os professores e como os professores veem os alunos, pra eu conseguir

aplicar isso na minha vida e atuar como uma professora que seja boa, que não seja aquele tipo de professores que não gostam de participação a mais dos alunos, eu quero aprender a conseguir lidar com eles a ponto de, não obrigar ninguém a ficar calado mas talvez tentar fazer eles me ouvirem quando eu to falando e se interessarem por aquilo que eu to falando também, e eu acho que com o Pibid eu vou poder treinar isso.”

A respeito das respostas obtidas a partir da sexta pergunta da entrevista, intitulada “*Nós chamamos de estratégias de ensino o conjunto de estratégias e materiais que os professores usam em suas aulas. Quais estratégias de ensino você já conhece?*” obteve-se as respostas observadas no quadro 6.

Quadro 6 – Estratégias de ensino conhecidas

Categorias
Aulas práticas (15)
Aulas expositivas (8)
Aula demonstrativa (8)
Uso de Jogos (6)
Aulas com dinâmicas (4)
Aula lúdica (3)
Trabalhos em grupo (2)
Feiras de Ciências (2)
Análise de filmes (1)
Debates (1)
Aulas de campo (1)
Aula expositiva dialogada (1)
Rodas de conversa (1)
Quizzes (1)
Mapa mental (1)
Gincanas (1)
Semana literária (1)
Laboratório (1)

Fonte – a autora.

Com a realização dessa pergunta durante as entrevistas, foi possível observar que boa parte dos entrevistados ao serem questionados sobre estratégias de ensino, não conseguiram entender a que se referia a pergunta e como era preciso a responder. Foi necessário a explicação sobre o que são tais estratégias para que conseguissem compreender do que se tratavam.

Além disso, a maioria dos entrevistados lembraram de estratégias de ensino que são mais comuns e mais comumente utilizadas dentro de sala de aula, como é o caso das aulas práticas, citada por 15 dos pibidianos entrevistados. Assim, de forma geral, pode-se considerar que as aulas práticas são aquelas onde os alunos podem utilizar equipamentos e materiais para realizar algum experimento, relacionando a teoria aprendida com a prática. Segundo Lima e Garcia (2011), as aulas práticas têm

a função de contribuir com a fuga das metodologias de ensino mais tradicionais, onde o aluno é um agente passivo na construção do seu próprio conhecimento. Hofstein e Lunetta (1982) salientam que no ensino das Ciências, as aulas práticas vêm com a função de despertar a curiosidade e manter o interesse dos alunos, envolvendo-os em investigações científicas, desenvolvendo a capacidade de resolução de problemas.

As aulas expositivas, citada por 8 entrevistados, se caracterizam pelo foco no professor, onde o aluno é agente passivo, que apenas recebe o conteúdo transmitido pelo professor. De acordo com Madeira (2015), a aula expositiva é o modelo de aulas que mais representa o ensino tradicional. Da mesma maneira, Libâneo (1998) defende a aula expositiva e a define, “no conjunto das formas didáticas”, como um meio de instigar e estimular o aluno, e defende a combinação com outras diferentes estratégias didáticas, como o trabalho em grupo e o estudo dirigido.

Já as aulas demonstrativas, lembrada por 8 dos pibidianos entrevistados, contam com o auxílio de materiais e experimentos os quais o professor pode recorrer para demonstrar na prática as teorias aprendidas. Segundo Gioppo (1998), as atividades realizadas com experimentos são interessantes e significativas se associadas à uma metodologia de análise do que está sendo observado. Dessa forma, as atividades demonstrativas proporcionam aos alunos a construção de um conhecimento significativo e prático, que não se limita apenas à memorização. Assim, as aulas demonstrativas são consideradas uma metodologia importante, onde os alunos podem observar o que foi aprendido em sala de aula sobre os fenômenos naturais presentes no seu dia a dia, acontecer de forma prática.

O uso de jogos em sala de aula foi mencionado por 6 entrevistados. Os jogos didáticos são atividades estruturadas que proporcionam o aprendizado dos alunos de forma lúdica e divertida. Para Gandro (2000), o uso de jogos possibilita aos alunos estabelecer estratégias para a resolução de problemas, possibilitando a investigação e exploração de conceitos, visando testar as suas estratégias para vencer o jogo. É possível dizer que a utilização de jogos como metodologia de ensino proporciona uma sensação de prazer e uma aprendizagem significativa.

As aulas com dinâmicas diferenciadas foram lembradas por 4 pibidianos. O uso de dinâmicas de grupo em sala de aula proporciona situações simuladas com o

objetivo de instigar os alunos a construir a sua própria aprendizagem em grupo. Segundo Perpétuo e Gonçalves (2005, p. 2),

a dinâmica de grupo constitui um valioso instrumento educacional que pode ser utilizado para trabalhar o ensino-aprendizagem quando opta-se por uma concepção de educação que valoriza tanto a teoria quanto a prática e considera todos os envolvidos neste processo como sujeitos. (2005, p. 2).

Assim, a aprendizagem por meio de dinâmicas, ocorre de forma coletiva, de modo a proporcionar o encontro de pessoas para a construção do conhecimento em conjunto, estimulando os participantes na melhora da sua produtividade, desenvolvendo a capacidade de pensamento, melhorando as relações interpessoais e estimulando a capacidade criativa dos alunos. (ALBERTI *et. al.*, 2014).

Já as aulas lúdicas foram citadas durante 3 entrevistas. Essas são aulas em que se propõem atividades de entretenimento, que proporcionam prazer e diversão para os alunos. Santos (2010) aponta que a utilização de aulas lúdicas na escola é muito importante para valorizar as relações existentes. A ludicidade pode proporcionar o desenvolvimento cultural do aluno e a assimilação de novos conhecimentos de maneira divertida, estimulando a sociabilidade e a criatividade dos estudantes.

Os trabalhos em grupo foram comentados por 2 pibidianos. Essa metodologia consiste em propor atividades a serem realizadas em conjunto nas salas de aula. Silva (2015) defende que o trabalho em grupo visa uma aprendizagem significativa cooperativa, em conjunto, e passível de construção por meio das relações interpessoais entre os participantes. Esse tipo de metodologia contribui para a integração de experiências vividas pelos alunos, e, além disso, ainda é capaz de produzir diferentes visões acerca de um mesmo problema.

As feiras de ciências foram mencionadas por 2 pibidianos entrevistados. Essa metodologia consiste, principalmente, na formação científica dos estudantes e na divulgação científica para a sociedade ao redor. Para Farias (2006) essas feiras estimulam a curiosidade dos alunos. Assim, Pereira *et. al.*, (2000) ressaltam que as feiras garantem a participação dos alunos em experiências interdisciplinares que fogem dos conteúdos pré-determinados para sala de aula. Além disso, a comunidade ao redor pode ter acesso ao trabalho dos estudantes, promovendo o chamado “intercâmbio de informações”. (PEREIRA, OAIGEN, HENNIG, 2000).

A seguir, todas as estratégias foram lembradas apenas por 1 dos pibidianos entrevistados. Assim é o caso da análise de filmes que consiste em levar filmes interessantes e relevantes para a aprendizagem de determinados assuntos para a sala de aula, promovendo uma discussão posterior sobre ele. Viglus (2017) defende que a utilização e discussão de filmes em sala de aula pode facilitar o processo de aprendizagem, pois possui a capacidade de revelar aos alunos uma forma diferente de pensar e entender os conhecimentos teóricos. Os filmes representam uma opção mais interessante e motivadora para a aprendizagem, mas, estes não devem ser meramente ilustrativos e nem substituir o professor, mas sim, ser uma ferramenta que incita o pensamento crítico e reflexivo dos estudantes.

Já os debates, consistem em um modelo de comunicação baseado na argumentação de dois ou mais posicionamentos conflitantes acerca de determinado assunto. Leitão (2000) diz que, embora o conflito entre argumento e contra-argumento não seja o suficiente para mudar pontos de vista, os debates podem ser considerados como pré-requisitos para que se inicie o processo de mudança de opinião sobre determinado assunto. Capecchi e Carvalho (2000), ressaltam que os debates em sala de aula proporcionam aos alunos um ambiente seguro para expor as suas ideias e opiniões a respeito de determinados conceitos pré-estabelecidos. Assim, a sala de aula se torna um espaço onde os alunos possam expor as suas ideias, auxiliando no processo de aprendizagem.

As aulas de campo são entendidas como uma estratégia utilizada pelos professores que proporciona o aprendizado dos alunos em espaços não formais, ou seja, fora da escola. Zoratto (2014) revela que as aulas de campo possuem diversos benefícios no processo de ensino-aprendizagem por instigar os alunos à observação e comparação, associar a teoria com a prática, favorecer a contextualização dos conteúdos, estimular os alunos à análise interdisciplinar, além de contribuir para o aumento do vínculo existente entre professores e alunos.

A aula expositiva dialogada chega como uma saída viável para as aulas expositivas, onde o professor detém todo o conhecimento e o transmite aos alunos que irão o receber de forma passiva. Essa estratégia visa a participação ativa dos alunos, sendo o professor o mediador para que os alunos possam tirar as suas

dúvidas, questionar, interpretar, discutir e dialogar com o professor. Segundo Anastasiou e Alves (2009, p. 86),

a aula expositiva dialogada é uma estratégia que vem sendo proposta para superar a tradicional palestra docente. Há grandes diferenças entre elas, sendo que a principal é a participação do estudante, que terá suas observações consideradas, analisadas, respeitadas, independentemente da procedência e da pertinência das mesmas, em relação ao assunto tratado. O clima de cordialidade, parceria, respeito e troca são essenciais. (ANASTASIOU; ALVES, 2009, p. 86).

Dessa forma, o professor passa a assumir uma função de problematizar, questionar, libertar, trazer perguntas que precisam ser respondidas e, dessa forma, as opiniões e a participação dos alunos são valorizadas.

As rodas de conversa são apresentadas como uma troca de experiências entre os alunos. Melo e Cruz (2014) salientam que as rodas de conversa permitem que os participantes se expressem de forma a compartilhar as suas impressões, seus conceitos, suas opiniões e concepções acerca do assunto abordado. Dessa forma, há a possibilidade de uma reflexão maior a respeito dos sentimentos, opiniões e conceitos de todo o grupo.

Os *quizzes* são questionários aplicados de forma lúdica com o objetivo de avaliar os conhecimentos dos alunos acerca de determinados assuntos. Conforme Araújo (2011) o *quiz* pode ser realizado com a utilização de ferramentas tecnológicas dentro da própria escola. Eles podem contribuir de forma eficaz na construção de saberes e na avaliação dos alunos. Os *quizzes* auxiliam na aprendizagem significativa e lúdica. Dessa forma, a sua utilização nas áreas do conhecimento pode ser considerada eficaz, de forma que é um recurso que desperta a ação dos estudantes, auxiliando o processo de aprendizagem.

Os mapas mentais são um tipo de diagrama realizado a partir de um elemento central que vai se ramificando em outros variados elementos, onde cada um dos ramos consiste em uma subdivisão do conceito central. Os mapas mentais são importante instrumento para o ensino e aprendizagem de biologia. Para Galante (2013):

Criar um mapa mental pode ser um processo provocante e mesmo que seja necessário dispender um pouco mais de tempo na sua elaboração, esse tempo dispendido será

compensado quando se torna necessário estudar e reter as informações nele contidas (GALANTE, 2013, p.16)

Assim, os mapas mentais desenvolvem diversas habilidades nos estudantes, entre elas, a flexibilidade do pensamento, oferecendo aos estudantes a facilidade no detalhamento de informações. (HERMANN, W.; BOVO, V., 2005).

As gincanas possuem como objetivo principal analisar os conhecimentos dos alunos divididos em duas ou mais equipes de forma amigável, lúdica e recreativa. Para Branco e Moutinho (2015), as gincanas incentivam os alunos a participarem harmonicamente dos momentos de socialização do conhecimento, sendo instrumento importante para o desenvolvimento da aprendizagem. Segundo Vygotsky (1991) essas interações sociais são essenciais para o desenvolvimento social e acadêmico dos alunos.

A semana literária de acordo com Cosson:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2016, p. 30)

Dessa forma, a semana literária têm como principal objetivo, despertar o interesse dos alunos pela leitura a partir da realização de atividades relacionadas à leitura oral e escrita.

As aulas de laboratório são aquelas que proporcionam ao aluno uma aprendizagem mais participativa. Assim, de acordo com Krasilchik (2004), as aulas de laboratório estimulam a participação dos alunos na manipulação de equipamentos e materiais além da observação de perto de organismos e acontecimentos científicos, proporcionando um aprendizado experimental e prático. Para Borges (2002), sem as aulas de laboratório, o conhecimento científico se reduz a um apanhado de definições, leis e fórmulas abstratas.

Dessa forma, para a formação de um bom educador, é necessário o conhecimento, aprendizado e aplicação de estratégias de ensino diferenciadas, sem deixar de se embasar em um conhecimento teórico.

A respeito das respostas obtidas a partir da sétima pergunta da entrevista, intitulada “*Em quais lugares ou situações você acredita que possam ter lhe proporcionado um maior contato com diferentes estratégias de ensino?*” obteve-se as respostas observadas no quadro 7.

Quadro 7 – Locais que proporcionam o contato com estratégias de ensino

Categorias	Subcategorias (nº de ocorrências)
Escola (15)	Excursões escolares (1) Aulas de laboratório (1) Professores criativos e inspiradores (1) Atividades extracurriculares (1)
Universidade (14)	Inovação das maneiras de ensinar (1) Fuga do tradicional ensino nas escolas (1) Professores mais dedicados ao ensino (1) Qualidade de material (1) Maior investimento (1) Aulas de professores inspiradores na graduação (1) Palestras (1)
Disciplinas pedagógicas da licenciatura (1)	Abertas ao diálogo em sala de aula (1) Compartilhar experiências (1)
Equipe de Crisma da Igreja (1)	Improvisação de aulas (1)
Pibid (2)	Entender o comportamento dos alunos em sala de aula (1)
Monitorias e aulas particulares (4)	Entender as particularidades de aprendizagem dos alunos (1)
Cursinho Pré-vestibular (3)	Aprender com o cursinho (2) Ministrar aulas em cursinho (1)

Fonte – a autora.

Como observado através do quadro 7, para muitos pibidianos, o contato e aprendizado sobre as estratégias de ensino vêm desde os tempos de escola. Isso porque foram inspirados por professores criativos que ministravam aulas de maneira diferenciada. Cropley (2006) salienta que as escolas precisam auxiliar os seus professores na busca de práticas pedagógicas criativas, visando desenvolver a capacidade de criatividade nos seus alunos. P7 comenta que:

“Eu acho que na escola mesmo, eu tive todo tipo de aula imaginável e não imaginável, meus professores eram muito criativos então as vezes eles enviavam o link pela internet pra gente fazer um jogo, ou uma simulação de física...”

Assim, para alguns entrevistados, a escola foi onde tiveram contato com aulas diferenciadas, como as de laboratório que fugiam do esquema tradicional do quadro

e giz, e puderam participar de atividades extracurriculares e de excursões com intuitos escolares.

De acordo com Zuffo e Moura (2015), o Ministério da Educação, governado pelo Governo Federal, desde a segunda metade dos anos 2000 têm investido mais na Educação, intensificando os gastos em especial no Ensino Superior. Assim, os investimentos em Ensino Superior são maiores, o que leva a uma maior qualidade do material e a dedicação maior dos professores ao ensino, inovando nas suas formas de ensinar. Por isso, a Universidade também foi citada por muitos entrevistados que se sentem constantemente motivados por aulas de professores inspiradores durante a graduação e pela participação em palestras sobre o assunto. P13 salienta que:

“Já tive professores dentro da UFV que trabalhavam com meditação, que trabalhavam com uma coisa um pouco mais reflexiva do que não só você sentar ali na cadeira e ouvir ele falar, fazer o exercício que ele propunha, ele realmente gerava uma mesa redonda, então assim, acredito que esse tipo de coisa realmente fez diferença pra mim em algumas disciplinas que ficaram bem marcantes”.

As disciplinas pedagógicas da licenciatura são espaços abertos para o diálogo e compartilhamento de experiências em sala de aula. Assim, é possível conhecer e discutir sobre metodologias utilizadas entre professores e alunos para garantir que o ensino de determinados conteúdos seja aproveitado da melhor forma pelos alunos. Nesse sentido, Libâneo (2010) ressalta que as disciplinas didáticas têm como principal função o planejamento educacional de objetivos, conteúdos de ensino, métodos, estratégias e técnicas de ensino no processo de ensino-aprendizagem, bem como a avaliação de como se dá tal aprendizagem. Assim, P6 salienta:

“Assim, uma coisa que me desperta muito em EDU é realmente o diálogo que a gente tem por que a professora de EDU ela abre muito espaço pra diálogo na sala de aula, dentro da aula. E a gente troca muito papo assim, entre a galera, os alunos e tudo e a gente complementa um ao outro.”

Um entrevistado se recordou sobre a participação na equipe de crisma de sua Igreja, visto que durante esses encontros ocorriam muitas improvisações de aulas. Assim, P10 comenta que:

“Eu também participei da equipe de crisma da minha antiga igreja né, e aí foi muito legal porque deu oportunidade de você enxergar ali as vezes a gente tinha que dar uma aula improvisada aí você pensava assim nossa como que eu vou fazer, aí a gente normalmente pegava uma música, fazia um teatro...”

Apenas dois pibidianos citaram o Pibid como o momento em que foi proporcionado o contato com estratégias de ensino. Isso se pode ser justificado pelo fato de a participação dos entrevistados no Programa ainda ser recente quando foi aplicada a primeira rodada de entrevistas. Assim, ainda não houve tempo hábil para esse aprendizado, sendo esse um ponto que se deseja averiguar na segunda rodada de entrevistas, doze meses após a participação deles no Programa. Apesar disso, P11 afirma que:

“Na faculdade agora no Pibid tá me ajudando demais porque eu to aprendendo diferentes metodologias que eu não conhecia e agora de uma forma completamente diferente que é online, porque eu tava acostumada a fazer tudo no presencial, então assim, agrega demais.”

Para Schneider (2006), ao se trabalhar com monitorias, os graduandos adquirem conhecimentos pedagógicos e trabalham na produção do seu próprio conhecimento. Assim, as monitorias, bem como as aulas particulares, auxiliaram os entrevistados a entenderem as particularidades de aprendizagem dos alunos, assim, incentivando-os a tentar adaptar a sua forma de ensinar de maneira a atender as necessidades do público para o qual se ensina. P22 afirma que:

“Eu acho que a minha experiência como professora particular também ajuda porque a gente conhece a realidade do aluno individualmente, porque você dá aula pra uma pessoa só né, você para de enxergar a turma como ser único né, porque são vários indivíduos com conhecimentos diferentes, com velocidades pra aprender diferente.”

Ademais, o cursinho de pré-vestibular também foi lembrado por alguns dos entrevistados, tanto pela oportunidade de aprender e se inspirar com as aulas de seus professores quanto pela chance que um deles já teve em ministrar aulas nesse espaço. P4 conta que:

“No cursinho online, que foi onde eu cheguei mais perto de entender mesmo como as metodologias de ensino funcionam.”

A respeito das respostas obtidas a partir da oitava pergunta da entrevista, intitulada *“Desde dezembro de 2019, o mundo tem enfrentado a situação da pandemia de Covid resultando em implicações diretas na Educação. Para você, quais são os principais desafios do ensino remoto?”* obteve-se as respostas observadas no quadro 8.

Quadro 8 – Principais desafios do ensino remoto

Categorias	Subcategorias (nº de ocorrências)
Desafios pessoais para os pibidianos (5)	Voltar para a casa dos pais (1) Falta de rotina (1) Ausência de restaurante universitário (1) Responsabilidades domésticas (2) Procrastinação (1) Exaustão (4) Falta de meios de estudo e de tempo para se dedicarem (4) Saber lidar com tecnologias (1) Instabilidade de recursos (2)
Desafios para o ensino para os alunos das escolas (22)	Desinteresse dos alunos (9) Falta de recursos: internet, computador, celular e televisão (15) Busca por respostas prontas na internet (1) Falta de ambiente propício para estudos (6) PET's com conteúdo muito limitado (1) Desestímulo para estudar conteúdos previamente (1) Distrações (5) Conseguir focar sozinho (1) Outras responsabilidades e trabalhos (1) Falta de contato humano (3) Perda do local de principal amadurecimento (1) Desgaste emocional de alunos e professores (2) Monotonia (1) Prejudica o aprendizado para a vida (1) Falta física do professor (1) Instabilidade de recursos (2)
Desafios para os professores (5)	Muitos professores têm dificuldades ou resistência em usar tecnologias (1) Instabilidade de recursos (2) Dificuldade em manter a atenção dos alunos (1) Encontrar metodologias adaptadas ao ensino remoto (3) Pensar na aprendizagem de portadores de algum tipo de deficiência (1) Lacuna entre educação privada X educação pública (3) Garantir educação para todos alcançando todas as realidades (2) Desigualdades ainda mais evidentes proporcionando uma educação desigual (3)

Fonte – a autora.

Ao serem questionados sobre os desafios do ensino remoto, muitos dos pibidianos também responderam contando sobre os desafios pessoais que enfrentam nesse momento. Saraiva et. al., (2020) ressaltam que todo o cenário de pandemia e suas implicações na Educação, estão levando os professores à exaustão. Para o caso dos pibidianos que estão ministrando aulas e enfrentando as dificuldades dos professores, o cenário não poderia ser diferente. Assim, para eles, a exaustão é um dos principais motivos que acham desafiadores nesse momento, o que acabou levando alguns a procrastinação.

Além disso, os pibidianos também encontraram dificuldades em saber lidar com as tecnologias e com a instabilidade dos recursos tecnológicos, visto que a utilização de internet e plataformas digitais se tornaram essenciais para o ensino durante a pandemia. P2 ressaltava que:

“Eu moro em zona rural, então o grande desafio mesmo tá sendo a internet, porque tem hora que ela cai as vezes na hora da aula, ela cai, ela fica ruim, e as vezes a gente tá ali fazendo alguma coisa, ou uma apresentação, ou uma reunião, e assim, ela fica instável sabe, então assim por essa instabilidade da internet, falta de luz também né porque aqui é uma coisa assim que acontece normalmente, então essas coisas assim acabam dificultando entendeu, porque a gente tá ali na aula ali prestando atenção, focada, aí a internet vai e cai. Ou quando a gente tá apresentando, então assim é uma situação bem ruim, por essa dificuldade.”

Muitos pibidianos, durante o momento de pandemia, optaram por voltar para a casa dos pais, o que acabou gerando uma quebra da rotina a qual estavam acostumados. Além disso, a falta do restaurante universitário para as alimentações dos estudantes também foi um fator desafiador, aliado as responsabilidades domésticas e outros trabalhos fora de casa, o que gerou a diminuição do tempo para se dedicarem aos estudos. Assim, P5 comenta que:

“Meu maior problema foi que eu tive que voltar pra casa dos meus pais né, querendo ou não a rotina é muito diferente, lá por exemplo, aqui eu tinha o RU que é muito mais tranquilo e facilita a vida do universitário, lá eu tenho que fazer o almoço todos os dias na hora certa, pro meu pai chegar, e eu ajudo minha mãe no trabalho, ajudo minha mãe em casa, então acaba que o tempo que eu tenho pra estudar fica muito mais curto e aí quando eu posso estudar as vezes eu to muito cansada ou com preguiça porque eu já fiz outras coisas, me tirar da rotina foi o que mais me atrapalhou.”

Quanto aos desafios enfrentados pelos alunos das escolas, todos os entrevistados enumeraram algumas das grandes dificuldades. A falta de recursos como: internet, computador, celular e televisão e a instabilidade desses recursos, quando o possuem, foram as dificuldades de mais destaque como impedimento para alguns estudantes participarem ativamente do ensino remoto. Essas dificuldades

implicam no prejuízo do aprendizado para a vida, pois eliminam a possibilidade do ensino online, sendo uma forma de educação que privilegia poucos. Nesse sentido, as diferenças sociais se tornam ainda mais evidentes em relação a alunos de ensino público e ensino privado, já que no ensino público, existe uma grande quantidade de alunos que o professor sequer consegue ter acesso. E, além disso, e não foram disponibilizados auxílios do governo para alcançar esses alunos que não possuem acesso as tecnologias. Segundo Lopes (2020, p.04)

Diversos especialistas avaliam que é preciso considerar a grande diferença existente entre o ensino público e o privado. Na rede pública, as vídeoaulas duram 20 minutos. As vídeoaulas são insuficientes, superficiais e muitas não estão em acordo com os Planos de Estudos Tutorados. Grande parte dos alunos não tem acesso as aulas, seja por falta de acesso à TV, internet e outras tecnologias. Além disso, o PET tem sido um material insuficiente para os estudos remotos na rede estadual e municipal. Enquanto isso no setor privado as aulas tem maior tempo de duração, acesso a materiais didáticos, além de contar com recursos tecnológicos que favorece o ensino remoto.

Dessa forma, P20 comenta que:

“Eu acredito que primeiramente as pessoas que não tem acesso à internet em casa, não tem acesso a um computador, é eu acho que é um grande empecilho né, eu acho que até elimina a possibilidade do ensino remoto, e também as pessoas que não tem um ambiente próprio pra estudar né, tem que estudar na sala ou divide o quarto com alguém, não tem um cantinho pra estudar, é o fato de estar em família também, várias distrações que isso gera né, as distrações de estar em família, é e também conseguir manter a atenção sozinho né, ser praticamente autodidata.”

O desinteresse dos alunos aliado com a facilidade de buscar por respostas prontas na internet, e aos Planos de Estudos Tutorados (PET) fornecidos pelo governo com o conteúdo muito limitado das disciplinas, levaram ao desestímulo em massa para os alunos estudarem conteúdos previamente. Chagas (2020) salienta que boa parte dos estudantes da rede pública não possuem acesso à internet, acompanhando apenas os Planos de Estudos Tutorados, que, sozinhos, são pouco eficientes para a aprendizagem. Além disso, muitos adolescentes ainda não terem maturidade necessária para entenderem que precisam estudar, visto que o ensino online requer muito mais maturidade e interesse por parte dos alunos. Nesse sentido, P12 comenta que:

“É o desinteresse também, porque o ensino remoto exige muito mais da pessoa estudar por conta própria, pegar pra fazer ela mesma, porque não tem ninguém te monitorando né, você pode abrir a aula e sair, então exige muito mais responsabilidade e interesse nesse ponto de vista”.

Além disso, a perda do ambiente escolar, local de principal amadurecimento e socialização de crianças e jovens aliado a monotonia das aulas remotas e a falta de contato humano com amigos e professores, são fatores com grande potencial de causar desgaste emocional. Dessa forma, Maia (2020) salienta que a falta de contato físico entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem exerce grande influência nas condições de saúde mental não só dos estudantes, mas também da sua família e dos professores.

Muitos dos entrevistados também acreditam que a falta de um ambiente propício para estudos é uma grande dificuldade para a aprendizagem dos alunos das escolas públicas durante o ensino remoto, visto que muitos deles moram em casas com muitas pessoas, ou possuem relações familiares complicadas ou até mesmo não têm o apoio e suporte da família para continuarem os estudos. As distrações que possuem em casa e a dificuldade em focar nos estudos estando sozinho, dificulta a prender a atenção dos alunos nos estudos e acaba gerando a evasão escolar. Nesse sentido, Alves (2020) comenta que, além da falta de acesso as tecnologias digitais, as condições de moradia também exercem forte influência no aprendizado durante a educação remota. Isso porque é complicado para os alunos acompanharem as aulas virtuais quando se vivem em residências que não oferecem espaços adequados para o estudo, com poucos cômodos ou em situações de estresse e violência física e/ou psicológica. Assim, P17 reitera:

“Muitos alunos não tem condições de assistir as aulas por causa de internet, seja por causa de conexão ou por falta de tempo, por falta de ambiente propício e também falta de engajamento porque querendo ou não na escola a única coisa que você pode fazer é estudar, enquanto em casa você já tem um milhão de coisa que você pode fazer, você pode ficar no computador, você pode ficar no celular, você pode sair pra jogar bola, essas outras situações que puxam a atenção do aluno e são muito mais interessantes do que a aula em si e isso faz com que, isso causa uma evasão das aulas muito grande”.

A respeito das respostas obtidas a partir da nona pergunta da entrevista, intitulada *“Você acha que os professores podem adaptar suas aulas para o ensino remoto? Você pode listar para mim o que você utilizaria de metodologias e recursos didáticos caso você precisasse ministrar uma aula neste momento?”* obteve-se as respostas observadas no quadro 9.

Quadro 9 – Adaptação dos professores ao ensino remoto. Metodologias e recursos utilizados para ministrar uma aula

Categorias	Subcategorias (nº de ocorrências)
Nem todos os professores conseguem se adaptar (4)	Falta de aparelhos tecnológicos e internet estável (1) Falta de auxílio financeiro do governo para adaptação dos professores (1) Muitos ainda não sabem utilizar a tecnologia a favor da educação (1) Professores não tiveram formação tecnológica para isso (1) Fazem o que está ao alcance deles (1)
Não (1)	Professor não consegue chegar em alunos que não tem acesso (1)
Sim (17)	Apesar de ser um desafio (4) Muitos professores estão bem adaptados (1) Apesar de não proporcionar a mesma experiência (3) Tudo pode ser aprendido (1) Necessário criatividade do professor (1)
Metodologias	Recursos
Aulas sobre atualidades (1)	Levar notícias para os alunos (1)
Aula expositiva (16)	Uso de eslaides (8) Plataformas online (13) Auxílio de professores de libras (1) Uso de vídeos (6) Câmera de boa qualidade (1) Quadro (2) Uso de animações (1) Uso de séries (1) Utilizar apostilas (2) Uso de redes sociais (1) Uso do material didático dos alunos (PET's) (2)
Aulas práticas (1)	Fazer experimentos com os alunos (1)
Aulas demonstrativas (3)	Utilizar recursos relacionados para demonstrar os procedimentos aos alunos (2)
Uso de Jogos (2)	
Aulas com dinâmicas (3)	
Contação de histórias (1)	
Quizzes (1)	
Aulas assíncronas (5)	Gravação de vídeos (5)

Fonte – a autora.

Além dos grandes desafios já existentes pré-pandemia, o cenário brasileiro sofreu fortes influências com a instalação da covid no Brasil e no mundo. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO),

mais de 1 bilhão de estudantes em todo o mundo, ficaram sem aulas devido a questões sanitárias e de isolamento social causados pela pandemia. (UNESCO, 2020)

Com as fortes influências da crise sanitária na educação, se faz necessário refletir sobre quais metodologias os professores estão utilizando em suas aulas, e, se tais metodologias estão satisfazendo as necessidades de ensino dos alunos. Nesse sentido, se realizou a presente pergunta, na qual, a seguir, se apresentam os resultados.

Para a maioria dos pibidianos, os professores estão conseguindo adequar as metodologias de ensino para o ensino remoto. Porém, a adaptação é um grande desafio e é necessário que os professores sejam criativos neste momento. Eles acreditam que tudo pode ser aprendido, apesar dessa modalidade de ensino não proporcionar a mesma experiência do ensino tradicional presencial. Paes e Freitas (2020) salientam o processo desafiador de utilizar tecnologias digitais a favor da Educação, já que o uso dessas tecnologias se tornou indispensável para o ensino durante a pandemia, exigindo de alunos e professores, novas competências e habilidades. Além disso, muitos acreditam que os professores já estão bem adaptados e acostumados com a nova realidade de ensino durante a pandemia. P21 comenta que:

“Eu acredito que pode sim. Eu acho que perde um pouco da qualidade né por ser nesse formato, mas eu acredito que eles tão até se esforçando muito pra isso né, pra se adaptar da melhor maneira possível pra transmitir o conhecimento”.

Alguns entrevistados acreditam que nem todos os professores conseguem se adaptar ao novo molde da Educação em tempos de pandemia já que eles não tiveram sequer uma formação tecnológica para isso, ainda não sabendo utilizar a tecnologia a favor da educação. Nesse sentido, Oliveira et. al., salientam a importância da capacitação de professores para o fortalecimento de suas metodologias para o ensino remoto, visando a adaptação de profissionais ao ensino remoto e o aprendizado para utilização de tecnologias digitais interativas a favor do processo educacional. P18 comenta que:

“A gente não tem muita educação sobre tecnologias né, não é algo muito explorado, que foi muito explorado na formação de professores, e eu vejo que tem muitos professores que tão apanhando assim das tecnologias para desenvolver e manter o nível da aula, e é uma forma assim, é o paliativo. Você tem que arrumar uma forma de fazer aquilo, mas é de longe não é o ideal.”

Ademais, as dificuldades como: a falta de auxílio financeiro do governo para a adaptação dos professores, a falta de aparelhos tecnológicos e a instabilidade de recursos, podem ser consideradas como fatores que dificultam ou até mesmo impossibilitam o ensino remoto. Apesar disso, os pibidianos acreditam que todos os professores estão fazendo tudo que está ao seu alcance para promover uma educação de qualidade mesmo em tempos atípicos para a Educação. Para P9:

“Eu acredito que ter como trazer pra isso, tem, só que é muito mais complicado né. Muitos professores até não entendem bem como usar essa tecnologia a favor da educação né, claro que eles tão fazendo, tão dando o seu melhor e ainda tem gente que reclama né, mas assim eu acho que por mais que seja muito difícil eu acho que é sim, tem como, mas claro que eu acho que não se compara ao ensino presencial”.

Apenas um dos entrevistados acredita que os professores não conseguem adaptar as suas metodologias para o ensino remoto. Isso porque existem alunos sem acesso as tecnologias os quais os professores não conseguem alcançar, independente da metodologia utilizada por eles. Assim, segundo P12:

“Não, eu acho que em relação a esse problema social não tem como mesmo a gente se adequar a isso, muito difícil. É não tem como o professor chegar nesses alunos sabe, pra mim é inviável esse ponto do ensino remoto”.

Mas, quando questionados sobre quais metodologias e recursos didáticos os entrevistados utilizariam caso precisassem ministrar uma aula neste momento, o ponto de destaque foi que muitos pibidianos, até então, não sabiam do que se tratava essas metodologias. Assim, eles não sabiam como responder à pergunta, e, mesmo após a explicação, ainda apresentavam dificuldades em entender do que se tratavam tais metodologias de ensino. Ainda assim, mesmo dentre aqueles que tinham conhecimentos sobre as metodologias, ainda havia muitos com dificuldades para diferenciar o que são metodologias de ensino e o que são os recursos didáticos. Isso pode ser justificado pelo Pibid ser uma oportunidade para alunos que estão no começo da sua graduação, onde a maioria ainda não passou por experiências com as disciplinas pedagógicas da licenciatura em seu curso. Assim, a noção dos conceitos de metodologias de ensino, recursos didáticos e as diferenças entre eles, ainda não foram aprendidos pelos pibidianos, ressaltando ainda mais a sugestão para que o Pibid seja o Programa que ofereça esse momento de formação para os seus bolsistas e voluntários.

Pasini *et al.*, (2020) apresentam uma reflexão sobre o novo molde de ensino para educação básica durante a pandemia, ressaltando a importância de novas ferramentas, aplicativos e programas para esse momento. Porém, no que diz respeito as metodologias de ensino citadas pelos pibidianos, a maioria das respostas se restringiu as aulas expositivas, metodologia mais tradicional e mais conhecida por eles. Para as aulas expositivas, muitos citaram que utilizariam recursos comuns como: uso de plataformas online, eslaides, uso de vídeos, uso de câmera de boa qualidade, quadro, uso de animações, uso de séries, uso de apostilas, uso de redes sociais e o uso do material didático fornecido aos alunos pelo governo, o Programa de Estudos Tutorado (PET). Além disso, um entrevistado respondeu que gostaria de ter o auxílio de um professor de libras durante a aula ministrada para poder abranger as diferenças em sala de aula, caso existissem.

As aulas sobre atualidades, comentando com os alunos e discutindo sobre as notícias que estariam em destaque naquele momento, trazendo o contexto da atualidade para a sala de aula e relacionando ao conteúdo estudado, também apareceu como sugestão de metodologia para o ensino. Além disso, a aula prática também foi proposta, com a sugestão de realizar experimentos práticos com os alunos, mesmo sendo a distância. A intenção seria fazer uma explicação sobre como funciona o experimento e, assim, cada aluno poderia repetir o procedimento em sua casa.

As aulas demonstrativas também foram mencionadas como uma forma possível para o ensino remoto. Tal aula aconteceria de forma a utilizar os recursos relacionados ao experimento que se deseja realizar, a fim de demonstrar, através da câmera, os procedimentos para os alunos. Ademais, o uso de jogos on-line, as aulas com dinâmicas, a contação de histórias e os *quizzes*, também foram citadas como metodologias interessantes para ensinar durante o ensino remoto. Isso devido a serem metodologias mais dinâmicas e que contam com maior participação e atenção dos alunos, o que faz com que eles se tornem mais interessados pela aula, evitando o desânimo e a monotonia das metodologias tradicionais. Dessa forma, Gomes (2009) ressalta a importância da escola e dos professores refletirem sobre as suas práticas a fim de valorizarem o lúdico e divertido para evitar a monotonia, o desinteresse e a indisciplina de seus alunos.

Além disso, as aulas assíncronas com a gravação de vídeos também foram consideradas pelos entrevistados. Para eles, seria interessante gravarem uma aula que poderia ser assistida onde, quando e quantas vezes os estudantes tivessem interesse e necessidade de voltar naquele conteúdo.

Por fim no que tange a primeira rodada de entrevistas, em relação as respostas obtidas a partir da décima pergunta, intitulada “*A pandemia teve influência em sua saúde mental? De quais formas?*” obteve-se as respostas observadas no quadro 10.

Quadro 10 – Influências da pandemia na saúde mental

Categorias	Subcategorias (nº de ocorrências)
Sim (21)	Crises de ansiedade (12) Voltar ao convívio familiar (7) Suspensão de aulas (1) Notícias de morte todos os dias (2) Desânimo (2) Afetou a saúde física (1) Falta de adaptação ao ensino remoto (1) Estagnação (1) Perda do direito de ir e vir (1) Solidão (1) Depressão (2) Sensação de estar perdido (1) Insônia (1) Frustrar expectativas (1) Aumento do tempo necessário para formatura (1) Perda da esperança de viver (1) Sensação de incapacidade e inutilidade (1) Falta de rotina (2) Medo de sair de casa (3) Falta de energia (1) Falta de contato social (5) Cobrança interna (1) Falta de concentração (1) Estresse (4) Baixa autoestima (1) Exaustão (2) Carência (1) Medo da doença (1) Preocupação com amigos e familiares (3) Desespero em ver pessoas levando a vida normalmente (1)
Não (1)	Momento de amadurecimento pessoal (1)

Fonte – a autora.

Com o início da pandemia de covid que chegou ao Brasil em fevereiro de 2020, o contexto educacional sofreu drásticas mudanças. Em março de 2020, as aulas

presenciais de escolas, faculdades, e universidades foram suspensas, sem data certa para voltar. Diante das incertezas do momento no cenário mundial frente a uma pandemia que era algo novo, universidades demoraram meses antes de apresentarem alguma decisão sobre o retorno de suas aulas bem como se daria esse retorno. Médici *et al.* (2020) comentam que o cenário educacional tem sofrido muitas consequências diante a pandemia. Assim, a situação de interrompimento do ensino presencial, interferiu nos sonhos e nas perspectivas de vida e de futuro de inúmeros discentes, em todos os níveis de ensino. Dessa forma, a suspensão abrupta das aulas presenciais e a falta de conhecimento sobre o próprio futuro educacional se mostrou uma preocupação geral, causadora de muitos problemas na saúde mental dos entrevistados. P14 conta que:

“Eu vou ficar ansiosa porque eu quero saber se vai voltar as aulas algum dia, porque nem tem a previsão, não me imagino de novo na UFV é muito difícil, tipo me imagino de novo daqui sei lá 2 anos, porque a galera não fala em 2021 voltar então vai que volta só em 2022, aí você fica pensando nisso e acaba que a ansiedade te consome.”

As crises de ansiedade provocadas pelas incertezas mundiais do futuro nos primeiros meses de pandemia foi o principal gatilho apontado pela maioria dos pibidianos entrevistados. Segundo eles, a sensação de estar perdido e não saber quando tudo irá acabar e quando a vida voltará a seguir o seu destino “normal” é um dos fatores que mais afetou em sua saúde, não só mental como também a saúde física. Segundo Brooks (2020), para além da saúde psicológica, os impactos da pandemia podem causar desconfortos como: cefaleia, humor deprimido, agressividade e alterações no sono, atenção e memória. Assim, médicos, médicos psiquiatras e psicólogos precisaram ser consultados por alguns dos entrevistados com vista a recuperar a saúde mental e física e não desanimarem de viver e se entregarem a depressão durante a pandemia. Para P8:

“Eu acho que a ansiedade aumentou muito de não saber como vai ser o futuro e nem quando isso vai terminar. Insônia também, desânimo...”

Além disso, muitos pibidianos que moravam em cidade diferente a terra natal por causa dos estudos, tiveram que retornar para a casa dos familiares, o que gerou dificuldades no que diz respeito a se readaptarem ao convívio e a rotina diferente fora de casa, como ressalta P16:

“Assim que as aulas foram suspensas eu já voltei pra casa, só que a convivência né em família não é a coisa mais simples do mundo, aí nesse sentido foi bem complicado, voltar pra casa dos meus pais de uma forma assim, por obrigação”.

Ademais, com a suspensão inicial das aulas, o tempo necessário para a conclusão da graduação foi prolongado, adiando a futura formatura. Isso interferiu na vida dos entrevistados pois remeteu a um adiamento de todos os planos e sonhos para a vida acadêmica. (MÉDICI; TATTO; LEÃO, 2020). Esses fatos se tornaram gatilhos para crises de ansiedade, pânico e depressão, pois, além de estarem fora de casa e da sua rotina habitual, os entrevistados também relataram a perda da individualidade e da privacidade que tinham antes e a frustração das expectativas que tinham com os planejamentos para a formatura.

As notícias da pandemia são vinculadas em todos os meios de comunicação, e, mesmo quando não se deseja saber os seus dados, ainda assim é difícil fugir quando se tem acesso as tecnologias digitais. Assim, Gomes et. al., 2021 afirmam que o sofrimento psicoemocional aumentou expressivamente devido à massiva divulgação de dados sobre a pandemia na mídia. Dessa maneira, pessoas doentes e dados de mortes, mesmo que não sejam vinculadas a entes próximos e queridos, afetam o psicológico e a saúde mental de forma a causar sensação de medo, incapacidade e inutilidade. Gonçalves *et al.* (2020) afirmam que o medo da morte coloca os indivíduos frente a frente aos maiores medos e uma das maiores dores da vida: perder os nossos entes queridos. Dessa forma, P16 comenta que:

“A sensação de incapacidade, de inutilidade, de não poder fazer nada quanto a isso, acho que foi o que mais mexeu comigo no sentido de simplesmente ter que sentar e esperar e não poder fazer muita coisa.”

Desânimo, insônia, baixa autoestima, estresse, exaustão, baixa de energia, cobranças internas, carência, preocupação com amigos e familiares, medo de sair de casa, falta de concentração, sensação de estar perdido, solidão, depressão, perda do direito de ir e vir, desespero em ver pessoas vivendo a vida normalmente, estagnação, e falta de energia, foram gatilhos na saúde mental da maioria dos entrevistados, efeitos esses gerados por uma pandemia que em meados de outubro de 2020 ainda pouco se sabia e ainda necessitava de muito avanço e incentivo a ciência para se conhecer. P12 comenta que:

“Você fica com auto estima baixa, porque não pode sair de casa, ver ninguém, você fica carente, você cansa de conversar com os outros, fica muito mais estressado, fica exausto,

“você gasta tanta energia tipo assim pra ficar em casa, você gasta tanto seu psicológico pra não explodir em casa, não fazer nada, ficar só preso que você acaba não tendo mais energia pra nada, pro estudo, pra assistir aula, então aí a cobrança depois vem porque você tem que tirar notas boas e tais”.

Além disso, a maioria dos pibidianos alegaram que o maior gatilho para a saúde mental não se tratava apenas do medo de contrair a doença, mas também da falta do convívio social, do abraço dos amigos, e de poder estar perto das pessoas amadas. Gonçalves et. al., (2020) salientam que o medo que um cenário pandêmico desperta nas pessoas pode ocasionar uma sensação de terror ao pensar na perda de familiares e amigos, além da melancolia de não poder conviver fisicamente com as pessoas amadas. Assim, P17 comenta:

“A gente tem que ficar preso dentro de casa por causa do isolamento, não pode fazer mais as coisas que a gente fazia antes, não pode assim encontrar com família, não pode se encontrar com amigos, e isso acaba atacando muito o nosso psicológico”.

Além disso, a preocupação em não ter ideia de quando as coisas irão voltar ao normal, se é que um dia voltarão, é outro fator que se tornou gatilho na saúde mental.

A falta de adaptação ao ensino remoto também se mostrou presente como barreira na saúde psicológica. Isso porque nem todos possuem as mesmas condições e recursos para desfrutarem de uma educação plena de forma online, assim, se tornando mais difícil para adaptação na realidade de alguns. P14 comenta que:

“No início quando as aulas voltaram eu não conseguia concentrar de jeito nenhum nas aulas, eu ainda tive que me adaptar porque eu tinha esquecido meu notebook em viçosa então eu tava assistindo as aulas pelo celular”.

Apenas um dos entrevistados relatou que, para sua saúde mental, a pandemia foi um momento de autodescoberta e de realização pessoal. Gonçalves et al. (2020) defendem que frente ao cenário de pandemia, os indivíduos passam por um processo de “flexibilidade psicológica” a fim de buscar novos significados para as transformações do mundo que rodeia. Assim, é possível se adaptar e criar formas de se viver, se adaptando ao contexto e encontrando novas significações do viver e da vida. Assim, P9 comenta que:

“Então eu acho que diferente da grande maioria das pessoas, que muita gente ficou mal né, nessa pandemia, aumentou as crises de ansiedade, claro que assim, eu sou uma pessoa muito ansiosa, não de ansiedade assim, sou ansiosa com as coisas do dia a dia mesmo, mas eu nessa pandemia eu consegui parar pra olhar um pouquinho pra mim, então assim foi um processo de amadurecimento pessoal muito grande, então com certeza eu vou sair dessa pandemia muito melhor do que eu entrei, assim, psicologicamente comigo mesma”.

Entretanto, para os outros 21 entrevistados, de alguma forma, a pandemia os deixou mais exaustos tanto psicologicamente quanto fisicamente.

Parte 2 – Entrevistas realizadas em outubro e novembro de 2021

Dos 22 pibidianos entrevistados na primeira rodada de entrevistas, entre outubro e novembro de 2020, apenas 16 manifestaram interesse e disponibilidade para participar da segunda rodada, realizada 12 meses após a primeira, em outubro e novembro de 2021. Desses 16, apenas 14 permaneciam no programa, sendo que 2 deles já haviam pedido para sair do programa por questões pessoais e profissionais.

A respeito da segunda rodada de entrevistas, foram realizadas sete perguntas adicionais com o intuito de compreender como se deu a aprendizagem e a aplicação de novas metodologias de ensino pelos pibidianos em aulas remotas durante a pandemia covídica, bem como compreender a importância do programa para a formação de futuros professores.

Assim, os dados discutidos abaixo representam os resultados obtidos a partir da segunda parte da pesquisa bem como as conexões com a primeira parte das entrevistas, as considerações realizadas e os comentários pertinentes para o presente trabalho.

Considerando as respostas obtidas a partir da primeira pergunta da segunda rodada de entrevistas, intitulada “*O que você pode dizer sobre as experiências e a bagagem de conhecimentos adquiridos acerca desse ano que você participou do Pibid?*” se obteve as respostas observadas no quadro 11.

Quadro 11 – Experiências e bagagem de conhecimentos adquiridos durante a participação no Pibid

Categories	Subcategorias (nº de ocorrências)
Grande desafio (10)	Desafios do ensino online (2) Se fazer presente para os alunos (1) Passar o conteúdo de uma forma legal (1) Dependência de recursos tecnológicos (1) Falta de acesso dos alunos (8) Percepção das dificuldades enfrentadas pelo professor no Brasil (2) Adaptação da linguagem para ensinar (2)

Contato com os alunos e outros professores (3)	Conhecer experiências de outros professores (1) Oportunidade de aprender e de ensinar (2)
Grande bagagem teórica (5)	Leitura e discussão de artigos (1) Realização de cursos (1) Aprendizado pouco prático, porém, muito teórico (3)
Perder o nervosismo e conseguir falar publicamente (1)	
Aprender a preparar uma aula dinâmica e objetiva (4)	Trazer o cotidiano dos alunos para a sala de aula (1) Aprender a montar planos de aula (1)
Reuniões pedagógicas (3)	Entender o dia a dia do professor (2) Entender a situação da educação na pandemia (1)
Compreender o funcionamento de uma escola (2)	
Aprendizado social (2)	Entender realidades diferentes (1) Aprender a se colocar no lugar do outro (1) Compreender as diferentes necessidades de aprendizado (2) Entender as diferenças socioeconômicas dos alunos de ensino público e privado (1)
Conhecimentos tecnológicos (1)	Aprender a utilizar plataformas digitais (1)
Reinventar todo o sistema de ensino na pandemia (2)	Adaptação da prática para o ensino remoto (1) Entender como os alunos reagem ao ensino remoto (1)
Oportunidade de “colocar a mão na massa” (3)	Confirmação da escolha pela licenciatura (1) Oportunidade de escrever um material preparatório para o ENEM (1)
Frustrações (5)	Choque de realidade (2) Impactos da pandemia na educação (1)

Fonte – a autora.

Boa parte dos pibidianos que participaram da primeira rodada de entrevistas e se dispuseram a participar da segunda rodada, afirmaram que participar do Pibid nos últimos 12 meses foi um grande desafio. Isso devido a todas as dificuldades do ensino remoto, como: a falta de acesso dos alunos, a dependência de recursos tecnológicos, a adaptação da linguagem para ensinar, as dificuldades enfrentadas pelo professor no Brasil que sequer tiveram formação para ministrar aulas no ensino remoto e passar o conteúdo de uma forma legal se fazendo presente para os alunos, mesmo estando distantes. Para P1:

“Estando né, de maneira online, acho que foi um desafio, está sendo né, na verdade, um desafio maior ainda, pra mim como educador, como membro do Pibid porque tem toda essa questão de estar online, de tentar manter contato com os alunos, de estar presente, de passar

o conteúdo de uma maneira legal via Meet né, e as vezes nem sempre a gente consegue fazer algo super bacana por estar em meio tecnológico e por depender muitas vezes de recursos que a gente não tem né, sei lá, tem recursos que a gente tem que pagar e a gente não tem dinheiro pra fazer isso, ou algo muito mais elaborado né, e a gente só tem uma tela de Meet pra fazer isso, e também o que passa no nosso conteúdo não é disponível pra todos os alunos, não porque a gente não queira né mas porque muitos alunos tem vários empecilhos para que participem das nossas aulas via Meet, porque não tem internet em casa, não tem um computador em casa, um celular que dê pra acessar o Meet, ou porque mora na roça, ou porque tem diversos alunos também que tem problemas em casa com os familiares né, e também que é o covid né, que não tá sendo fácil pra ninguém, assim como não é fácil pra quem tá lecionando, mas também não é fácil pra quem é aluno.”

Apesar disso, o contato com os alunos e outros professores forneceram uma grande bagagem de conhecimentos e aprendizados para alguns entrevistados, que puderam conhecer as experiências de outros professores e tiveram a oportunidade de aprender e ensinar.

Porém, para alguns pibidianos, os aprendizados dos últimos doze meses se resumiram a teoria, agregando bastante bagagem teórica para sua formação com a leitura e discussão de artigos e a realização de cursos teóricos. P9 comenta:

“Toda essa bagagem teórica também que foi algo que a pandemia, apesar de ela ter tirado um pouco a gente dessa parte prática, ela proporcionou muito da gente também se especializar nessa parte teórica de leitura de artigos, de discussão entre os IDs né e os supervisores e eu acho que isso foi muito enriquecedor.”

Participar do Programa para um dos pibidianos também foi importante para que pudesse perder o nervosismo e conseguir falar publicamente, tarefas essenciais no dia a dia do professor. Além disso, alguns entrevistados relataram a importância de sua participação no Pibid para conseguirem aprender a preparar uma aula dinâmica e objetiva, trazendo o cotidiano dos alunos para dentro da sala de aula e aprendendo a montar planos de aula corretamente. P5 comenta que:

“Eu consegui perder o nervosismo que eu tinha no início, consegui aprender a preparar uma aula de uma aula de uma forma assim mais objetiva, mais dinâmica, melhorei minha forma de falar publicamente.”

As reuniões pedagógicas também agregaram muitos conhecimentos para alguns entrevistados que puderam entender como funciona a rotina do professor e compreender a situação da educação diante da pandemia. P5 comenta que:

“Participei de algumas reuniões pedagógicas que eu achei muito interessante né que foi uma forma de tipo assim, da gente realmente entender como são as reuniões dos professores, o caos que vem sendo né, infelizmente, a situação da educação nesse período de pandemia, aí as reuniões pedagógicas da escola que eu tava dando aula, deu pra gente ver como que tava sendo né, como que tava sendo elaborado as reuniões, tinha reuniões com os pais e

essas coisas, aí isso de uma certa forma faz a gente sentir mais o ambiente escolar né, e entender mais como que funciona toda essa dinâmica né, dentro da escola.”

O aprendizado social, compreendendo as diferentes necessidades de aprendizado, se colocando no lugar do outro e entendendo as diversas realidades que possuem dentro da escola, também agregou muito para os pibidianos. Para alguns deles, em que a parte prática do Programa ficou defasada, acabou sendo muito importante para entenderem as diferenças socioeconômicas dos alunos de ensino público e privado. P18 comenta:

“Eu acho que o que eu aprendi foi muito mais voltado pro social né, de entender novas realidades, do que a prática docente mesmo que ficou um pouco precarizada por causa do remoto que os alunos não tem muito acesso, acaba que a gente até conseguiu fazer feira de ciências online, conseguiu os formulários do pet, mas em si a prática a docência eu acho que ficou bastante precarizada porque os alunos não tem acesso a internet, a computador, ou é difícil o ambiente dentro de casa pra fazer isso, então foi muito mais um aprendizado social de como lidar com essas situações do que da técnica em si sabe.”

A bagagem de conhecimentos tecnológicos não poderia ficar por fora dos aprendizados dos entrevistados durante a pandemia. Aprender a utilizar plataformas digitais foi um grande desafio, mas também uma boa novidade e útil para a formação.

P12 ressalta que:

“A minha expectativa no Pibid era mais alta em questão de conhecimento de sala de aula, mas como não foi possível a gente adquiriu muito conhecimento de tecnologia, da realidade das escolas públicas, das burocracias que tem que a gente participou muito mais de reunião de escola pra saber como que funciona, então foi mais algo pouco prático e mais algo teórico nesse ano que a gente participou, mas eu adquiri bastante conhecimento dessa área teórica que tem nas escolas aí.”

Porém, também foi necessário reinventar todo o sistema de ensino na pandemia, o que trouxe aos pibidianos a necessidade de adaptar as suas práticas para o ensino remoto e entender como os alunos reagem frente a esse novo tipo de ensino. Como comenta P7:

“A gente teve que reinventar todo o nosso sistema de ensino né, a gente teve que se adaptar pra ensinar remotamente, e o Pibid, pelo menos a minha supervisora ou nessa gestão eu não sei, a gente tá tendo oportunidade de fazer bastante coisa, agora a gente põe a mão na massa mesmo, e tá sendo ótimo.”

Essa oportunidade de “colocar a mão na massa” e realmente ministrar uma aula, e a chance de escrever um material preparatório para o ENEM, foram fatores motivadores para confirmarem a escolha pela licenciatura. P20 conta que, em sua experiência:

“Durante esse ano nós não tivemos muito contato direto com os alunos né, por questão de que na escola que eu trabalhei, a professora né, minha orientadora, ela não tava, as aulas tavam ao vivo né, e quando a gente chegou a voltar também não teve muita participação dos alunos então a gente não teve muito contato direto, mas a gente começou a escrever um material de revisão pro ENEM, então foi bem interessante pra mim o pibid com a orientação e tudo mais, a gente foi construindo, a gente tá construindo ainda né, a cada mês a gente vai lançando um novo capítulo do revisional pro ENEM, e eu acho que foi muito bom pra gente, pra mim pelo menos, tanto de aprender a escrever, de aprender a resumir, a ser mais suscinta, de pesquisar também sobre o que é importante né, destinado pro ENEM, eu acho que acrescentou muito pra mim o conhecimento, principalmente com esse conteúdo.”

Por fim, a experiência com o Pibid também trouxe uma bagagem de frustrações para alguns. De acordo com eles, o choque de realidade do que esperavam ser e o que realmente foi, devido aos impactos da pandemia na educação, foi muito forte. P16, que desistiu do Programa durante o intervalo dos doze meses entre as entrevistas, comenta que:

“Então, eu acho que uma palavra que define bem o tempo que eu fiquei no Pibid é choque de realidade. Eu senti os impactos da pandemia e eu sabia que ela tava impactando todo mundo de alguma forma, seja no âmbito profissional, pessoal ou até acadêmico, mas quando eu entrei em contato com a realidade de outras pessoas de outra cidade, outro estado, que eu vi os professores do colégio falando que os alunos tavam desistindo, que não tavam conseguindo fazer, realizar os exercícios da apostila que tavam sendo propostos pelo governo de minas, que eu não sei exatamente se foi igual a dos outros estados mas, quando eu escutei a história do que estava acontecendo especificamente em viçosa, eu lembro que eu fiquei muito impactada com aquilo, aí eu fiquei empolgada também com a ideia de ajudar de alguma forma, de participar daquilo de alguma forma, e fiquei triste também quando não consegui.”

Também, no que se refere aos conhecimentos metodológicos, poucos foram os entrevistados que afirmaram, em primeiro momento, que o Pibid agregou em sua bagagem especificamente sobre metodologias de ensino. Tal fato pode ser justificado pela situação atípica de ensino remoto que foge dos moldes normais de ensino e acaba limitando os professores a metodologias mais tradicionais. Além disso, se acredita que o interesse e motivação dos alunos tenha diminuído drasticamente durante o ensino remoto, o que dificulta a escolha de uma metodologia diferenciada que garanta que os alunos irão participar das aulas. Ademais, é possível que os danos à saúde mental de pibidianos, professores e alunos, tenha grande interferências quanto ao modo de ministrar/participar das aulas.

De acordo com os depoimentos dos entrevistados sobre a segunda pergunta da segunda rodada de entrevistas, intitulada *“Qual foi a influência do professor supervisor (ou professor supervisora, no caso) na sua bagagem de conhecimento sobre metodologias de ensino?”* se obteve as respostas observadas no quadro 12.

Quadro 12 – Influências do professor supervisor na bagagem de conhecimentos sobre as metodologias de ensino

Categorias	Subcategorias (nº de ocorrências)
Professor supervisor 1 (6 pessoas)	<p>Experiência enriquecedora (3)</p> <p>Liberdade para testar formas e metodologias para repassar o conteúdo (5)</p> <p>Foco em conversas sobre o andamento do estágio (2)</p> <p>Reuniões voltadas para o foco principal (2)</p> <p>Troca de experiências entre os estagiários durante as reuniões (3)</p> <p>Discussões sobre as práticas dos estagiários durante as reuniões (1)</p> <p>Busca de embasamento sobre as questões ocorridas na semana (1)</p> <p>Afeto ao ensinar (2)</p> <p>Acompanhamento de perto dos estagiários (1)</p> <p>Exemplo de professor (3)</p> <p>Preocupação com os estagiários (1)</p> <p>Oportunidade de ministrar muitas aulas (2)</p> <p>Incentivos e sugestões para buscar serem os melhores professores (2)</p> <p>Estímulo a participação (1)</p> <p>Dicas de cursos de formação online (1)</p> <p>Adequação da linguagem para tratar os alunos (1)</p>
Professor supervisor 2 (5 pessoas)	<p>Foco no estudo de metodologias através de artigos (4)</p> <p>Discussões sobre os artigos durante as reuniões semanais (4)</p> <p>Leitura e discussão de artigos de variados temas da Educação (1)</p> <p>Juntar a teoria de artigos com a prática pedagógica (2)</p> <p>Grande bagagem teórica (2)</p> <p>Faltou a parte prática, o dar aulas (2)</p> <p>Palestras sobre vivências de outros professores (1)</p>
Professor supervisor 3 (5 pessoas)	<p>Se esforçou para ajudar (1)</p> <p>Incentivo à construção de feiras de ciências (1)</p> <p>Incentivo a participação (1)</p> <p>Foco em conversas sobre o andamento do estágio (1)</p> <p>Reuniões voltadas para o foco principal (1)</p> <p>Dicas de vídeos, webinários e palestras (3)</p> <p>Dicas de onde buscar as informações (3)</p>

	Não houve momentos formativos sobre metodologias de ensino (2) Explicações sobre o dia a dia na escola (2)
Professor coordenador 1 (4 pessoas)	Foco em leitura de artigos e relatos de casos em reuniões gerais (3) Debates sobre a Educação (2)

Fonte – a autora.

Assim como afirma Corte e Lemke (2015), para se formar bons profissionais da educação é necessário colocar os conhecimentos em práticas para análise, reflexões e compreensões, sendo necessário muito mais do que apenas o mecanicismo do treinamento sobre metodologias e técnicas de ensino. Assim, acompanhar um professor em exercício e conhecer todos os ônus e bônus da profissão, colocando a teoria em prática e refletir sobre ela, é de extrema importância para a formação do futuro professor.

Os pibidianos que acompanharam o professor supervisor 1 (S1) na escola E1, em sua grande maioria, afirmaram que a experiência com o supervisor foi muito enriquecedora. No que diz respeito as metodologias de ensino, pibidianos que acompanharam o S1 afirmaram que possuíam bastante liberdade para testar novas formas e metodologias para repassar o conteúdo aos seus alunos e que tiveram a oportunidade de ministrar muitas aulas, sempre sendo estimulados a participação. Além disso, S1 também deu dicas de cursos de formação online e acompanhou de perto a evolução de seus estagiários. No que diz respeito as reuniões semanais de grupo, o foco dessas reuniões não era a discussão sobre metodologias de ensino ou outros conteúdos da formação de professores, mas sim, em conversas sobre o andamento do estágio, troca de experiências entre os pibidianos, discussão sobre as suas práticas e a busca de embasamento sobre as questões ocorridas durante a semana. Apesar disso, S1 foi uma inspiração e um exemplo de professor para os seus estagiários, sempre demonstrando afeto ao ensinar, adequando a sua linguagem para tratar os alunos de acordo com as faixas etárias, demonstrando preocupação com os seus estagiários, e sempre incentivando-os a buscarem ser melhores professores. P1 comenta sobre a sua experiência com o supervisor S1:

“Então a minha supervisora com certeza assim tá sendo uma experiência bem enriquecedora ficar com ela né, ela nos deixa assim, bem à vontade pra gente poder usar a nossa imaginação e aquilo que a gente aprende né no curso de biologia né, e dando aula de biologia no ensino médio. Então ela deixa a gente bem livre, ficar bem à vontade mesmo nas aulas, mas pra poder colocar mesmo nossos conhecimentos em prática, o que a gente aprendeu, e também

que a gente também consiga fazer aquilo que um professor passa né que é repassar um conhecimento pros alunos, então ela deixa a gente bem livre mesmo. Com ela a gente é bem direto né, então o que a gente tá tentando né, essa questão de ler artigo e etc, fica mais a cargo da coordenadora do Pibid de biologia. Com ela a gente tenta ser mais direto, de conversar mesmo como que tá sendo o andamento das aulas, de passar conhecimento né entre os próprios estagiandos dela e tudo mais.”

Já o grupo que acompanhou o professor supervisor 2 (S2), na escola E2, afirmaram que, na experiência com o Programa, faltou a parte prática, de realmente dar aulas. Isso devido ao fato de o supervisor S2 ter focado na formação teórica dos seus estagiários, com discussões sobre artigos voltados para os mais variados temas da Educação. No que diz respeito as metodologias de ensino, pibidianos que acompanharam o S2 afirmaram que agregaram bastante bagagem teórica sobre as metodologias durante algumas das reuniões semanais que foram voltadas para o estudo dessas metodologias através de artigos. Além disso, o supervisor S2 também proporcionou aos seus estagiários, conhecerem um pouco mais sobre a história de vida de outros professores, fazendo convites a muitos professores para realizarem palestras contando sobre as suas vivências profissionais na Educação, nos momentos de reuniões semanais. P10 comenta:

“Ele veio bastante com essa questão do estudo de metodologias por meio de artigo, buscando uma bagagem epistemológica teórica bem grande e eu acho que isso ajudou muito a gente nesse processo teórico de tá ali aprendendo melhor sobre isso, porém eu acho que no quesito pratico a gente não pôde desenvolver tanto até porque por problemas de pandemia e por outras complicações né, acabou que por exemplo eu só dei duas aulas síncronas e eu acho que essa parte prática a gente não pôde explorar tanto quanto a gente poderia numa aula presencial.”

Porém, para alguns pibidianos, esses momentos formativos com o professor supervisor S2 também apresentou uma sobrecarga muito grande. Um dos entrevistados relatou apresentar dificuldades para conseguir acompanhar o ritmo do S2, que, por vezes, não era muito compreensivo com a realidade de seus estagiários. Assim, P15, sobre esses momentos formativos, comenta:

“Ao mesmo tempo que eu acho que foram proveitosos, não foram, porque a gente tinha pouco tempo pra ler os artigos, ele geralmente mandava no sábado, domingo ou segunda feira pra na sexta feira a gente já ta com aquilo lido, fora que tinha as coisas da faculdade pra serem feitas também né, aí acabava embolando tudo. E eu acho que com o supervisor, com ele, ele em específico, era meio difícil de conversar com ele, ele não dava muito espaço pra gente falar, e quando a gente falava ele acabava sobrepondo a fala dele e muitos estagiários assim como eu deixavam de falar um pouco. Ao mesmo tempo que era bom, não era, era um meio termo.”

Nesse sentido, também se faz importante que o professor supervisor entenda a realidade dos estagiários que estão lhe acompanhando, para que não ocorra uma sobrecarga e eventual desistência do Programa, como foi o caso dos pibidianos P15 e P16, entrevistados que foram supervisionados por S2 e acabaram optando por desistir da participação no Pibid.

Os pibidianos que acompanharam o professor supervisor 3 (S3), na escola E3, salientaram que S3 se esforçou para ajudar e fez o que estava ao seu alcance para incentivá-los à busca de conhecimentos. No que diz respeito as metodologias de ensino, S3 não proporcionou aos seus estagiários momentos formativos sobre as metodologias, mas deu dicas de onde buscar as informações, dicas de vídeos, webinários e palestras e incentivos para a construção da feira de ciências. Durante as reuniões semanais, os pibidianos do S3 afirmaram que as reuniões eram sempre mais diretas, com o foco sobre o andamento do estágio, o incentivo para a participação e as explicações sobre o dia a dia na escola. Para P18:

“Tudo que ela podia ajudar ela tentava né, ela se esforçava, assim, dava algumas dicas, mas de metodologia de ensino, ela estimulou sim a gente a construir a feira de ciências, teve a questão agora do novo ensino médio, mandando vídeo, mandando conteúdo pra gente estudar, a gente vai apresentar também alguns métodos diferentes de escolas diferentes, mas dentro de uma realidade bem limitada, ela fez o que pôde assim. Durante as reuniões se eu não me engano nesse tempo foram só as reuniões mesmo, mas ela mandou pra gente vídeo de webinário, reunião, palestra, apresentação de coisa, essas coisas assim.”

Quando questionados sobre as influências do professor supervisor em sua bagagem sobre os conhecimentos acerca das metodologias de ensino, alguns pibidianos também lembraram de citar o professor coordenador do Pibid (C1). Isso devido ao fato das reuniões gerais quinzenais entre todos os pibidianos, professores supervisores e professor coordenador terem sido voltadas para a leitura de artigos e relatos de caso além de debates sobre a Educação. P5 comenta:

“Ah então, nas reuniões gerais, a coordenadora do Pibid não só da escola, ela manda sim, ela e um outro professor, a maioria dos professores coordenadores vez ou outra mandam alguma coisa sim relacionada a educação, relacionada a educação e o momento de pandemia que a gente tá, eles sempre enviam no grupo e as reuniões que a gente tem, as reuniões gerais são de 15 em 15 dias, aí nas reuniões gerais a gente sempre debate sobre alguma coisa, teve uma vez que ela enviou um artigo sobre alguma coisa relacionada a casos de ensino e aí a gente faz uma reunião sobre isso, e aí a gente discute em cima de algum artigo, alguma coisa que algum professor enviou.”

Com isso, se pode notar que o professor supervisor de área que cada pibidiano acompanha durante o seu estágio no Programa, também é um fator que exerce

grande influência para a sua busca e aprendizado sobre metodologias de ensino. Isso porque, alguns supervisores focam mais para a leitura de artigos, para o conhecimento de técnicas de ensino e em palestras para que outros professores compartilhem sobre as suas histórias de vida na profissão. Outros supervisores estão mais focados na parte prática, em dar a oportunidade para os seus estagiários “colocarem a mão na massa” e realmente ministrarem as aulas. Porém, o momento de pandemia e consequente ensino remoto, também afetou muito no aprendizado de novas metodologias de ensino, como conta P21:

“A gente tá, porque tá bem restrito né, os tipos de aulas que a gente tá dando, a gente tá fazendo só essas atividades mesmo, esse é o tipo de aula. A gente começou a tentar fazer monitorias também, pra auxiliar os alunos, só que acabou que não teve uma adesão muito grande, aí elas foram interrompidas. Ai agora tá só com essa questão mesmo, não tá tendo essa diversidade né de metodologias e essas coisas.”

Apesar disso, a maioria dos pibidianos acreditam ter sido uma boa experiência acompanhar o seu respectivo professor supervisor, mesmo que os momentos de aprendizado tenham acontecido de formas diferentes, não padronizadas pelo Programa. Porém, é preciso pensar na sobrecarga dos estagiários, que além de sua participação no Programa, também estão realizando um curso de graduação, em momento de ensino remoto e durante uma pandemia que, por si só, já deixa danos psicológicos nos estagiários. É preciso se pensar em momentos formativos que condizem com a realidade dos pibidianos e que não os sobrecarreguem, incentivando-os a desistir do Programa.

A partir das respostas dos entrevistados sobre a terceira pergunta da segunda rodada de entrevistas, intitulada “*Como a pandemia e o ensino remoto influenciaram sobre seu conhecimento sobre métodos de ensino?*” se obteve as respostas observadas no quadro 13

Quadro 13 – Influências da pandemia e do ensino remoto nos conhecimentos sobre metodologias de ensino

Categorias	Subcategorias (nº de ocorrências)
Pandemia (2)	Afetou a saúde mental (2) Período triste e de descobertas (1)
Ensino Remoto (13)	Aprender a lidar com os meios tecnológicos (3) Adaptação ao novo (5) Criatividade (1) Aprender novas metodologias (6)

	<p>Explorar novas experiências e aprendizados (2) Curso de formação tecnológica (1) Falta de acesso dos pibidianos e dos estudantes das escolas (1) Restringiu as oportunidades de dar aulas (2) Metodologias aprendidas não funcionam no período remoto (1) Oportunidade de desenvolver novas metodologias para chamar atenção dos alunos (3) Limitação do ensino (2) Desânimo (2) Não estava preparado para o ensino remoto (1) Restrição ao método expositivo (1) Falta de adesão dos alunos ao ensino remoto (3) Desigualdades do ensino remoto (3) Falta de contato próximo com os alunos (1) Percepção da ineficiência do ensino remoto (1) Preocupação sobre a prática no ensino presencial (1) Desistência do curso (1) Escola não tem estrutura para suportar a inovação (1)</p>
Ensino presencial (12)	<p>Melhor para a prática pedagógica (3) Aprender sobre a desenvoltura do professor (1) Aprender sobre didática (1) Vontade de viver o Pibid no ensino presencial (1) Vivenciar a realidade da escola (3) Contato próximo do professor com o aluno (3) Contato próximo entre pibidianos (1) Observar o professor supervisor dando aulas (1) Experimentar as metodologias na prática em sala de aula (1) Não é um ensino tão excludente para os alunos (1)</p>

Fonte – a autora.

A pandemia, para alguns pibidianos, influenciou negativamente no aprendizado sobre os métodos de ensino e aprendizados no geral durante os últimos doze meses. Isso devido ao fato de a pandemia ter afetado a saúde mental e ter sido um período triste, de luto e de descobertas. P1 comenta que:

“Primeiro que pra mim um grande empecilho assim é a pandemia né, então ninguém tá bem nessa pandemia, eu mesmo não estou 100% bem, então claro que isso vai contar também no dar aula né, então a gente tá num momento super diferente né, pelo menos eu com 22 anos, vivenciei em toda a minha vida né, até aqui, então tá sendo um período sei lá né, triste, de descobertas, de pessoas morrendo, de pessoas passando fome né e isso tudo mexe muito comigo, então claro que isso vai fazer com o dar aula, que as metodologias que a gente passa dentro de sala de aula vai ser diferente né, propriamente dito o Meet né, então obvio também que a gente tem que aprender a lidar com os meios tecnológicos, é algo também que não é ensinado né dentro da graduação, maneiras de dar aula via tecnologias e etc ne, então tudo isso tá sendo adaptação e tá sendo novo.”

O Ensino Remoto teve grandes influências sobre os conhecimentos da maioria dos entrevistados. Para eles, foi um momento de ter que aprender a lidar com os meios tecnológicos, se adaptarem ao novo, explorarem a sua criatividade e aprenderem novas metodologias que prendessem mais a atenção dos alunos. Porém, o ensino online também restringiu as oportunidades para ministrarem aulas devido ao fato da falta de acesso dos seus alunos, deixando as desigualdades sociais ainda mais a vista. Além disso, a falta de adesão dos alunos ao ensino remoto, também foi fator limitante para o ensino. Apesar de ser um momento em que os entrevistados tiveram oportunidade de tentar desenvolver novas metodologias de ensino para chamar a atenção dos alunos, eles também se sentiram frustrados por não conseguirem aplicar aquelas metodologias que já tinham conhecimento devido ao fato delas não funcionarem durante o período remoto, se restringindo ao método tradicional expositivo. Assim, *P9 comenta:*

“Essas metodologias que a gente aprendeu, elas não funcionam muito bem no período remoto ne, então algumas a gente teve que redescobrir, outras a gente teve que não fazer, não colocar em prática porque não tinha como, então assim, foi enriquecedor com certeza, mas eu acredito que no presencial talvez teria sido um pouco melhor.”

Os entrevistados, durante a pandemia, se sentiam constantemente desanimados por não estarem preparados para o ensino de forma remota e pela falta de contato próximo com os seus alunos, o que, unido a preocupação sobre a sua prática no ensino presencial, por vezes, os levaram a pensar em desistir do curso.

Por fim, as experiências com o ensino remoto levaram a percepção de que a escola da rede pública não tem estrutura para suportar a inovação e que o ensino remoto é ineficiente e causa evasão e desânimo nos alunos. Assim, *P19 comenta:*

“Por causa da pandemia a gente teve que inovar em várias coisas né, pensar e ser bem criativo, mas pra mim, por exemplo, o remoto foi bem prejudicial porque agora eu não tive contato direito nenhum com aluno sabe, justamente porque a gente tentou aproximar mas não são todos que tem condição de por exemplo ter um computador pra assistir as aulas, ou pra participar de fato das atividades, então a gente usou formulários do PET online e não são todos que respondem, ou se respondem são raras as vezes, copiam até uma parte das perguntas e mandam pra gente, então dá pra você ver que o ensino remoto ele não tá sendo

eficiente, ele não tá contribuindo muito pros alunos, ao meu ver, de escola pública, não sei como tá sendo na escola particular, então pra mim o remoto prejudicou bastante os alunos e também a nossa experiência no Pibid né, porque eu ainda não tive nenhum contato direto com os alunos, aula, ou contato de aula mesmo.”

O ensino presencial, para a maioria dos entrevistados, seria melhor para aprendizagem dos métodos de ensino. Isso porque na visão desses pibidianos, o ensino presencial é melhor para a prática pedagógica, pois, visualizar um professor em exercício dentro de sala de aula é a maior experiência sobre didática que poderiam ter. A vontade de viver o Pibid no ensino presencial e vivenciar a realidade da escola, mantendo um contato próximo com os professores, alunos e outros pibidianos, é constante entre os entrevistados. Para eles, o ensino presencial não é uma forma de Educação tão excludente para alunos de baixa renda, além do fato de que eles poderiam experimentar as metodologias de ensino aprendidas na teoria, de forma prática, dentro da sala de aula. Assim, P20 comenta que:

“Eu não sei se eu estivesse no presencial se a gente trabalharia a teoria sobre metodologias de ensino, mas eu acho que na prática com toda certeza faria muita diferença. Eu não sei se fosse no ensino normal, se fosse presencial, eu não sei se a gente trabalharia muita teoria sobre métodos de ensino, acredito que talvez não, mas a prática com certeza faria toda a diferença, poder ver a supervisora em sala de aula, poder estar em sala de aula, na prática, no contato com os alunos, eu acho que faria toda a diferença, com certeza.”

Com isso, se pôde perceber que, para a grande maioria dos entrevistados, apesar do ensino remoto estar sendo um momento de aprendizagem sobre novas tecnologias e metodologias diferenciadas, não está acontecendo a aplicação desses conhecimentos na prática. Isso devido, principalmente, a falta de acesso dos alunos das escolas públicas aos materiais e as aulas que dependem, exclusivamente, de meios tecnológicos que nem todos os alunos possuem. Assim, durante a pandemia, as desigualdades sociais se tornaram ainda mais evidentes e o ensino ainda mais excludente, o que, para muitos pibidianos, se tornou uma frustração em sua participação no Pibid durante o ensino remoto. Isso porque, apesar de ter sido uma experiência única e que, provavelmente, poucas pessoas terão a oportunidade de vivenciar, as desigualdades, a falta de acesso e a falta de interesse dos alunos e, principalmente, a falta de contato físico com os estudantes e outros professores, afetaram muito na saúde mental e, conseqüentemente, na aprendizagem dos pibidianos.

Em relação aos resultados obtidos a partir da quarta pergunta da segunda rodada de entrevistas, intitulada *“Como a sua participação no Pibid está fazendo*

diferença na sua formação como professor(a)?” se obteve as respostas observadas no quadro 14.

Quadro 14 – Influências da participação no Pibid na formação docente

Categorias	Subcategorias (nº de ocorrências)
Experiência enriquecedora (15)	Oportunidade única de acompanhar aulas de forma remota (1) Se sentir confortável e seguro dando aulas (1) Saber o que é importante para passar para frente (2) Aprender a falar em público (1) Aprendizado teórico (1) Aplicar a teoria na prática em sala de aula (1) Ter mais empatia para ensinar (1) Aprender a lidar com adversidades (1) Pensar coletivamente para resolver problemas da educação na pandemia (1)
Mudança de perspectiva sobre a licenciatura (10)	Contato com alunos e professores (6) Aprender a lidar com acontecimentos diversos em sala de aula (1) Reforçar a escolha da profissão (4) Valorização da profissão (1) Aprender a não romantizar a profissão do professor (2) Compreender as falhas do sistema educacional (2) Educação desigual (1)
Entender os desafios enfrentados pelo professor (6)	Compreender os desafios que irão enfrentar no futuro (2) Choque de realidade (1) Aprendizado sobre o dia a dia do professor (3)
Desistir da profissão (1)	

Fonte – a autora.

Quando questionados sobre as influências do Pibid na formação como futuros professores, muitos dos entrevistados relataram estar sendo uma experiência enriquecedora. Isso, principalmente, devido ao fato de poderem acompanhar como está ocorrendo o ensino durante o período remoto e poderem pensar em conjunto para resolver os problemas da Educação na pandemia. Para eles, o Programa teve inúmeros benefícios, como: aprender a falar em público, se sentir confortável para dar aulas, ter mais empatia para ensinar, aprender a lidar com as adversidades e saber selecionar os conteúdos que são mais importantes para poder passar o conhecimento adiante. Assim, P6 comenta que:

“Eu vi muita diferença em relação a minha opinião e visão das coisas sabe, porque eu acho que quando a gente entra a gente fica romantizando muito né essa questão do professor, e a gente fica romantizando um tempão né, porque é o que a gente quer pro futuro nosso, só que em relação a didática, em relação a falar pras pessoas e tudo, eu acho que hoje eu me sinto muito mais confortável principalmente pra tá ali na frente, como educador mesmo sabe, passando alguma informação e tudo e, seguro mesmo sabe, do que eu to fazendo, do que eu to falando, do jeito que eu to falando, acho que melhorou muito a forma como eu me comunico e que eu passo alguma informação pra alguém, seja nos seminários, seja no trabalho eu acho que melhorou bastante, mas assim, me preparou pra muita coisa, acho que principalmente em relação ao meu pessoal foi isso, tipo assim, hoje em dia eu me sinto muito mais seguro de tá aqui fazendo o papel que eu tenho que fazer, sendo educador e tudo, tanto na área educacional quanto na área ambiental né, hoje em dia eu sou uma pessoa muito mais segura, eu sei conversar, eu sei passar informação sabe, e é isto.”

Além disso, alguns entrevistados ainda relatam que o Pibid proporcionou uma bagagem teórica muito grande sobre os mais diversos assuntos da Educação, e, ainda, que essa teoria foi passível de aplicação na prática em sala de aula.

Ademais, pibidianos acreditam que o Pibid esteja auxiliando na mudança da perspectiva que eles tinham sobre a licenciatura, no sentido de que o contato com os alunos e os professores proporcionou um aprendizado sobre lidar com acontecimentos diversos em sala de aula, o que os levou a valorizar ainda mais a carreira docente e reforçar a escolha da profissão sem só romantizar a futura carreira, visto que a Educação ainda é desigual e o sistema educacional brasileiro ainda possui as suas falhas. P22 comenta que:

“Na minha formação enquanto professora o que eu to mais aprendendo é que a educação no país é muito precária e muito desigual, muito mesmo, porque assim eu vi a dificuldade que os poucos alunos que estavam interessados em prestar o Enem ano passado tinham pra conseguir um ensino e a facilidade que um aluno de escola particular tinha pra receber a informação, a gente entende mais como as coisas funcionam nesse caso extremo né que é a pandemia.”

Entender os desafios enfrentados pelos professores é uma necessidade para quem deseja seguir carreira docente. No Pibid, os estagiários possuem a vantagem de compreender os desafios que irão enfrentar na carreira no futuro, ainda durante a graduação. Alguns afirmam que sentir o choque de realidade entre a expectativa e a realidade com o ensino público, ainda durante a graduação, conhecendo todo o dia a dia do professor, é uma das grandes vantagens do Programa. P21 comenta:

“Eu acredito que a gente, muitas vezes as pessoas não tem essa oportunidade de participar desses projetos durante a graduação, e aí elas não tem né, é um choque muito grande quando elas vão vivenciar a realidade, então eu acredito que a gente já tem, ainda mais eu que to no começo, a gente ter essa vivência do que está por vir, já estar imersa nesse universo, eu acho que já ajuda bastante a gente a entender essa realidade e como que a gente pode contribuir pra poder acompanhar e pra poder dar o melhor de nós.”

Além do mais, para um dos pibidianos entrevistados, a participação no Pibid ajudou na decisão pela desistência da escolha pela futura carreira docente. Assim, P18 comenta que:

“Eu não lembro se eu falei na primeira entrevista, mas eu entrei no Pibid justamente pra tirar essa dúvida, pra ter certeza se é isso que eu quero ou não, e o que eu vejo hoje é que eu não quero seguir a carreira docente, eu não quero seguir como professora, e eu acho que o que mais influenciou foi isso, pra poder testar na prática mesmo pra poder tirar essa dúvida, pra ter certeza se é isso que eu gosto ou não.”

Considerando as falas dos entrevistados diante da quinta pergunta da segunda rodada de entrevistas, intitulada *“O Pibid lhe possibilitou conhecer novas metodologias de ensino? Se sim, em quais momentos? Se não, por quê?”* se obteve as respostas observadas no quadro 15.

Quadro 15 – Conhecimentos sobre novas metodologias de ensino

Categorias	Subcategorias (nº de ocorrências)
Sim (10)	Realização de cursos (1) Pesquisas (1) Entender como as metodologias funcionam na prática (5) Aprofundar o conhecimento sobre as tecnologias e plataformas (1) Entender o porquê da utilização de cada metodologia em cada aula (1) Buscar novas metodologias interativas (2) Entender a realidade dos alunos (1) Buscar adaptar melhor as metodologias de acordo com a turma (1) Aprendizado teórico (2)
Não (6)	Aprendeu na formação em licenciatura (3) Utilizou apenas o clássico (1) Já vivenciou antes do Pibid (3) O momento não foi apropriado para o aprendizado (1)
Momentos em que foi possível aprender (4)	Aprendizado com o acompanhamento das aulas do professor supervisor (3) Dando aulas (1) Reuniões com o supervisor (2) Reuniões e debates com o grupo de pibidianos (1) Palestras com outros professores (1)

Fonte – a autora.

Para a maioria dos entrevistados, o Pibid possibilitou o aprendizado de novas metodologias de ensino. Alguns pibidianos acreditam que a busca por esse

conhecimento foi solo, com a realização de cursos e pesquisas por conta própria, motivados pela vontade de aprender. Outros acreditam que o aprendizado se deu em conjunto, durante as reuniões formativas onde muito aprenderam sobre os conhecimentos teóricos das principais metodologias de ensino. Entretanto, eles acreditam que o Pibid forneceu a oportunidade de entender como as metodologias funcionam na prática e compreender o porquê da utilização de cada metodologia em cada aula. Além disso, no ensino remoto foi necessário atualizar as práticas pedagógicas, aprofundando o conhecimento sobre as tecnologias e plataformas e buscando novas metodologias interativas para chamar mais a atenção e a participação dos alunos, buscando novas maneiras de adaptar a sua prática pedagógica de acordo com a necessidade de cada turma, entendendo a realidade do ensino para cada aluno. P9 comenta que:

“Eu acredito que sim, eu devo ter aprendido sim. Algumas eu aprendi, outras eu entendi como funcionam, porque os meus professores do ensino médio, do ensino fundamental, eu aprendi muita coisa com eles, muitas metodologias diferentes que eles usavam, mas eu acho que no Pibid eu consegui entender o porquê daquela metodologia, o fundamento dela, e eu acho que foi tanto nas poucas aulas que a gente teve acompanhando ou até dando a aula de forma online, nos projetos que a gente teve, como ano passado a gente fez o intensivo pro ENEM, gravando vídeos pros meninos e postando no Youtube, e até mesmo nas reuniões que a gente tem toda semana com o supervisor, eu acho que a gente conseguiu absorver bastante isso.”

Porém, alguns pibidianos acreditam que não foi possível aprender novas metodologias de ensino durante a participação no Pibid. Isso porque, para alguns, a formação em licenciatura fornecida pela universidade já é bem completa, o que proporciona o aprendizado em outros momentos, anteriormente ao Pibid. Assim, P18 comenta:

“Eu acho que não porque o curso de licenciatura é bem completo e aí a gente abrange muita coisa nas matérias de instrumentação, de estágio, eu acho difícil o Pibid trazer algo novo, e dei muita aula prática, participei de muitas iniciativas dessa forma, não por demérito do Pibid, mas porque eu já fiz bastante coisa relacionada a isso então eu acho que fica difícil trazer algo novo.”

Além disso, o momento de ensino remoto talvez não tenha sido apropriado para o aprendizado, restringindo as metodologias utilizadas apenas as clássicas e mais comumente utilizadas. Ademais, os professores supervisores também estavam enfrentando uma situação de algo novo, no qual não tinham orientações para isso. Nesse sentido P20 comenta que:

“Eu acho que é pelo momento que a gente tá mesmo, as supervisoras de qualquer forma ficam um pouco perdidas também sobre o que trabalhar com a gente, e qual vai ser a melhor

forma porque né, muitos não tem internet, muitos eu digo os alunos da escola né, os nossos alunos, e aí eu não tive contato com novas metodologias de ensino não.”

Quanto aos momentos em que foi possível aprender novas metodologias, para aqueles entrevistados que responderam que foi possível o aprendizado, acreditam que a bagagem de conhecimentos veio, principalmente, do acompanhamento das aulas do professor supervisor e das reuniões e debates com o grupo. Ademais, a prática ministrando aulas também proporcionou um melhor entendimento sobre as metodologias na prática, complementadas pela teoria de palestras com outros professores convidados que contaram sobre suas trajetórias acadêmicas e profissionais.

A partir das respostas dos entrevistados sobre a sexta pergunta da segunda rodada de entrevistas, intitulada *“Durante o seu tempo como pibidiano, você ministrou alguma aula para os alunos remotamente? Caso positivo, você poderia me contar um pouco da metodologia utilizada e como se deu essa aula? Caso negativo, qual foram os motivos?”* se obteve as respostas observadas no quadro 16.

Quadro 16 – Metodologias utilizadas para ministrar uma aula

Categorias	Subcategorias (nº de ocorrências)
Positivo (10)	Uso de plataformas <i>on-line</i> (4) Uso de <i>Power Point</i> (1) Câmeras ligadas (3) Uso de eslaides (10) Uso do livro didático (1) Uso de muitas imagens (5) Uso de animações (1) Informações das mídias (1) Aulas dinâmicas (8) Aulas expositivas de revisão (2) Produção de material extra dos PET para enviar aos alunos (3) Indicação de filmes e vídeos (6) Relacionar o conteúdo com as atualidades (1) Grupo no <i>WhatsApp</i> para tirar dúvidas (1) Quizzes, cruzadinhas e caça palavras (2) Formulários online com perguntas para responderem (1) Produção de vídeos para o YouTube (1)
Negativo (6)	Baixa adesão dos alunos as aulas <i>on-line</i> (6) Falta de acesso dos alunos à internet e tecnologias digitais (1)

Não teve tempo (1)

Fonte – a autora.

A maioria dos pibidianos entrevistados teve a oportunidade de ministrar uma aula durante a sua participação no Pibid nos últimos doze meses. E, mesmo sendo questionados sobre metodologias de ensino, a grande maioria dos entrevistados respondeu à pergunta contando sobre os recursos didáticos utilizados para ministrar determinada aula, sendo eles: uso de eslaides feitos em Power Point e apresentados em plataformas *on-line* com utilização de muitas imagens e animações, câmeras ligadas, uso do livro didático, informações das mídias, produção de material teórico extra aos PET's para enviar aos alunos, relacionar os conteúdos com as atualidades, grupo no *WhatsApp* para tirar dúvidas, indicações de filmes e vídeos e uso de formulários *online* com perguntas para serem respondidas. Quanto as metodologias utilizadas, surgiram as aulas dinâmicas, aulas expositivas para revisão, *quizzes*, cruzadinhas e caça palavras e produção de vídeos.

A escola na qual a supervisora S3 era a responsável, aderiu apenas ao programa de aulas do governo, o programa conexão escola. Isso se deu devido a, diretores e professores, acreditarem que o ensino seria desigual e inacessível para muitos alunos durante o período de aulas remotas, por ser uma escola onde grande parte dos alunos residia em ambientes rurais. Assim, chegaram à conclusão de que os professores e estagiários deveriam estar disponíveis apenas para tirar dúvidas dos alunos, onde, periodicamente aconteciam reuniões disponibilizadas via *Google Meet* para os alunos entrarem, conversarem, tirarem dúvidas sobre os exercícios e resolverem os exercícios com os professores. Infelizmente, não houve adesão por parte dos alunos a essas reuniões e, como eles não compareciam nos horários marcados, resultou no cancelamento desses encontros, logo, para esses pibidianos que atuaram nessa escola, não houve a oportunidade de ministrar aulas durante os meses de participação no Pibid. Nesse sentido, P22 conta:

“Não a gente não deu aula remota né, porque a escola adotou como aula principal mesmo o conexão escola, e não deu esse espaço pra gente, por conta as infraestrutura dos alunos que tavam participando né, é uma escola com uma grande maioria dos alunos em residências rurais né, então a escola optou por não disponibilizar isso, foi até uma conversa com a diretora porque eles acharam ruim a gente ministrar uma aula que apenas 4 alunos tinham condições de assistir, os outros que não tinham condição talvez não tivessem culpa né, e ia ser injusto eles não poderem participar desse conteúdo, então foi uma votação lá na escola da gente não ministrar nenhuma aula, a gente apenas fazia periodicamente reuniões onde a gente disponibilizava o Google Meet né o espaço pros alunos entrarem, conversarem, tirarem algumas dúvidas sobre as matérias, resolviam exercícios com a gente e mesmo assim a gente

viu que tinha uma aderência um participação muito pequena dos alunos, era uma turma que tinha 40 alunos e as vezes que eu trabalhei era 2 ou 3 alunos que participavam no máximo, mais do que isso não aconteceu, e isso porque eu tava numa turma onde tinha aluno que participava, teve pibidiano que não conseguiu tirar dúvida de ninguém porque ninguém em algum momento entrou nas salas de dúvida, então assim, teve gente que não teve contato com nenhum aluno até hoje.”

Por fim, considerando os depoimentos dos entrevistados acerca da sétima pergunta da segunda rodada de entrevistas, intitulada “*Se você fosse convidado(a) a ministrar uma aula neste momento, qual metodologia de ensino você utilizaria? E quais os recursos didáticos seriam necessários?*” se obteve as respostas observadas no quadro 17.

Quadro 17 – Metodologias e recursos utilizados mediante oportunidade de lecionar uma aula

Categories	Subcategorias (nº de ocorrências)
Metodologias (10)	Aula dinâmica (3) Aula lúdica (3) Aula expositiva (1) Aula prática (1) Aula expositiva dialogada (4) Uso de jogos (3) Debates (1) Oficinas (1) Aula com perguntas (3)
Recursos (14)	Eslides (12) Esquemas (1) Sites (1) Imagens (7) Desenhos (1) Curiosidades (1) Filmes (1) Vídeos (5) Animações (1) Artigos (1) Exemplos do cotidiano (3) Exercícios (3) Google Meet (3) <i>Tiktok (1)</i> <i>Kahoot (1)</i> <i>Google Jamboard (1)</i> Power point (2)
Não opinou (1)	

Fonte – a autora.

Em relação as respostas obtidas pelos pibidianos nas entrevistas realizadas em outubro e novembro de 2020, sobre quais metodologias de ensino eles já tinham o conhecimento antes da participação no Pibid, se pode perceber que, as repostas na

presente pergunta, doze meses após a entrada dos entrevistados no Programa, apresentou poucas novidades no quesito metodológico para se ministrar uma aula. Isso porque, para muitos pibidianos, o ensino remoto minimizou as oportunidades de ministrar aulas funcionais com metodologias diferenciadas, visto que muitas das aulas não contavam com a adesão e participação dos alunos, o que tornou ainda mais difícil a aplicação de metodologias diferentes das tradicionais. Assim, como novidade, surgiram apenas as oficinas, e as aulas com perguntas, sendo as aulas dinâmicas, aulas lúdicas, aulas expositivas, aulas expositivas dialogadas, aulas práticas, uso de jogos e debates, metodologias já conhecidas e já citadas pelos entrevistados durante a primeira rodada de entrevistas.

Além disso, novamente quando questionados sobre quais metodologias e quais recursos utilizariam em suas aulas, muitos entrevistados ainda ficaram confusos sobre a pergunta. Isso, primeiramente, porque não sabiam bem diferenciar as metodologias de ensino dos recursos didáticos. Outro motivo é que, ao serem questionados sobre metodologias de ensino, alguns pibidianos ainda não sabiam do que se tratava a pergunta, apenas conseguiram responder após a explicação sobre o que elas são e a que estava se referindo a presente pergunta.

Quanto aos recursos didáticos, a maioria dos pibidianos se restringiram ao ensino *online* através de eslaides com compartilhamento de tela nas aulas em plataformas digitais. Os eslaides feitos por eles continham esquemas, imagens, desenhos, curiosidades, animações, exemplos do cotidiano e exercícios. Ademais, com vistas a inovação mesmo no ensino remoto, alguns pibidianos optaram pelo ensino com indicações de filmes e vídeos, leituras de artigos e indicações de sites interessantes para os seus alunos. Com o crescimento das redes sociais, o *Tiktok*, plataforma *online* de postagem e reprodução de vídeos, também apareceu como recurso possível para auxiliar o aprendizado dos alunos. Por fim, o *Kahoot*, plataforma de aprendizagem que consiste em jogos e testes de múltipla escolha para o aprendizado e o *Google Jamboard*, um tipo de quadro interativo disponibilizado pelo *Google*, também foram salientados como possibilidades para o ensino remoto. Dessa forma, se salienta a importância da utilização da internet, redes sociais e plataformas interativas a favor da Educação.

CAPÍTULO 4 - PRODUTO EDUCACIONAL: PLANO DE ESTUDOS DE ESTRATÉGIAS E MODALIDADES DIDÁTICAS DE ENSINO DURANTE O PIBID

Atualmente, o Pibid seleciona os seus estagiários para cumprir o estágio que tem a duração de 18 meses. Com isso, surgiu a ideia de realizar um planejamento de estratégias e modalidades didáticas de ensino para serem discutidas entre professores e pibidianos durante as reuniões de formação que acontecem ao longo do Programa.

Assim, a intenção deste produto educacional, encontrado em anexo, é fornecer um planejamento para que outros grupos do Pibid possam utilizar como modelo para ensinar e discutir sobre estratégias e modalidades didáticas de ensino com os seus pibidianos. Desse modo, fica a critério de cada coordenação e supervisão, decidir o que abordar dentro das sugestões propostas por este protocolo.

Aqui se encontram sugestões de estratégias e modalidades didáticas de ensino, desde as mais tradicionais, até modalidades ativas e diferenciadas, para serem discutidas durante reuniões de formação. Se apresenta em uma sequência lógica uma sugestão de distribuição da formação em estratégias e modalidades didáticas de ensino durante os 18 meses de duração do Programa, se apresentando uma ou mais sugestões de leitura por estratégia de ensino supracitada para discussão em reuniões de formação, sejam elas com professores supervisores ou coordenadores.

De acordo com as estratégias e modalidades didáticas de ensino mais comumente utilizadas e mais citadas pelos entrevistados da pesquisa **“Conhecimento e aplicação de diferentes metodologias de ensino de participantes do Pibid de Ciências e Biologia de uma universidade federal mineira durante a pandemia de covid-19”** se sugere uma sequência de formação em estratégias de ensino, a serem realizadas mês a mês durante todo o intervalo de 18 meses de cada ciclo de duração do Pibid.

Entendemos que há diversos desafios no âmbito de formação do futuro professor que englobam questões que vão muito além do aprendizado sobre modalidades diferenciadas para ministrar uma aula. Por este motivo, o proposto no presente produto educacional se diz respeito apenas ao que se refere ao aprendizado

e discussão de teorias das estratégias e modalidades de ensino e as reflexões a serem propostas aos participantes e futuros participantes das próximas edições do Programa, bem como abrange aqueles de outros cursos e outras universidades. Como se sabe que a formação sobre outras temáticas que norteiam a Educação é igualmente importante, as sugestões para o estudo de diferentes modalidades de ensino são aqui dadas pensando em reuniões mensais, ou seja, a intenção é que esses momentos formativos ocupem apenas uma das reuniões do mês para leitura e discussão da leitura sugerida, ou de outra leitura com temática semelhante. Assim, a formação de pibidianos sobre as mais variadas temáticas que tangem a educação brasileira, não consta no presente planejamento, ficando a cargo dos professores supervisores e coordenadores de área, a proposta para aprendizagem das outras temáticas.

Dessa forma, se sugere uma sequência de formação proposta por momentos formativos sobre o que são as modalidades de ensino, qual a importância da utilização de variados recursos didáticos para o processo de ensino e aprendizagem, o uso de plataformas digitais a favor da educação, e, por último, as principais estratégias de ensino que mais apareceram durante a realização da presente pesquisa, a qual se vincula este produto educacional.

No que diz respeito as modalidades de ensino propriamente ditas, esse planejamento sugere que seja abordado as seguintes metodologias: Aulas expositivas, Aulas expositivas dialogadas, Aulas práticas, Aulas demonstrativas, Aulas lúdicas, Aulas com dinâmicas, Aulas com perguntas, Aulas interativas, Aulas de campo, Uso de jogos, *Quizzes*, Rodas de conversa, Debates, Oficinas, Gincanas e Feiras de Ciências. O critério de escolha para essas modalidades didáticas se deu pela análise das que foram mais citadas pelos estagiários do Pibid durante ambas as entrevistas realizadas.

Entende-se que, para a formação do futuro professor, é de grande importância a discussão sobre as estratégias de dar aula que ultrapassem as formas tradicionais geralmente encontradas em sala de aula. Assim, ter um espaço onde seja possível aprender a teoria por trás das estratégias de ensino, poderá se tornar um grande atrativo do Programa, além de garantir aos pibidianos uma formação de qualidade que terá influências positivas na vida profissional futura.

CONCLUSÕES

A título de conclusão, foi possível perceber que, embora tenha sido uma experiência enriquecedora pelo contato com as salas de aula e outros professores, ainda não é o suficiente o que se debate acerca dos conhecimentos sobre novas estratégias e modalidades de ensino e em momentos formativos durante os 18 meses de duração do ciclo de estágio no Pibid. Isso foi possível inferir devido, principalmente, as dificuldades encontradas pelos entrevistados em diferenciar o que são as estratégias de ensino do que são os recursos didáticos mesmo após doze meses de participação no Programa.

Durante a primeira rodada de entrevistas, realizada no início da participação dos pibidianos no Programa, eles conseguiram enumerar estratégias de ensino que já havia o conhecimento prévio. Porém, quando questionados 12 meses depois sobre as estratégias e modalidades didáticas que utilizaram em suas aulas, além de ainda haver confusão nos conceitos de estratégias e modalidades de ensino e recursos didáticos, a quantidade de estratégias citadas diminuiu, o que nos levou a inferir que boa parte das metodologias que os pibidianos já tinham conhecimento antes de entrar no Pibid, não foi aplicável para o ensino remoto, levando ao esquecimento quanto a utilização de tais estratégias e modalidades e restringindo o ensino a utilização de modalidades mais tradicionais, de aula expositiva com uso de eslaides como recurso.

Ademais, as respostas obtidas após doze meses da entrada dos entrevistados no Programa, apresentou poucas novidades no quesito metodológico para se ministrar uma aula. Acredita-se que isso se deve ao fato de que, para muitos pibidianos, o ensino remoto minimizou as oportunidades de ministrar aulas funcionais com metodologias diferenciadas, visto que muitas das aulas não contavam com a adesão e participação dos alunos, o que tornou ainda mais difícil a aplicação de modalidades de ensino diferentes das tradicionais.

Sendo assim, apesar de muitos entrevistados terem explicitado em seus depoimentos que aprenderam novas estratégias e modalidades de ensino, mesmo que o aprendizado tenha ocorrido de fato, a maioria deles não conseguiram aplicar na prática o que foi aprendido durante o momento de pandemia covídica. Poucos foram os que conseguiram ministrar aulas que fugissem do tradicional durante o ensino remoto. Ademais, alguns pibidianos não tiveram a chance de sequer ministrar uma

aula, resumindo os seus conhecimentos a teoria sobre as estratégias e modalidades de ensino. Por outro lado, outros entrevistados tiveram a chance de colocar a mão na massa, o que nos levou a inferir que os aprendizados e o foco dos pibidianos são diferentes de acordo com o supervisor que acompanham. Assim, com a intenção de padronizar os aprendizados acerca das metodologias de ensino, surgiu a sugestão do Produto Educacional, que nasceu com a intenção de sugerir artigos que podem ser lidos e discutidos em reuniões com os professores coordenadores de área e supervisores do Programa com os seus pibidianos.

Diversos foram os desafios encontrados para promoção da educação durante a pandemia e consequente ensino remoto, como, por exemplo: a falta de acesso e de internet, as desigualdades sociais ainda mais evidentes, a falta de motivação dos alunos, a grande evasão escolar, as dificuldades em prender a atenção dos alunos, o agravamento de problemas psicológicos, tanto dos alunos quanto dos professores e estagiários, entre outros. Com isso, se pôde perceber que, mesmo para aqueles entrevistados que salientam que o ensino remoto foi um momento de aprendizagem sobre novas tecnologias e metodologias diferenciadas, a aplicação desses conhecimentos na prática não ocorreu. Isso devido, principalmente, a falta de acesso dos alunos das escolas públicas aos materiais e as aulas que dependem, exclusivamente, de meios tecnológicos que nem todos os alunos possuem. Assim, durante a pandemia, as desigualdades sociais se tornaram ainda mais evidentes e o ensino ainda mais excludente, o que para muitos pibidianos também se tornou uma frustração durante a participação no Pibid em ensino remoto.

Assim, apesar de ter sido uma experiência única e que provavelmente poucas pessoas terão a oportunidade de vivenciar visto que a tendência futura é voltar para o ensino presencial, as desigualdades, a falta de acesso e a falta de interesse dos alunos além da falta de contato físico com outros estudantes e professores, afetaram muito na saúde mental e, conseqüentemente, na aprendizagem e disposição dos pibidianos.

Alguns entrevistados acreditam que as redes sociais deveriam ser recursos mais bem utilizados para o ensino online, devido a ampla utilização das mídias nos tempos atuais e a velocidade e eficiência para adquirir informações. Assim, se acredita

que é possível e necessário, realizar estudos sobre as melhores formas de se utilizar a internet, as redes sociais e as mídias a favor da Educação.

Foi possível perceber que alguns dos entrevistados acreditam que foi possível aprender novos meios de dar aulas online, porém eles também se preocupam com a aplicação de tudo que foi aprendido para quando o ensino se tornar presencial novamente. Alguns tem medo de não saberem lidar com uma sala de aula em contexto presencial, por não terem tido essa oportunidade, e, também, sentem dúvidas sobre como irão aplicar o que aprenderam sobre ensino remoto quando o ensino voltar a ser 100% presencial.

Além do que tange os conhecimentos de modalidades para ministrar uma aula, entende-se que, compreender os desafios enfrentados pelos professores é uma necessidade para quem deseja seguir carreira docente. No Pibid, os estagiários possuem a vantagem de compreender os desafios que irão enfrentar na carreira no futuro, ainda durante a graduação. Sendo assim, sentir o choque de realidade entre a expectativa e a realidade com o ensino público, ainda durante a graduação, conhecendo todo o dia a dia do professor, é uma das grandes vantagens do Programa. Para um dos pibidianos, por exemplo, o choque de realidade foi tão grande que a participação no Pibid possibilitou a decisão pela desistência da escolha pela futura carreira docente, o que também é de grande importância visto que não é a intenção das licenciaturas a formação de professores que serão frustrados em sua futura profissão.

Por fim, é unânime entre todos os participantes da presente pesquisa que o Pibid é um momento de grande aprendizado sobre não só romantizar a profissão, mas também entender sobre os seus grandes desafios e sobre o cenário de lutas constantes pela melhoria das condições e investimentos destinados à Educação.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, T. F.; ABEGG, I.; COSTA, M. R. J.; TITTON, M. **Dinâmicas de grupo orientadas pelas atividades de estudo: desenvolvimento de habilidades e competências na educação profissional.** Rev. bras. Estud. pedagog. (online), Brasília, v. 95, n. 240, p. 346-362, maio/ago. 2014.

ALONSO, K. M.; SILVA, D. G. **A educação a distância e a formação on-line: o cenário das pesquisas, metodologias e tendências.** Educ. Soc., Campinas, v. 39, n. 143, p. 499-514, abr.-jun. 2018. DOI: 10.1590/ES0101-73302018200082. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302018000200499&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 nov. 2021.

ALTET, M. **As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar.** In: PAQUAY, Léopold et al. (Orgs.). Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 23-35.

ALVES, L. **Educação remota: entre a ilusão e a realidade.** Interfaces Científicas-Educação, 8(3), 348-365. 2020. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365>.

ALVES, F. C.; MARTINS, E. S.; LEITE, M. C. S. R. **O PIBID e a aprendizagem do fazer docente em tempos de pandemia.** REVISTA IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO JCR, v. 16, p. 1586-1603, 2021.

ARAGÃO, J. W. M.; NETA, M. A. H. M. (ed.). **Metodologia Científica.** Salvador. 2017. *E-book* (53p.) color. ISBN: 978-85-8292-131-9. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30900>. Acesso em: 13 dez. 2021.

ARAÚJO, G. H. M.; SILVA, A. S. C.; CARVALHO, L. A. S.; SILVA, J. C.; RODRIGUES, C. W. M. S.; OLIVEIRA, G. F. **O quiz como recurso didático no processo ensino-aprendizagem em genética.** In: 63ª Reunião Anual da SBPC, nº 2176-1221, 2011. Anais da 63ª Reunião Anual da SBPC. Goiânia, 2011. Disponível em: <

<http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/resumos/resumos/5166.htm>> Acesso em: 16 dez. 2021.

ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. (Orgs.) **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 8ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2009.

BARBOSA, M.; S.; S. **O Papel da Escola: Obstáculos e Desafios para Uma Educação Transformadora**. 2003. (Relatório de pesquisa).

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTA, E. C; MATOS, L. A. L; NASCIMENTO, A. B. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.28-38, 2017.

BERBEL, N. A. N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Seminário: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326/0> Acesso em: 13 nov. 2021.

BRANCO, A. R. M. C.; MOUTINHO, P. E. C. **O lúdico no ensino de física: o uso de gincana envolvendo experimentos físicos como método de ensino**. Caderno de física da uefs 13 (02): 2601.1-8, 2015.

BRASIL & MEC (2002). **PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais** - Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias.

BRASIL. (2018). Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília: MEC, 2018. Recuperado de http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13. nov. 2021.

BRASIL & MEC (2018). **Programa de bolsas de iniciação será avaliado por coordenadores.** [S.l.]. GOVBR, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/pibid>. Acesso em: 13 dez. 2021.

BRASIL. **Decreto 6755 de 27 de janeiro de 2009.** Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências. Brasília: MEC, 2009.

BROOKS, S. **O impacto psicológico da quarentena e como reduzi-lo: revisão rápida das evidências.** The Lancet, v. 395, p. 912-920. 2020.

BOCACIO, C. B.; SEVERO, R. C. B. S. **Políticas públicas educacionais para a formação de professores no Brasil: contribuições do Pibid em tempos de pandemia.** 1ªed.Guaruja: Editora Científica, 2021, v. , p. 12-28.

BORGES, A. T. **Novos rumos para o laboratório escolar de ciências.** Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 19, n. 3, p. 9–31, 2002.

CAMPOS, C. J. G. **Método de Análise de Conteúdo: Ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde.** Rev Bras Enferm, Brasília (DF), 2004.

CAPECCHI, M.C.V.M. e CARVALHO, A.M.P. **Interações discursivas na construção de explicações para fenômenos físicos em sala de aula.** Atas do VII EPEF, Florianópolis, 2000.

CASTROGIOVANNI, A. C (org.). **Iniciação à Docência em Ciências Sociais, Geografia e História.** São Leopoldo: OIKOS, 2011.

CHAGAS, E. **Data Senado: quase 20 milhões de alunos deixaram de ter aulas durante pandemia.** Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20->

milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia# Acesso em: 17. Dez 2021.

CORDEIRO, K. M. A. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino.** 2020. Disponível em: <http://oscardien.myoscar.fr/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMIA%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20A%20UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20TECNOLOGIA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2021.

COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2016.

CROPLEY, A. J. **Creativity: a social approach.** Roper Review, 28, p. 125-131, 2006.

DELLAGNELO, E. H. L.; SILVA, R. C. **Análise de conteúdo e sua aplicação em pesquisa na administração.** In M. M. F. Vieira & D. M. Zovain (Orgs.), Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática (pp. 97-118). São Paulo: FGV, 2005.

DOSEA, G. S.; ROSARIO, R. W. S.; SILVA, E. A.; FIRMINO, L. R.; OLIVEIRA, A. M. S. **Métodos ativos de aprendizagem no ensino online: a opinião de universitários durante a pandemia de Covid-19.** Interfaces científicas – Educação v. 10, p. 137-148, 2020.

DURÉ.; R.; C.; ANDRADE.; M.; J.; D.; ABÍLIO.; F.; J.; P. **Por que professores de biologia se tornam professores de Biologia? Um estudo fenomenológico sobre identidade profissional e formação docente.** In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DAS LICENCIATURAS, 2019, Recife. DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL: CAMINHOS PARA DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E SOCIAL. Recife: COINTER, 2019. v. 01.

FARIAS, L. N. **Feiras de ciências como oportunidades de (re) construção do conhecimento pela pesquisa.** 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico, Belém, 2006. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas.

FARIAS, P. A. M.; MARTIN, A. L. A. R.; CRISTO, C. S. **Aprendizagem Ativa na Educação em Saúde: Percorso Histórico e Aplicações**. Revista Brasileira de Educação Médica. Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 143-150, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010055022015000100143&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 nov. 2021.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa** (3a ed., J. E. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed, 2009. (Obra original publicada em 1995)

FONSECA, S. M.; MATTAR, J. **Metodologias ativas aplicadas à educação a distância: revisão de literatura**. Revista Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais, São Cristóvão-SE, v. 17, n. 2, p. 185-197, 2017. DOI: 10.29276/redapeci.2017.17.26509.185-197. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/6509>. Acesso em: 13 nov. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2011.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 36. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa** (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GALANTE, C.E.S. **O uso de mapas conceituais e de mapas mentais como ferramentas pedagógicas no contexto educacional do ensino superior**. 2013.

Disponível: <https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1389979097.pdf>. Acesso em 16 dez. 2021

GANDRO, R.C. **O conhecimento matemático e o uso de jogos na sala de aula.** Tese. Doutorado. Universidade de Campinas. Campinas: Unicamp, 2000.

GARRIDO, R. G.; GARRIDO, F. S. R. G. **COVID-19: um panorama com ênfase em medidas restritivas de contato interpessoal.** Revista Interfaces Científicas – Saúde e Ambiente, v. 8, n. 2, p. 127-141, 2020. DOI: 10.17564/2316-3798.2020v8 n2p127-141. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/saude/article/view/8640>. Acesso em: 13 nov. 2021.

GATTI, B. et al. **Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid).** São Paulo: FCC. V. 41, 2014.

GIOPPO, C; SCHEFFER, E. W O; NEVES, M. C. D. **O ensino experimental na escola fundamental: uma reflexão de caso no Paraná.** Editora da UFPR. Educar, Curitiba, v. 14, n. 14, p.39-57, abr. 1998. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2028/1680>. Acesso em 16. dez 2021

GOLDBACH, T.; MACEDO, A. G. A. **Olhares e tendências na produção acadêmica nacional envolvendo o ensino de genética e de temáticas afins: contribuições para uma nova “genética escolar”.** Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências, 6, Atas. Florianópolis, SC, 2007.

GOMES, K. F. **O lúdico na escola: atividades lúdicas no cotidiano das escolas do ensino fundamental I no município de Araras.** Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro. 2009

GOMES, N. P.; SILVA, A. F.; MOITA, C. E.; SANTOS, J. R. L.; CARVALHO, L. C.; COUTO, T. M.; CARVALHO, M. R. S.; ALMEIDA, L. C. G. **Saúde mental de docentes universitários em tempos de covid-19.** Saúde e Sociedade, 2021.

GONÇALVES, M.; OLIVEIRA, A. M.; PINHEIRO, P. O. **Do isolamento social ao crescimento pessoal: reflexões sobre o impacto psicossocial da pandemia.** Revista Gazeta Médica. Nº2 Vol 7. Abril/Junho 2020.

GUIDETTI, A.; A.; MARTINELLI, S.; C. **Desempenho em leitura e suas relações com o contexto familiar.** In: SANTOS, A. A. A.; BORUCHOVITCH, E.; OLIVEIRA, K. L. *Cloze: um instrumento de diagnóstico e intervenção.* SP: Casa do Psicólogo, 2009.

HERMANN, W.; BOVO, V. **Mapas mentais enriquecendo inteligências.** 2005. Disponível em: <<http://www.idph.net/download/mmappoint.pdf>>. Acesso em 16 dez. 2021

HOFSTEIN, A; LUNETTA, V. N. **The role of the laboratory in science teaching: neglected aspects of research.** Review of Educational Research, n. 52, p. 201-217, 1982.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua: 2018 acesso à internet e a televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101631>. Acesso em: 13 nov. 2021.

ISHIDA, J. S.; STEFANO, S. R.; ANDRADE, S. M. **Avaliação da satisfação no ensino de pós à distância: a visão dos tutores e alunos do PNAP/UAB.** Avaliação: revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas, v. 18, n. 3, p. 749-772, nov. 2013. DOI: 10.1590/S1414-40772013000300012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141440772013000300012&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 13 nov. 2021.

KENSKI, V. M. **Educação e internet no Brasil.** Cadernos Adenaur XVI, n. 3, p. 133-150, 2015. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/281121751>. Acesso em: 13 nov. 2021.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia.** 4aed. São Paulo: Ed. USP, 2004.

KUENZER, A.; CALDAS, A. **Trabalho docente: comprometimento e desistência.** In: FIDALGO, F.; OLIVEIRA, M.; A.; FIDALGO, N. (Orgs.) **A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade.** Campinas, SP: papyrus, 2009. p. 19-48.

LACERDA, F. C. S. **Diferentes Metodologias Propostas para o Ensino de Geografia através do Pibid,** In: CONEDU, 2017. João Pessoa, IV CONEDU, 2017.

LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

LEITÃO, S. **The potential of argument in knowledge building.** *Human Development*, n. 43, p. 332-360, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** 16ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 1998, p.161.

LIBÂNEO, J. C. **O ensino da Didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos do ensino fundamental nos currículos dos cursos de Pedagogia.** R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 91, n. 229, p. 562-583, set./dez. 2010.

LIMA, D. B; GARCIA, R. N. **Uma investigação sobre a importância das aulas práticas de Biologia no Ensino Médio.** Porto Alegre, v. 24, n. 1, jan./jun. 2011

LOPES, T. **Pandemia amplia abismo entre escolas públicas e privadas no Brasil.** 2020. Disponível em: <https://defatoonline.com.br/educacao-a-distancia-expoe-abismo-entre-o-ensino-publico-e-privado/> Acesso em: 17. Dez 2021

MADEIRA, M. C. **Situações em que a aula expositiva ganha eficácia.** Araçatuba, UNITOLEDO, 2015.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. **Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19.** Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 37. 2020.

MARTINHUK-KUTZMY, A.; JESUS, L. L.; BYCZKOVSKI, F. **A formação docente: uma análise sobre a teoria e a prática no curso de licenciatura em Geografia.** In: XII Congresso Nacional de Educação EDUCERE, o III Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação SIRSSE, V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (SIPD/CÁTEDRA UNESCO) e o IX Encontro Nacional Sobre Atend, 2015, Curitiba. Formação de professores, complexidade e trabalho docente, 2015. p. 4817-4828.

MÉDICI, M. S.; TATTO, E. R.; LEÃO, M. F. **Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus.** Revista Thema, v. 18, n. ESPECIAL, p. 136-155, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/1837/1542>. Acesso em: 21 dez. 2021

MELO, M. C. H; CRUZ, G. C. **Roda de conversa: Uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio.** Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

MERRIAM, S. B; **Qualitative Research and Case Study Applications in Education.** San Francisco: Allyn and Bacon, 1998.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa.** In: MICHEL, M. H. Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MIRANDA, K. K. C. O.; LIMA, A. S.; OLIVEIRA, V. C. M.; TELLES, C. B. S. **Aulas remotas em tempos de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos.** In: Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2020, CONEDUemCASA (edição online). Anais VII Congresso Nacional de Educação - Edição online. Campina Grande - PB: Realize Eventos Científicos & Editora, 2020. p. 1-12.

MORÁN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas.** In: SOUZA, C.A.; MORALES, O.E.T. (orgs.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens.** PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf . Acesso em: 13 nov. 2021.

MORAES, R. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n.37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, J. A. M; HENRIQUES, S; BARROS, D. **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede em tempos de pandemia.** São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020

NÓVOA, A. **Devolver a formação de professores aos professores.** Cadernos de Pesquisa em Educação – PPGE/UFES, Vitória, a. 9, v. 18, n. 35, p. 11-22, jan./jun. 2012

NÓVOA, A. (Org). **Os professores e a sua formação.** Portugal: Porto, 2009.

OLIVEIRA, A. J. F.; FIGUEIREDO, C. A. D. M.; FÉLIX, N. M. R. **Metodologias ativas na formação de professores da modalidade de ensino a distância.** Revista Paidéi@: Revista Científica de Educação a Distância, [s. l.], v. 12, ed. 21, p. 168-180, jan. 2020.

OLIVEIRA, L. M.; BARBOSA, I. M. **O PIBID em tempos de Pandemia: uma perspectiva de pibidianos em meio remoto.** XIV Encontro Gaúcho de Educação Matemática. 21 a 23 de julho de 2021 – UFPel (Edição virtual).

OLIVEIRA, R.M.; CORRÊA, Y; MORÉS, A. **Ensino remoto emergencial em tempos de Covid-19: formação docente e tecnologias digitais.** Rev. Int. de Form.de Professores (RIFP), Itapetininga, 2020.

PAES, F. C. O.; FREITAS, S. S. **Trabalho docente em tempos de isolamento social: uma análise da percepção do uso das tecnologias digitais por**

professores da educação básica pública. Revista Linguagem em Foco, v.12, n.2, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4050>. Acesso em: 20 dez. 2021

PEREIRA, A. B.; OAIGEN, E.R.; HENNIG.G. **Feiras de Ciências.** Canoas: Ulbra,2000

PERPÉTUO, S. C; GONÇALVEZ, A. M. **Dinâmicas de grupos na formação de lideranças.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo. Cortez, 1999.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** Novo Hamburgo: 2ª Edição, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: Setembro, 2019.

RODRÍGUEZ, F.; L. SENTÍS, F. **As adaptações do currículo no ensino fundamental.** In: ALCUDIA, Rosa et al. Atenção à diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2002. P. 89-93.

RODRIGUES, K. G.; LEMOS, G. A. **Metodologias ativas em educação digital: possibilidades didáticas inovadoras na modalidade EAD.** Ensaios Pedagógicos, Sorocaba, v. 3, n. 3, p. 29-36, set.-dez. 2019. Disponível em: <http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/156>. Acesso em: 13 nov. 2021.

RODRIGUES, N. C.; SOUZA, N. R.; PATIAS, S. G. O.; CARVALHO, E. T.; CARBO, L.; SANTOS, A. F. S. **Recursos didáticos digitais para o ensino de Química durante a pandemia da Covid-19.** RESEARCH, SOCIETY AND DEVELOPMENT, v. 10, p. e22710413978, 2021.

ROSA, R. T. N. **Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus- o COVID-19.** Rev. Cient. Schola Colégio Militar de Santa Maria Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil Volume VI, Número 1, Julho 2020. ISSN 2594-7672.

SAMPAIO, C.; E.; M. et. al. **Estatísticas dos professores no Brasil.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 83, n. 203/204/205, p. 85-120, jan./dez. 2002.

SANTOS, E. H. L.; DONATO, L. M.; OTTONI, T. P.; WEIDE, H.; WERNER, E. S. **Análise de recursos didáticos e metodologias utilizados por professores em tempos de ensino remoto emergencial.** In: CIET:EnPED (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias/Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância), 2020, São Carlos. Anais do CIET:EnPED 2020, 2020.

SANTOS, S. C. **A importância do lúdico no processo ensino aprendizagem.** Santa Maria, 2010.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. **A Educação em Tempos de Covid-19: ensino remoto e exaustão docente.** Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-24, ago. 2020.

SEABRA, C. **O celular na sala de aula.** Wordpress, mar. 2013. Disponível em: <<http://cseabra.wordpress.com/2013/03/03/o-celular-na-sala-de-aula/>>. Acesso em: 13 nov. 2021.

SCHEIBE, L. **Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo plano nacional de educação.** Educação & Sociedade, 31 (112), p. 981- 1000, 2010.

SCHENEIDERS, L. A. **O método da sala de aula invertida (flipped classroom).** Lajeado: Univates, 2018.

SCHNEIDER, M. S. P. S. **Monitoria: instrumento para trabalhar com a diversidade de conhecimento em sala de aula.** Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, v. Mensal, p.65, 2006.

SILVA, V. G. **Aplicação da Metodologia do Trabalho em Grupo Cooperativo no Ensino de Física.** Universidade Federal de Viçosa, Setembro 2015.

SOUSA, J. R.; SANTOS, S. C. M. **Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer.** Pesquisa e Debate em Educação, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. ISSN 2237-9444. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>.

STANZANI, E. L. **O papel do PIBID na formação inicial de professores de química na Universidade Estadual de Londrina.** 2012. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

UNESCO. **Children With Disabilities.** 2012. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/education/themes/strengthening-education-systems/inclusive-education/children-with-disabilities/>. Acesso em: 13 dez. 2021.

UNESCO. **Impacto da COVID-19 na Educação.** 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/co-vid19/educationresponse>. Acesso em: 20 dez. 2021

VAILLANT, D.; MARCELO, C. **Ensinando a ensinar. As quatro etapas de uma aprendizagem.** Curitiba: Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012.

VIGLUS, D. **O filme na sala de aula: Um aprendizado prazeroso.** Ponta Grossa, 2017.

VOGEL, M. **A construção do PIBID como política pública de formação docente panorama de construção do programa.** Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino, Dossiê n.5, vol. 1, nov. 2020

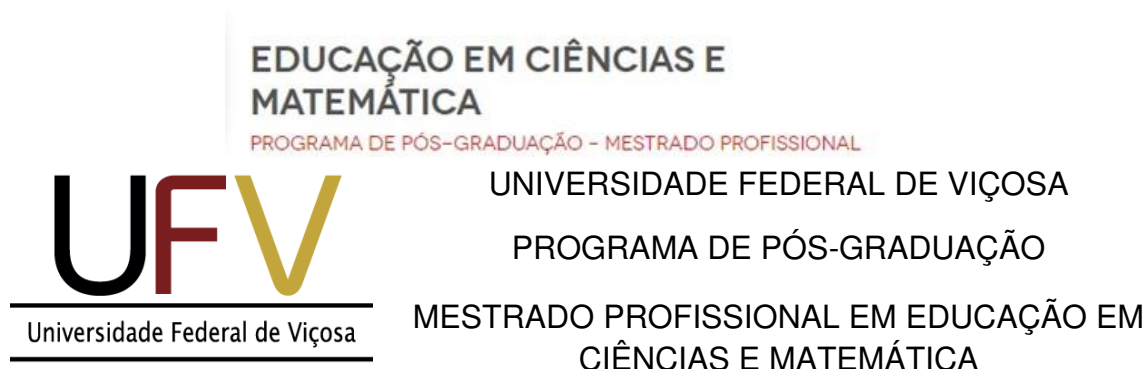
VYGOTYSKY, L. S. (1991). **Pensamento e Linguagem.** São Paulo. Martins Fontes, 1991.

ZEICHNER, K. **Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades.** Educação, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 479-504, set./dez. 2010

ZORATTO, F. M. M; HORNES, K. L. **Aula de campo como instrumento didático-pedagógico para o ensino de Geografia.** Volume I, Paraná, 2014

ZUFFO, S.; MOURA, E. P. G. Economia e educação: que relação é essa? Economia e Educação, São Cristóvão, SE, v. 8, n. 15, p. 307-316, jan./abr. 2015.

APÊNDICES



Roteiro de Entrevista 1

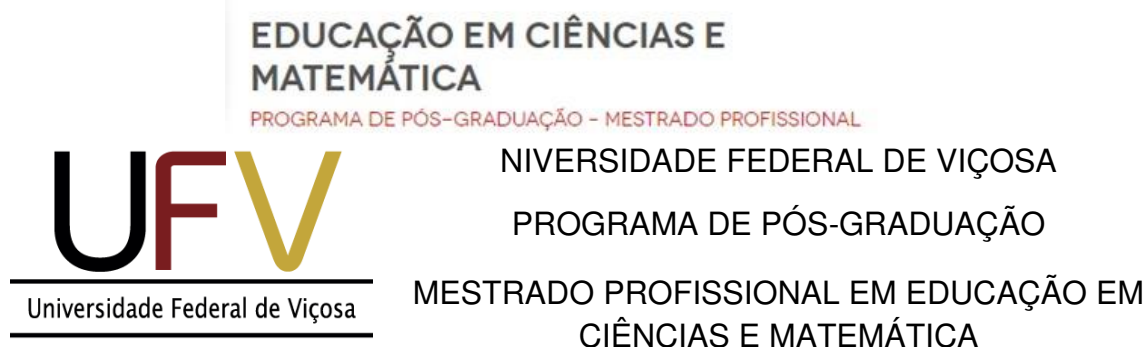
Perfil do entrevistado

1. Qual é seu nome completo?
2. Qual é a sua idade?
3. Quando concluiu o Ensino Médio?
4. Você fez o Ensino Médio em escola pública ou privada?
5. Você fez algum curso preparatório para prestar o Enem?
6. Quando você ingressou no curso de Ciências Biológicas?
7. Você está em qual período do curso?
8. Você já participou de outro curso de graduação antes de Ciências Biológicas?
9. Quais disciplinas da área da Educação você já cursou ou está cursando?

Formação docente

1. Por quais motivos você escolheu um curso de licenciatura?
2. Você se vê sendo um(a) professor(a) como a profissão que exercerá depois de formado(a)? Por quê?
3. Por quais motivos você escolheu a área das Ciências Biológicas?

4. Quais motivos o(a) levou a querer participar do Pibid?
5. Em quais sentidos você acredita que o Pibid possa ser um diferencial na sua formação como professor(a)?
6. Nós chamamos de metodologias de ensino o conjunto de estratégias e materiais que os professores usam em suas aulas. Quais metodologias de ensino você já conhece?
7. Em quais lugares ou situações você acredita que possam ter lhe proporcionado um maior contato com diferentes metodologias de ensino?
8. Desde dezembro de 2019, o mundo tem enfrentado a situação da pandemia de Covid resultando em implicações diretas na Educação. Para você, quais são os principais desafios do ensino remoto?
9. Você acha que os professores podem adaptar suas aulas para o ensino remoto? Você pode listar para mim o que você utilizaria de metodologias e recursos didáticos caso você precisasse ministrar uma aula neste momento?
10. A pandemia teve influência em sua saúde mental? De quais formas?



Roteiro de Entrevista 2

Formação docente

1. O que você pode dizer sobre as experiências e a bagagem de conhecimentos adquiridos acerca desse ano que você participou do Pibid?
2. Qual foi a influência do professor supervisor (ou professor supervisora, no caso) na sua bagagem de conhecimento sobre metodologias de ensino?
3. Como a pandemia e o ensino remoto influenciaram sobre seu conhecimento sobre métodos de ensino?
4. Como a sua participação no Pibid está fazendo diferença na sua formação como professor(a)?
5. O Pibid lhe possibilitou conhecer novas metodologias de ensino? Se sim, em quais momentos? Se não, por quê?
6. Durante o seu tempo como pibidiano, você ministrou alguma aula para os alunos remotamente? Caso positivo, você poderia me contar um pouco da metodologia utilizada e como se deu essa aula? Caso negativo, qual foram os motivos?
7. Se você fosse convidado(a) a ministrar uma aula neste momento, qual metodologia de ensino você utilizaria? E quais os recursos didáticos seriam necessários?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

SUGESTÃO DE PLANEJAMENTO DE REUNIÕES PRODUTO EDUCACIONAL

Dados:

Planejamento de reuniões formativas com as temáticas acerca das metodologias de ensino e recursos didáticos para a formação de pibidianos.

Objetivos:

Geral:

- Sugerir um planejamento de formação em metodologias de ensino para ser usado como modelo a ser seguido para ensinar e promover a discussão sobre a teoria por trás das principais metodologias de ensino no âmbito do Pibid.

Específicos:

- Compreender o que são as metodologias de ensino;
- Compreender a importância da utilização de recursos didáticos para o ensino;
- Entender a importância das plataformas digitais nos processos de ensino e aprendizagem;
- Identificar quais são e como funcionam as principais metodologias de ensino.

Planejamento dos conteúdos na sequência para as reuniões de formação

1. O que são as metodologias de ensino
2. A importância da utilização dos recursos didáticos para o ensino
3. Uso de plataformas digitais
4. Aulas expositivas
5. Aulas expositivas dialogadas
6. Aulas práticas
7. Aulas demonstrativas
8. Aulas lúdicas
9. Aulas com dinâmicas
10. Aulas com perguntas
11. Aulas interativas
12. Aulas de campo
13. Uso de jogos
14. <i>Quizzes</i>
15. Rodas de conversa
16. Debates
17. Oficinas
18. Gincanas
19. Feiras de Ciências

Sugestões de leituras para discussões em grupo:

Mês 1 de formação - O que são as metodologias de ensino

Sugestão de leitura

BRIGHENTI, J.; BIAVATTI, V. T.; SOUZA, T. R. **Metodologias de Ensino-Aprendizagem: uma abordagem sob a percepção dos alunos**. Revista Gestao Universitaria na America Latina - GUAL, v. 8, p. 281, 2015.

Mês 2 de formação – A importância da utilização dos recursos didáticos para o ensino

Sugestão de leitura

NICOLA, J. A.; PANIZ, C. M. **A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no ensino de ciências e biologia.** ISSN 2525-3476, v. 2, p. 355-381, 2016

Mês 3 de formação – Uso de plataformas digitais

Sugestão de leitura

SANTOS, A. J. R. W. A.; SOUZA, E. V. M.; LEAL, L.; MOTA, J. V. M.; LAMPE, L.; SOUZA, S. R.; SILVA, V. S.; ALVES, L. L. **Plataformas digitais como ferramentas nos processos de ensino e aprendizagem de Ciências.** Ciências em Ação perspectivas distintas para o ensino e aprendizagem de ciências. 1ed., 2021, v., p. 95-114.

Mês 4 de formação - Aulas expositivas e expositivas dialogadas

Sugestões de leituras

HARTMANN, A. C.; MARONN, T. G.; SANTOS, E. G. **A importância da aula expositiva dialogada no Ensino de Ciências e Biologia.** In: EnTECI, 2019, Ijuí. EnTECI, 2019.

NEZ, E.; SANTOS, C. A. **Reflexões sobre a metodologia das aulas expositivas na educação básica e superior.** Revista de Educação do Vale dos Arinos - RELVA, v. 4, p. 24-36, 2017

COIMBRA, C. L. **A aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana.** In: Edvalda Araújo Leal; Gilberto José Miranda; Silvia Pereira de Castro Casa Nova. (Org.). *Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando técnicas de metodologias ativas de aprendizagem.* 1ed.São Paulo: Atlas, 2017, v., p. 1-14.

Mês 5 de formação - Aulas práticas

Sugestão de leitura

BASSOLI, F. **Atividades práticas e o ensino-aprendizagem de Ciência(s): mitos, tendências e distorções.** *Ciência & Educação*, v. 20, p. 579-593, 2014.

Mês 6 de formação – Aulas demonstrativas

Sugestão de leitura

GOMES, V.; SANTOS, A. B. S.; SILVA, A. L. **A aula demonstrativa e a aula prática como meios de aprendizagem significativa para alunos de ensino básico realizadas por Pibid de Biologia.** In: XVI SIMBIO Saúde e Ambiente, 2015, Quirinópolis. *Anais do Simpósio de Biologia*, 2015. v. 16. p. 13-17.

Mês 7 de formação – Aulas lúdicas

Sugestão de leitura

SANTOS, C. C. F. D.; LIMA, N. M. **O lúdico como opção metodológica no contexto escolar.** 2016. TCC (Graduação) - Curso de Psicopedagogia, Centro de Psicopedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

Mês 8 de formação - Aulas com dinâmicas**Sugestão de leitura**

SANTOS, A. G.; PESSOA, N. A. R.; FRAGOSO, H. C. **Método das aulas dinâmicas: uma aplicação no ensino de química.** Braz. Ap. Sci. Rev., Curitiba, v. 3, n. 1, p. 529-538, jan./fev. 2019

Mês 9 de formação – Aula com perguntas**Sugestão de leitura**

RUBINSTEIN, E. R. **A pergunta no processo ensino aprendizagem.** REVISTA PSICOPEDAGOGIA, v. 36, p. 317-331, 2019.

Mês 10 de formação - Aulas interativas**Sugestão de leitura**

SANTOS, C. P.; NICOT, Y. E. **A interatividade no processo de ensino e aprendizagem de Ciências.** REVISTA REAMEC, v. 8, p. 98-112, 2020.

Mês 11 de formação – Aulas de campo**Sugestão de leitura**

FERNANDES, D. G.; MIGUEL, J. R. **Contribuições de uma aula de campo para a aprendizagem de conhecimentos científicos nos anos iniciais do ensino fundamental.** AMAZÔNIA (UFPA. 2004), v. 13, p. 64-77, 2017.

Mês 12 de formação – Uso de jogos**Sugestão de leitura**

NICÁCIO, S. V.; ALMEIDA, A. G. **Uso de jogo educacional no ensino de Ciências: uma proposta para estimular a visão integrada dos sistemas fisiológicos humanos**. In: Frederico Celestino Barbosa; Carlos Eduardo de Oliveira Gontijo; Plínio Ferreira Pires. (Org.). **Desafios da educação brasileira: impactos e perspectivas**. 1ed.Piracanjuba: Conhecimento Livre, 2020, v. 1, p. 36-48.

Mês 13 de formação – Quizzes**Sugestão de leitura**

VARGAS, D.; AHLERT, E. M. **O processo de aprendizagem e avaliação através de quiz**. In: AHLERT, E. M.; MAGEDANZ, A.; HORN, C. I.; VIVIAN, D.; FASSINI, E.; WILDNER, M. C. S.; SCHWERTNER, S. F.; PADILHA, T. A. F. (Org.). **Docência na educação profissional: artigos e resumos**. 1ed.Lajeado, RS: Editora Univates, 2018, v., p. 146-159.

Mês 14 de formação – Rodas de conversa**Sugestão de leitura**

MOURA, A. B. F.; LIMA, M. G. S. B. **A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível**. Temas em Educação (UFPB), v. 23, p. 98-106, 2014.

Mês 15 de formação – Debates**Sugestão de leitura**

BARBOSA, C. L. B.; MARINHO, D. M.; CARVALHO, L. S. C. O. **Debate como metodologia de ensino para a aprendizagem crítica.** In: Breno Trajano de Almeida; Daniel Aguiar da Silva Oliveira Carvalho. (Org.). **Programa de Residência Pedagógica na Licenciatura em Informática: Partilhando possibilidades.** 1ed. Natal: FAMEN, 2019, v., p. 22-32.

Mês 16 de formação – Oficinas**Sugestão de leitura**

SOUSA, A. I. S. R.; MARTINS, H. N. F.; FARIAS, P. P. **A importância das oficinas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem.** In: Antônia Dalva França-Carvalho; Cássio Henrique Martins; Érica Pires Conde; Heloíza Ribeiro de Sena Monteiro. (Org.). **Estratégias de ensino: Propostas multidisciplinares de aprendizagens significativas na educação básica.** 1ed. Teresina: EDUFPI, 2014, v. 01, p. 141-149.

Mês 17 de formação – Gincanas**Sugestão de leitura**

SAMPAIO, J. S. O uso de gincanas pedagógicas para auxiliar o ensino aprendizagem. II CONEDU Congresso Nacional de Educação, 2015.

Mês 18 de formação – Feiras de Ciências**Sugestão de leitura**

PEREIRA, K. R.; SCHWANTES, L. Feira de Ciências como metodologia para a construção coletiva do conhecimento. Educere, Congresso Nacional de Educação, 2017.